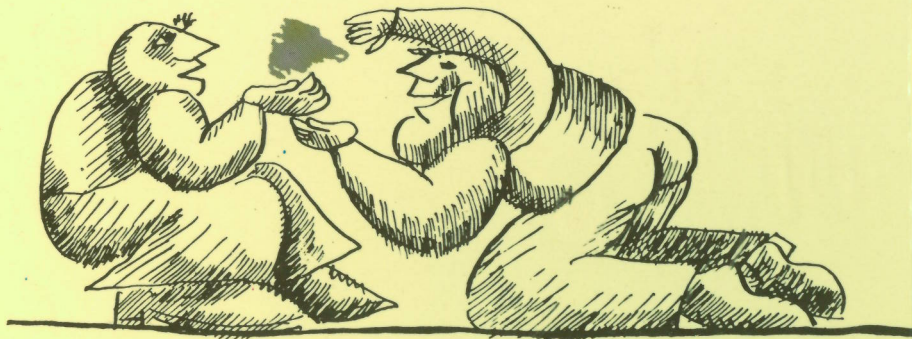


Em nosso século, poucos educadores conheceram tão a fundo a alma da criança e do adolescente como Janusz Korczak, o mestre polonês que levou sua dedicação aos pequenos a ponto de — com um grupo deles — fazer a viagem final, em meio ao extermínio da 2.ª Guerra Mundial. Eis um livro raro, tocante, sensível, comovente. Belo e terno, ele não discursa sobre a criança, mas se faz porta-voz dela, voltando a ser criança e revivendo um mundo através dos olhos, sensações, tristezas e desencantos que toda criança vive. Um livro envolvente e sábio, mostrando as dificuldades de ser criança neste mundo feito, pensado e mandado pelos adultos.



ISBN 85-323-0130-4



9 788532 301307

Janusz Korczak QUANDO EU VOLTAR A SER CRIANÇA

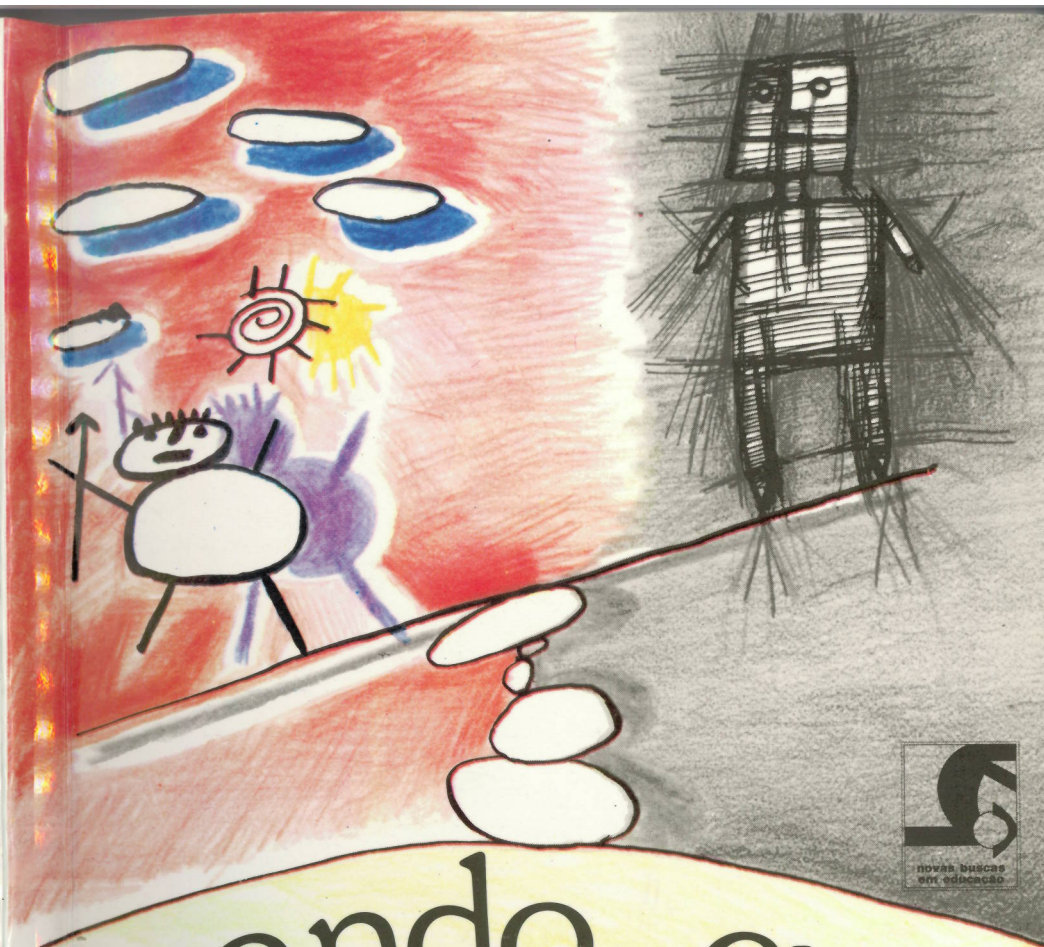


# quando eu voltar a ser criança

janusz korczak

16ª  
EDIÇÃO

summus  
editorial





VISIT...

LANZAROTE  
*Caliente*.COM

Em nosso século, poucos educadores conheceram tão a fundo a alma da criança e do adolescente como Janusz Korczak, o mestre polonês que levou sua dedicação aos pequenos a ponto de — com um grupo deles — fazer a viagem final, em meio ao extermínio da 2.ª Guerra Mundial. Eis um livro raro, tocante, sensível, comovente. Belo e terno, ele não discursa sobre a criança, mas se faz porta-voz dela, voltando a ser criança e revivendo um mundo através dos olhos, sensações, tristezas e desencantos que toda criança vive. Um livro envolvente e sábio, mostrando as dificuldades de ser criança neste mundo feito, pensado e mandado pelos adultos.

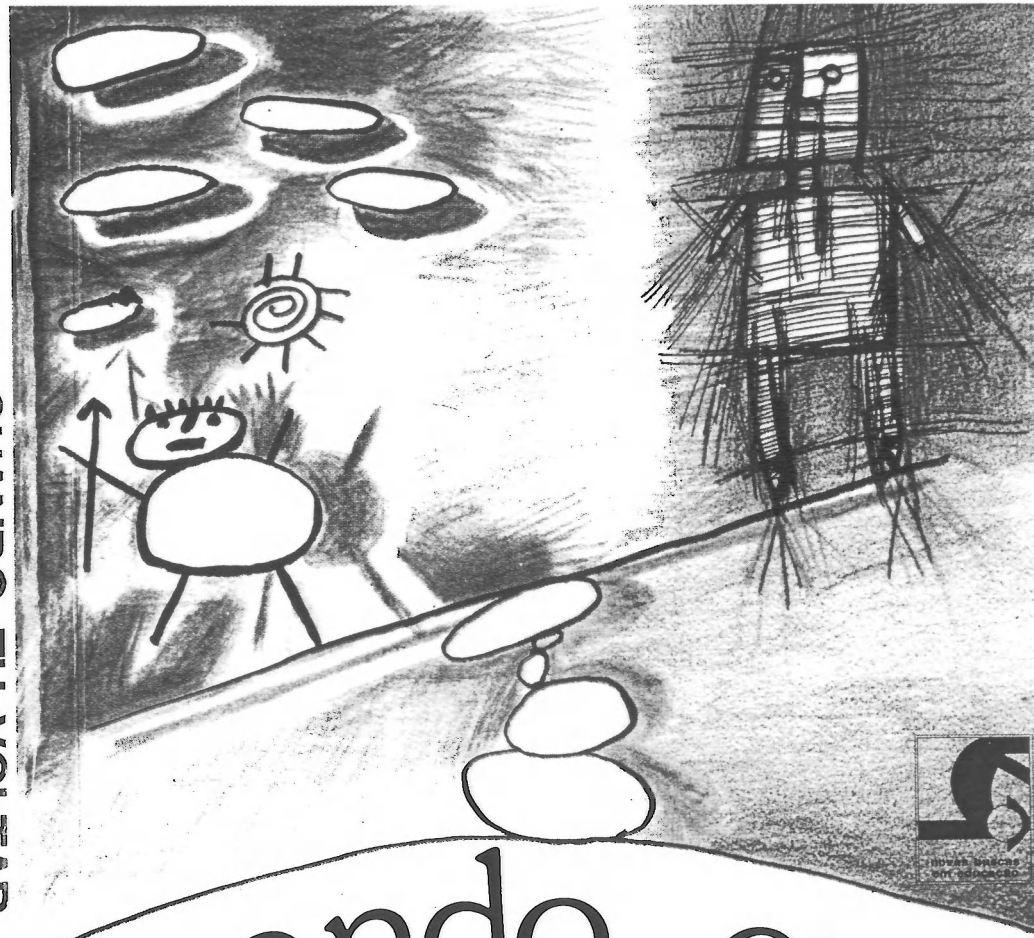


ISBN 85-323-0130-4



9 788532 301307

Janusz Korczak QUANDO EU VOLTAR A SER CRIANÇA



quando eu  
voltar a ser  
criança  
janusz korczak

16ª  
EDIÇÃO

summus  
editorial

K86q KorczaK, Janusz, 1878-1942.  
Quando eu voltar a ser criança / Janusz KorczaK ; [tradução de Yan Michalski; direção da coleção de Fanny Abramovich]. - São Paulo: Summus, 1981.

(Novas buscas em educação ; v. 9)

1. Ficção polonesa 2. Ficção psicológica I. Título.

81.0663

CDD-891.853

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura polonesa 891.853
2. Ficção psicológica : Literatura polonesa 891.853

# quando eu voltar a ser criança

janusz korczak



Compre em lugar de fotocopiar.

Cada real que você dá por um livro recompensa seus autores  
e os convida a produzir mais sobre o tema;

incentiva seus editores a encomendar, traduzir e publicar  
outras obras sobre o assunto;

e paga aos livreiros por estocar e levar até você livros  
para a sua informação e o seu entretenimento.

Cada real que você dá pela fotocópia não autorizada de um livro  
financia o crime

e ajuda a matar a produção intelectual de seu país.

  
**summus**  
**editorial**

Do original em língua polonesa  
*KIEDY ZNOW BEDE MALY*  
Direitos desta tradução adquiridos por Summus Editorial

Tradução: **Yan Michalski**  
Capa: **Edith Derdyk**  
Direção da Coleção: **Fanny Abramovich**

A Summus agradece a colaboração do Consulado Geral da República Popular da Polônia (S. Paulo) e da Agência Polonesa dos Autores na obtenção do original em polonês e pela autorização para sua tradução, cuja propriedade fica reservada à Editora.

### **Summus Editorial**

Departamento editorial:  
Rua Itapicuru, 613 – 7º andar  
05006-000 – São Paulo – SP  
Fone: (11) 3872-3322  
Fax: (11) 3872-7476  
<http://www.summus.com.br>  
e-mail: [summus@summus.com.br](mailto:summus@summus.com.br)

Atendimento ao consumidor:  
Summus Editorial  
Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado:  
Fone: (11) 3873-8638  
Fax: (11) 3873-7085  
e-mail: [vendas@summus.com.br](mailto:vendas@summus.com.br)

Impresso no Brasil

## **NOVAS BUSCAS EM EDUCAÇÃO**

Esta coleção está preocupada fundamentalmente com um aluno vivo, inquieto e participante; com um professor que não tema suas próprias dúvidas; e com uma escola aberta, viva, posta no mundo e ciente de que estamos chegando ao século XXI.

Neste sentido, é preciso repensar o processo educacional. É preciso preparar a pessoa para a vida e não para o mero acúmulo de informações.

A postura acadêmica do professor não está garantindo maior mobilidade à agilidade do aluno (tenha ele a idade que tiver). Assim, é preciso trabalhar o aluno como uma pessoa inteira, com sua afetividade, suas percepções, sua expressão, seus sentidos, sua crítica, sua criatividade...

Algo deve ser feito para que o aluno possa ampliar seus referenciais do mundo e trabalhar, simultaneamente, com todas as linguagens (escrita, sonora, dramática, cinematográfica, corporal, etc.).

A derrubada dos muros da escola poderá integrar a educação ao espaço vivificante do mundo e ajudará o aluno a construir sua própria visão do universo.

É fundamental que se questione mais sobre educação. Para isto, deve-se estar mais aberto, mais inquieto, mais vivo, mais poroso, mais ligado, refletindo sobre o nosso cotidiano pedagógico e se perguntando sobre o seu futuro.

É necessário nos instrumentarmos com os processos vividos pelos outros educadores como contraponto aos nossos, tomarmos contato com experiências mais antigas mas que permanecem inquietantes, pesquisarmos o que vem se propondo em termos de educação (dentro e fora da escola) no Brasil e no mundo.

A coleção *Novas Buscas em Educação* pretende ajudar a repensar velhos problemas ou novas dúvidas, que coloquem num outro prisma, preocupações irresolvidas de todos aqueles envolvidos em educação: pais, educadores, estudantes, comunicadores, psicólogos, fonoaudiólogos, assistentes sociais e, sobretudo, professores... Pretende servir a todos aqueles que saibam que o único compromisso do educador é com a dinâmica e que uma postura estática é a garantia do não-crescimento daquele a quem se propõe educar.

## ÍNDICE

|                                                |     |
|------------------------------------------------|-----|
| <i>Apresentação da Edição Brasileira .....</i> | 9   |
| Ao leitor adulto .....                         | 11  |
| Ao leitor jovem .....                          | 13  |
| Prólogo .....                                  | 15  |
| Primeiro dia .....                             | 23  |
| Segundo dia .....                              | 57  |
| Malhado .....                                  | 85  |
| Amor .....                                     | 115 |
| Dias cinzentos .....                           | 141 |
| <i>Sobre o autor.....</i>                      | 155 |

## APRESENTAÇÃO DA EDIÇÃO BRASILEIRA

A vida inteira de Janusz Korczak (Henryk Goldsmit) foi uma luta em favor da criança, em defesa dos seus direitos humanos, do respeito que lhe é devido, em casa, na escola, na rua, no orfanato, ou seja lá onde for. Janusz Korczak foi um batalhador pela causa que escolheu, grande e justa causa que exigiu dele estudos e pesquisas de cientista, criatividade de poeta, combatividade de jornalista e coragem de inovador. Mas que, principalmente, exigiu dele o que mais ele tinha para dar: amor, um amor sem limites por todas as crianças, mas em especial pelas crianças desamparadas. Um amor que ele vivenciou até as últimas conseqüências, como um justo, como um santo.

Janusz Korczak deveria ter o seu retrato em lugar de honra em todas as escolas do mundo, deveria existir um “Dia Internacional de Janusz Korczak”, para que todas as crianças pudessem comemorar a data em homenagem a este homem — médico, humanista, professor, educador, escritor, reformador — que foi o seu maior amigo. E que disso deu prova em toda a sua vida, que culminou na prova maior: sua morte de herói e mártir da causa da criança. Porque Janusz Korczak, que teve oportunidade de ser retirado do gueto de Varsóvia, onde fora confinado com as duzentas crianças do seu orfanato, por ser judeu, recusou a salvação e preferiu ser arrastado ao famigerado campo de concentração de Treblinka, para morrer assassinado pelos nazistas, junto com as crianças que não quis abandonar.

Janusz Korczak escreveu muito: artigos científicos, ensaios psicológicos, panfletos, contos, peças de teatro — e livros para e sobre crianças. E este *Quando Eu Voltar a Ser Criança* é um deles.

O livro, que é uma espécie de “ficção psicológica”, está escrito na primeira pessoa, como o relato de um professor primário que, cansado dos seus problemas de mestre-escola e adulto, se lembra com saudade da decantada “aurora da minha vida” — e magicamente volta à infância; volta a ser criança, mas sem perder a memória de adulto. E então, passando pela experiência de alguns dias na vida de um garotinho, ele descobre que ser criança — mesmo uma criança de classe média, bem alimentada, com pais vivos, lar, irmãzinha, brinquedos — não é nenhum mar de rosas. São tantas as dificuldades! Fora alguns momentos bonitos: um claro dia de neve, um “namoro” infantil, um cachorrinho encontrado na rua — são tantos os problemas! Tantas incompreensões, arbitrariedades, autoritarismo, injustiças, violências morais e físicas, que a criança tem de suportar, calada e submissa. Até as manifestações de “carinho” de certos adultos são tantas vezes grosseiras, desagradáveis e humilhantes...

“Para nós não existe direito nem justiça, somos uma classe oprimida”, escreve o “pequeno autor”. No mundo dos adultos a criança “não tem importância”: é tratada com desatenção, menosprezo, impaciência. Eles sempre têm mais o que fazer do que se incomodar com as “puerilidades” das crianças. Qual é o adulto que entende que “se ele me deu os patins de presente, se o presente é meu, então posso fazer o que quiser com eles”? (No caso, trocar os patins com um colega por um cobiçado estojo.) Qual é o adulto que compreende que uma criança pode querer ficar triste: “A tristeza não é ruim, é um sentimento suave e agradável”, sem que isso seja causa de reprimendas e “cobranças”? Quem entre os adultos reconhece a sexualidade infantil, o amor de uma criança por outra? Ou respeita as lágrimas infantis? Por que eles não entendem que “os vidros quebram, as molas (do sofá) arrebentam, as calças rasgam” — e não é por perversidade proposital da criança?

Os exemplos são muitos, neste livro tão cheio de compreensão da alma infantil, de ternura e delicado humor — um livro aparentemente dirigido às crianças, mas que de fato se dirige aos adultos, pais, mestres, parentes, educadores — e coloca diante deles um espelho impiedoso, mas capaz de abrir os olhos, ainda que seja apenas os dos menos empedernidos... Só por isso já valeria a pena lê-lo. Mas não só por isso: *Quando Eu Voltar a Ser Criança* é também uma leitura amena e agradável, em que pese a seriedade e importância do seu conteúdo.

TATIANA BELINKY

## AO LEITOR ADULTO

Vocês dizem:

— Cansa-nos ter de privar com crianças.

Têm razão.

Vocês dizem ainda:

— Cansa-nos, porque precisamos descer ao seu nível de compreensão.

Descer, rebaixar-se, inclinar-se, ficar curvado.

Estão equivocados.

— Não é isto o que nos cansa, e sim, o fato de termos de elevar-nos até alcançar o nível dos sentimentos das crianças.

Elevar-nos, subir, ficar na ponta dos pés, estender a mão.

Para não machucá-las.



## AO LEITOR JOVEM

Vocês não encontrarão nesta novela aventuras palpitantes. É uma tentativa de novela psicológica.

Em grego *psyche* quer dizer *alma*.

O assunto deste relato é aquilo que acontece na alma do homem: o que ele pensa, o que sente.

## PRÓLOGO

Foi assim:

Estou deitado na cama, mas não estou dormindo. Então me lembro de que quando era pequeno pensava muitas vezes sobre o que faria quando ficasse grande.

Fazia muitos planos.

Quando for grande, construirei uma casinha para os meus pais.

Vai ter um pequeno jardim. Então, vamos poder plantar árvores no jardim: pereiras, macieiras, ameixeiras. E vou semear flores. De tal maneira que quando umas estiverem murchando, outras desabrocharão.

Comprarei uma porção de livros ilustrados, ou sem ilustrações, mas que sejam interessantes.

Comprarei tintas, lápis de cor. Vou desenhar e pintar. Tudo que estiver vendo, irei pintando.

Vou tomar conta do jardim, e vou construir um caramanchão.

No caramanchão vou botar uma cadeira, uma poltrona com encostos para os braços. O caramanchão estará coberto de trepadeiras, e quando papai voltar do trabalho, será bom ele ficar confortavelmente sentado na sombra. Ele vai botar os óculos e vai ler o jornal.

E mamãe? Mamãe vai ter galinhas. E haverá um pombal, em cima de um pau alto, para nenhum gato ou outro malandro fazer estragos.

E haverá coelhos, também.

Terei uma gralha e tentarei ensiná-la a falar.

Terei um pônei e três cachorros.

Às vezes quero ter três cachorros, outras vezes quatro. Já sei, até, como eles vão se chamar. Mas vamos ficar com três: um cachorro para cada um de nós. O meu vai se chamar Joli, mas deixe mamãe e papai dar aos outros os nomes que eles quiserem.

Para mamãe um pequeno cachorrinho, bem doméstico. Mas se ela preferir um gato, tudo bem. Ou então um cachorro e um gato. Acabam se dando bem, e comendo na mesma cumbuca. Para o cachorrinho uma fita vermelha, para o gato, azul.

Cheguei a perguntar um dia:

— Mãe, fita vermelha fica melhor num cachorro ou num gato?

E ela disse:

— Você rasgou a calça outra vez.

Ao papai perguntei:

— Todo velhinho precisa de um banquinho embaixo dos pés, quando fica sentado?

Papai disse:

— Todo aluno deve tirar boas notas, e não deve ficar de castigo.

Então deixei de perguntar. Passei a deduzir as coisas sozinho.

Que tal uns cães de caça? Vou caçar, trarei a caça para casa, darei para mamãe. Caçarei até um javali, claro que não sozinho, mas com meus amigos. Meus amigos estarão grandes, também.

Iremos tomar banho no rio. Fabricaremos uma canoa. Se meus pais quiserem, os levarei a passear.

Terei uma porção de pombos. Escreverei cartas e mandarei os pombos entregá-las. Meus pombos serão pombos-correio.

Mesma coisa para as vacas. Um dia acho que uma será suficiente, outro dia penso que precisarei de duas.

Quando tivermos as vacas, haverá leite, manteiga, queijo. E as galinhas botarão ovos.

Depois teremos colméias. Abelhas e mel. Mamãe fará conservas de ameixas para servir às visitas durante todo o inverno, e preparará diversas geléias.

Haverá uma floresta. Irei passar um dia inteiro na floresta. Levarei comigo tudo que for preciso para passar o dia. Catarei framboesas, morangos silvestres, e depois cogumelos. Deixaremos secar os cogumelos, para poder conservá-los.

Cortarei muita, muita lenha, para atravessar o inverno. Assim não sentiremos frio.

Vamos cavar um poço bem fundo, até achar uma água limpa, cristalina. Mas será também preciso comprar muitas coisas: sapatos, roupas. O pai já estará velho, não poderá ganhar muito dinheiro. Mas eu poderei, sim senhor.

Atrelarei um cavalo e levarei para a feira frutas, verduras, tudo que estiver sobrando. Em compensação, vou comprar tudo de que a gente precisar. Vou barganhar bastante, para poder comprar barato.

Ou então vou encher cestas e mais cestas com maçãs, e pegarei um navio para visitar países longínquos. Nos países quentes existem figos, tâmaras, laranjas, em tal quantidade que o povo já nem acha graça. Então vão comprar minhas maçãs. E eu comprarei as frutas deles. Além disso, comprarei um papagaio, um macaco e um canário.

Acabo sem saber se eu acreditava mesmo nisso tudo. Mas era agradável arrumar as coisas na cabeça desse modo.

Às vezes eu chegava até a saber a cor do cavalo: se seria baio ou tordilho. Mas acontecia de eu ver um cavalo qualquer e pensar: “É um assim que eu vou querer, quando ficar grande.” E logo depois via um outro e pensava: “Não, este aqui será melhor.” Ou então: “Deixe ficar com os dois — este e aquele.”

Ou então fico pensando em outras coisas.

Fico imaginando que sou um professor. Reúno uma porção de pessoas e digo:

— É preciso construir uma boa escola. Uma que não seja apertada, para a gente não precisar se empurrar, pisar um no outro, esbarrar.

As crianças chegam à escola, e eu pergunto:

— Adivinhem o que vamos fazer?

Um responde:

— Vamos fazer uma excursão.

Um outro diz:

— Vai ter projeção de filmes.

Falam isso, falam aquilo.

E eu:

— Não, não. Tudo isso vamos ter também, mas além disso teremos coisa mais importante.

E só quando se tiverem acalmado anunciarei:

— Vou construir uma escola para vocês.

Invento, então, diversos obstáculos. Por exemplo: a escola, lá já quase pronta, desaba ou pega fogo. Precisa começar tudo de novo, mas, só para chatear, construo uma que será melhor ainda.

Sempre imaginei tudo com obstáculos. Quando viajo de navio, há uma tempestade. Se sou um chefe guerreiro, começo sofrendo derrotas, e só no final conquisto a vitória.

Porque quando tudo sai bem desde o início, a coisa fica chata.

Mas então ao lado da escola há uma pista de patinação. Temos quadros, mapas, instrumentos, aparelhos de ginástica, animais empalhados.

Chegam as férias, mas na porta da escola reúnem-se meninos e meninas que gritam:

— Deixem a gente entrar! Não queremos férias, queremos ir à escola!

O contínuo fica discutindo com eles, mas não adianta. E eu fico no meu gabinete, não sei de nada, porque estou preenchendo uns papéis. Mas eis que chega o contínuo. Ele bate na porta, e eu digo:

— Pode entrar.

E ele:

— Senhor diretor, as crianças se rebelaram, não querem férias.

Respondo:

— Não se preocupe, vou logo acalmá-las.

Chego à porta. Estou sorrindo. Não estou zangado. Explico:

— Férias são férias. Os professores precisam descansar. Porque quando estão cansados ficam irritados e gritam com as crianças.

Conversa vai, conversa vem, concluímos: eles podem vir brincar no pátio, mas terão de se responsabilizar de que não haverá bagunça.

Costumava pensar de diversas maneiras sobre o que faria quando crescesse.

Ora penso ficar só com papai e mamãe; ora me vejo casado, para ter o meu próprio lar.

Fico com pena de separar-me dos pais; então, moraremos em apartamentos vizinhos. De um lado da escada os pais, do outro eu e minha mulher. Ou quem sabe é melhor termos duas casinhas, uma perto da outra. Porque as pessoas de idade gostam de calma.

Quando deitam depois do almoço, não gostam de ser incomodadas pelas crianças. E as crianças gostam de correr, pular, chutar, gritar, fazer alvoroço.

Tenho problema com os meus filhos, porque não sei se devo ter só meninos, ou também uma menina. Se é melhor o menino ser o mais velho, ou a menina.

Minha mulher poderia ser como minha mãe; mas os filhos, não sei. Devo querer que eles sejam bagunceiros, ou calmos? E o que devo permitir que façam? Claro que não devem tocar em coisa alheia, nem fumar, nem dizer palavrão, nem bater nos outros, nem brigar demais.

Mas se um dia eles baterem um no outro, ou se recusarem a obedecer, ou quebrarem um objeto de valor, o que deverei fazer?

Será que os quero já quase adolescentes, ou bem pequeninos?

Fico pensando em muitas coisas.

Algumas vezes quero ser alto que nem Miguel, outras vezes prefiro ser do tamanho do tio Renato, outras vezes do tamanho do papai.

Um dia quero ficar adulto para sempre, outro dia só para experimentar. Porque no início poderá parecer agradável, mas depois — quem sabe — vou querer ficar pequeno outra vez?

E pensei, pensei; tanto pensei que acabei me tornando adulto de verdade. Agora já tenho um relógio, bigodes, escrivadinha com gavetas, enfim tudo que os adultos têm. Sou um professor, também de verdade. E não estou satisfeito.

Não estou nada satisfeito.

As crianças não prestam atenção nas aulas, preciso me zangar o tempo todo. Tenho uma porção de aborrecimentos, de toda espécie. Não tenho mais pai nem mãe.

Tudo bem: agora vou começar a pensar ao contrário.

“O que é que eu faria se voltasse a ser criança? Não um bebezinho, mas um garoto que fosse à escola, que brincasse com outros garotos. Se eu acordasse de repente e verificasse: o que foi que aconteceu? Será que estou sonhando, ou é para valer?”

Olho para as minhas mãos, fico estranhando. Olho para a minha roupa, mesma coisa. Pulo da cama, corro para o espelho. O que foi que aconteceu?

E mamãe perguntando:

“Já levantou? Vá se vestir depressa, para não chegar atrasado na escola.”

Se fosse criança de novo, gostaria de me lembrar, de saber, de ser capaz de tudo que agora sei e de que agora sou capaz. E que ninguém suspeitasse de que já fui grande um dia. Me faria de desentendido. Fingiria que sou um menino igual a todos, que tenho pai e mãe, que vou à escola. Assim seria mais interessante e melhor. Ficaria só observando e acharia engraçado ninguém estar me reconhecendo.

Um dia, então, estou deitado na cama, acordado, e fico pensando:

“Se soubesse naquela época, nunca teria feito força para crescer. Ser criança é mil vezes melhor. Os adultos são infelizes. Não é verdade que eles podem fazer o que querem. Têm até menos liberdade do que as crianças. Têm pesadas responsabilidades. Têm mais aborrecimentos. É mais raro terem pensamentos alegres. É verdade que nós, os adultos, não choramos mais; deve ser porque não vale mais a pena chorar. Em vez disso, suspiramos fundo.”

E suspirei.

Suspirei fundo, o mais fundo que pude: o que é que se vai fazer — está tudo perdido. Não adianta. Nunca mais serei criança. Ficar triste não levará a nada.

Mas no que suspirei, escureceu de repente. Breu completo. Não enxergo nada. Só uma espécie de fumaça. Até faz cócegas no nariz.

A porta rangeu. Levo um susto. Aparece uma luzinha. Como se fosse uma pequena estrela.

— Quem é?

A estrelinha vai flutuando no escuro, está cada vez mais perto. Já está ao lado da cama; agora, em cima do travesseiro.

O que será? É uma minúscula lanterna. Um homenzinho está em pé bem em cima do meu travesseiro. Na cabeça, um chapéu alto e vermelho. Barba branca. Bem, é um gnomo. Do tamanho de um dedo.

— Aqui estou.

Sorri e fica parado.

Eu devolvo o sorriso. Devo estar sonhando. Acontece às vezes um adulto sonhar um sonho de criança — nem sabe de onde um sonho desses saiu.

O gnomo fala:

— Você me chamou, aqui estou. O que quer? Estou com pressa.

Ele não fala propriamente: pia que nem um passarinho. E bem baixo, baixinho. Mas eu ouço e entendo.

— Você me chamou, diz ele, e agora não quer acreditar. Começa a agitar a lanterna: para a direita, para a esquerda, para a direita, para a esquerda.

— Você não acredita. Antigamente as pessoas se ocupavam de magia. Agora só crianças acreditam em feiticeiros, gnomos e fadas.

Balança a lanterna e sacode a cabeça. E eu nem tenho coragem de me mexer.

— Diga um desejo qualquer. Tente. Que mal pode fazer?

Abro a boca para perguntar alguma coisa, mas ele já adivinhou; já sabe.

— Você me chamou com um Suspiro de Saudade. As pessoas pensam que só as palavras são mágicas. Mas não é verdade, não é, não é!

Sacode a cabeça, dizendo que não. Pula de um pé para outro. É bem engraçado. E a lanterna para a direita, para a esquerda. E eu sinto que estou adormecendo. Abro os olhos bem abertos, para não dormir. Porque seria uma pena.

— Mas olhe só, diz o gnomo. Olhe só como você é teimoso. Ande rápido, senão me vou embora. Não posso ficar muito tempo. Depois você vai se arrepender.

Eu bem que quero dizer um desejo, mas não consigo. Quem sabe as coisas são assim neste mundo que quando a gente quer vagamente dizer algo, é fácil falar, mas quando quer muito, fica difícil.

Percebo que o gnomo está chateado. Fico com pena dele. Mas não consigo.

— Bem, fique em paz. É uma lástima.

Está indo embora. Então só agora consigo dizer, baixinho e rápido:

— Quero voltar a ser criança.

Voltou — deu uma espécie de meia-volta-volver — e jogou a luz da lanterna bem dentro dos meus olhos. E falou alguma coisa, mas não

ouvi. Não sei como ele saiu. Mas quando acordei de manhã, estava lembrado de tudo.

Olho com curiosidade ao redor.

Não foi sonho, não.

É verdade.



## PRIMEIRO DIA

Não digo a ninguém que já fui adulto: finjo que sempre fui menino, e fico esperando para ver em que é que dá. É tudo esquisito e engraçado. Fico olhando e esperando.

Espero mamãe cortar pão para mim, como se não soubesse fazê-lo sozinho. Mamãe pergunta se já fiz os deveres. Respondo que fiz, mas para dizer a verdade nem sei.

É tudo como na estória da bela adormecida, quem sabe até pior. A bela adormecida ficou dormindo cem anos, mas todos os outros ficaram dormindo também, e acordaram junto com ela: os cozinheiros, as moscas, todos os empregados, e até o fogo na chaminé. E acordaram do mesmo jeito como tinham sido antes. Eu acordei completamente diferente.

Olhei para o relógio, mas logo virei a cara, para não me traír. Quem sabe aquele garoto não sabe ler a hora?

Estou curioso de ver como as coisas serão na escola, que tipo de colegas vou ter. Será que vão reparar? Ou pensarão que estou indo à escola há muito tempo? O estranho é que sei para que escola devo ir, em que rua fica. Sei até que a nossa sala fica no primeiro andar, e a minha carteira é a quarta, perto da janela. E o meu vizinho é o Gilberto.

Lá vou eu, marchando. Agitando os braços. Sinto-me leve, descansado. Bem diferente de quando era professor. Olho para todos os lados. Bato com a mão numa placa de ferro. Nem sei por que fiz isso. Faz frio, tão frio que sai vapor da minha boca. Solto um bafo quente,

para fazer mais vapor. Passa-me pela cabeça que poderia apitar que nem locomotiva, soltar vapor, e correr em vez de caminhar. Mas estou com vergonha. Vergonha por que, puxa? Então não queria ser criança justamente para me sentir alegre?

Mas não pode ser assim logo de saída. Primeiro tenho que olhar bem para as coisas, e depois, com o tempo...

Vão passando garotos, garotas, todos estudantes; vão passando adultos também. Fico olhando para ver quem é mais alegre. Acho-os todos calmos, os adultos e os estudantes. É claro: na rua não dá para fazer bagunça. E também ainda não se animaram, tão cedo de manhã. Comigo é diferente: é o meu primeiro dia de criança, então sinto-me alegre.

Mas meio esquisito também. Como se estivesse com vergonha de alguma coisa.

Não faz mal. No primeiro dia deve ser assim. Depois me acostumo.

De repente, vejo uma carreta grande. O cavalo não agüenta puxá-la. Deve estar mal ferrado, porque suas patas escorregam. Alguns garotos param e ficam olhando. Eu paro também.

“Será que ele agüenta sair, ou não agüenta?”

Esfrego as orelhas, bato com os pés no chão, porque o frio aperta; fico torcendo para que o cavalo puxe logo a carreta, para que tudo acabe. Mas estou com pena de ir embora antes de ver o que acontece. É interessante, sempre: quem sabe o cavalo cai — então, o que é que o cocheiro vai fazer? Se eu fosse adulto, passaria indiferente, é provável que nem repararia em nada. Mas como sou um menino, fico interessado.

Observo como os adultos nos afastam do caminho, porque estamos atrapalhando. E por que estão com esta pressa toda?

Tudo bem. A carreta saiu finalmente, e eu chego na escola.

Penduro o sobretudo no lugar destinado à minha turma. O pessoal está conversando sobre o rio, uns dizem que congelou.

— Foi. Foi esta noite.

Um outro diz que é mentira. Ficam brigando. Não é bem brigando, mas discutindo.

Um diz:

— Veja só! A primeira geada, e ele já quer que o rio esteja congelado. Deve ter uns pedaços de gelo flutuando.

— Que flutuando, que nada.

— Está enchendo, ouviu?

Apareceram mais alguns. Um adulto certamente diria que estão discutindo. É verdade que um diz: “Você é bobo”, e outro: “Imbecil”. Do rio passaram para a neve. Vai ter, não vai ter? Um diz que quando a fumaça, saindo da chaminé, sobe reto para cima, quer dizer que não vai

nevar. Parece também que pelo vôo dos pássaros dá para prever se vai ter neve ou não. Um outro ainda diz que viu no barômetro.

E de novo:

— Débil mental!

— E você, o que é?

— Está mentindo!

— E você, não mente?

Nem todos participam da discussão. Alguns ficam parados, não dizem nada, só ouvem.

Eu também fico ouvindo e lembro que os adultos no bar também discutem muitas vezes — não a respeito da neve, mas da política. É igualzinho. Falam mesmo igual:

— Vamos apostar que o Presidente não aceitará a demissão?

E aqui:

— Vamos apostar que não vai nevar?

Não dizem “Imbecil”, “Está mentindo!”, essas coisas; discutem mais delicadamente, mas também fazem barulho.

Estou assim, parado, quando irrompe Cosme.

— Vem cá, você fez os problemas? Me empresta, para eu copiar. Ontem teve visitas lá em casa. E a professora é capaz de querer verificar.

Eu nem me abalo: abro a pasta e dou uma olhada para ver o que acontece dentro do meu caderno. Como se não fosse coisa minha, mas daquele garoto que ontem fez os deveres em meu lugar.

Nisso, a campainha toca. Ele nem espera eu dar a autorização, pega o caderno e corre para a sua carteira. Passa-me pela cabeça que se ele copiar idêntico, a professora pode perceber e pensar que quem colou fui eu. E aí me põe de castigo.

Acho engraçado a idéia de ser posto de castigo.

Então, Vítor pergunta:

— De que é que está rindo?

— Me lembrei de uma coisa — digo, e continuo rindo.

E ele:

— É bobo. Fica rindo, e nem ele sabe de quê.

Eu respondo:

— Bobo coisa nenhuma. Bobo é você. Quem sabe eu sei de que estou rindo, mas não quero contar?

E ele:

— Olhem só, olhem só, o grande misterioso

E vai embora, ofendido.

Fico admirado de ver que estou sabendo como eles se chamam, pois que os vejo pela primeira vez, e eles também nunca me viram. É igualzinho como num sonho.

Aí então entra a professora, e nada de Cosme devolver o caderno. Chamo baixinho: “Cosme, Cosme!”, mas ele não ouve, ou faz de conta que não ouve. E a professora fala comigo:

— Está agitado por quê? Fique sentado, quietinho.

Penso comigo mesmo: “Pronto, ganhei a primeira reprimenda da professora.”

E fico sentado, mas inquieto, porque estou sem o caderno.

Escondendo-me atrás do colega que está na minha frente; espero para ver o que acontece.

Estou com medo. É desagradável ter medo. Se fosse adulto, não teria medo. Ninguém estaria colando os meus exercícios. Mas já que sou aluno e que um colega pediu, claro que não pude negar. Ele diria logo que sou um inútil, um egoísta. Me chamaria de puxa-saco, que quer ser o único a receber os elogios da professora, por ter feito corretamente a tarefa de casa.

É provável que eu venha a ser o melhor aluno, porque já me formei uma vez. Devo ter esquecido algumas coisas, mas recordar o que se esqueceu é bem mais fácil do que aprender tudo de novo.

A professora está ensinando gramática, regras que já conheço há muito. Ela manda escrever — num piscar de olhos escrevi tudo. Fico parado. Ela reparou que estou sem fazer nada e pergunta:

— Por que não está escrevendo?

Respondo:

— Já acabei tudo, professora.

— Deixe ver o que foi que você escreveu, diz a professora; e me parece que está meio impaciente.

Eu também não gosto quando acontece isso: dou aos meus alunos uma tarefa que deve ocupar uma aula inteira, e eles terminam antes. O professor dá a tarefa e quer ficar sossegado até a campainha, mas eles fazem correndo e depois ficam conversando.

Vou até a mesa da professora e mostro o que fiz.

— Sim, está bem; mas tem um erro.

— Onde? pergunto, fingindo surpresa.

Fiz o erro de propósito, para a professora não desconfiar que já terminei a escola.

Ela diz:

— Procure você mesmo. Se não estivesse tão apressado, teria feito tudo sem erro nenhum.

Volto para o meu lugar e faço de conta que estou procurando o erro, que estou muito ocupado. De agora em diante, vou ter de fazer tudo bem devagar, mas só no início. Depois, quando me firmar como o melhor aluno da turma, os professores se acostumarão à idéia de que sou tão talentoso.

Mas começo a ficar entediado. E a professora pergunta:

— Como é, achou o erro?

— Achei, digo.

— Deixe ver.

Ela olha e aprova: “Está correto.” E a campainha toca.

Quando a campainha toca, é que começa o intervalo. O recreio, como eles dizem. O inspetor nos expulsa da sala e abre as janelas.

E eu, o que faço? Acho esquisito apostar corrida com os garotos. Mas procuro fazer a mesma coisa que todos.

Puxa, que coisa gostosa, agradável! Há quanto tempo eu não corria!

Quando era jovem, podia não apostar corrida, mas me acontecia correr atrás do bonde, ou do trem. Outras vezes brincava com crianças, em casa de amigos. As crianças corriam, e eu fazia de conta que queria pegá-las. Bem, isto quando eu era jovem. Depois, não tinha mais pressa em apanhar o bonde. Se um foi embora, tudo bem: esperarei pelo outro. E quando brincava com uma criança, não corria mais do que uns poucos passos, e aí batia com o pé no chão, para assustá-la. O garoto fugia, e olhava para mim de longe. Ou então dava uma grande volta correndo, e eu só girava sem sair do lugar, como se estivesse me preparando para persegui-lo. Ele pensando que eu, sendo adulto, podia pegá-lo quando quisesse. Mas eu não podia. Claro que força eu tinha, mas o coração disparava logo, e o fôlego me faltava. E quando tinha de subir escadas, subia bem devagar; sendo que quando eram vários lances, dava uma paradinha no meio do caminho.

Já agora é tudo diferente:

Corro a jato, o ar faz um zumbido nos meus ouvidos, bate no meu rosto. Fico suado, mas não faz mal. Acabo dando um pulo de alegria, e soltando um berro:

— Óooopa! Como é bom ser criança!

Aí me assusto e olho em volta, para ver se alguém me ouviu; porque vendo-me tão contente poderia pensar, quem sabe, que eu nem sempre fui criança.

Corro; tudo dança na minha frente. Fico cansado, é verdade. Mas basta dar uma paradinha, respirar fundo algumas vezes — e já posso recomeçar, já descansei. Vamos outra vez!

É tão bom eu ser capaz de correr de novo, e não mais caminhar fazendo *ploct-ploct*, passo após passo.

Meu bom gnomo, como lhe sou grato!

Correr, para nós, é como andar a cavalo, galopando, competindo com o vento. Não se sabe nada, não se pensa, não se lembra de nada, nada se vê — apenas sente-se a vida, uma vida plena.

Sinto que o ar está dentro de mim e em torno de mim.

Perseguindo ou fugindo, tanto faz. Mais depressa!  
Caí. Machuquei o joelho. Doeu um pouco. A campainha tocou.  
Que pena! Se pudesse mais um pouquinho... Só mais um minuto...

— Quem corre mais rápido: você ou eu?

A perna não está mais doendo. De novo o vento bate nos olhos, na cara, nos pulmões. De novo galopo sem pensar, só querendo uma coisa, ser o primeiro. Evito milagrosamente esbarrar nos outros garotos, supero obstáculos. Atravesso o portão, apóio-me no corrimão, vôo escada acima. Não me viro para trás, mas sinto que deixei o adversário longe. Ganhei.

E, no corredor estreito, com todo o impulso da corrida, esbarro no diretor. Quase o derrubo no chão.

Vi o diretor parado ali, mas simplesmente não tive tempo de frear. O mesmo deve acontecer com os maquinistas, os motoristas, os motoneiros. Entendo agora que eles são acusados injustamente. Um desastre, um infortúnio — mas sem culpa. É provável, também, que eu esteja destreinado. Tantos anos já se passaram, meu Deus, tantos anos!

Eu poderia me meter no meio dos outros meninos que vinham correndo. Mas é o meu primeiro dia de escola, só agora, há pouco, voltei a ser aluno.

Então, fico parado feito idiota. Nem sequer pedi desculpas. O diretor me pegou pela gola, sacudiu-me com tanta força que minha cabeça balançou. Está com uma raiva que nunca vi.

— Como você se chama, moleque?

Estou apavorado. Meu coração bate, não consigo articular uma palavra. Ele sabe perfeitamente que não foi de propósito; deveria perdoar. Mas também, que idéia dar uma trombada no diretor com tanto ímpeto. Ele poderia cair, se machucar. Quero dizer alguma coisa, mas estou tremendo, minha língua parece um pedaço de pau.

Ele me sacode outra vez e grita:

— Vai responder, sim ou não? Quero saber o seu nome!

Juntou gente em volta. Ficam olhando. E eu com vergonha do pessoal. Aparece a professora, manda os garotos entrarem na sala de aula. Agora fiquei sozinho. Abaixo a cabeça, que nem um criminoso.

— Vamos ao meu gabinete.

Falo baixinho:

— Com licença, senhor diretor, quero explicar...

Mas o diretor não quer conversa:

— Agora você quer me contar uma história? E quando perguntei pelo seu nome, por que não respondeu logo?

E eu:

— Porque estava com vergonha do pessoal todo que estava parado, assistindo.

— E de correr feito louco, não tem vergonha? Volte amanhã, com a sua mãe.

Começo a chorar. As lágrimas caem sozinhas. Que nem grãos de feijão. Uma sensação de umidade dentro do nariz.

O diretor olha para mim, pelo jeito está ficando com pena.

— Está vendo? Não é bom fazer tanta bagunça, porque depois vem o choro.

Percebo que se pedisse desculpas agora, ele daria o caso por encerrado. Mas fico com vergonha de pedir desculpas. Quero dizer: “Senhor diretor, me dê um outro castigo, para quê incomodar a minha mãe?” Mas não consigo, as lágrimas não deixam.

— Bom, vá para a sua sala, a aula já começou.

Cumprimento-o e vou embora. Outra vez todos olham para mim. A professora olha. E Mário me cutuca por trás:

— Então, o que é que houve?

Não respondo, mas ele insiste:

— O que foi que ele disse?

Estou irritado. Por que chateia, se não é com ele?

A professora intervém:

— Mário, por favor, não quero conversas.

Pelo jeito, ela também quer que me deixem em paz. Ela vê que estou triste, então não vai me perguntar nada até o fim da aula.

Fico sentado, pensando. Tenho muito o que pensar. Penso, não escuto nada, nem de que é que estão falando. É aula de matemática. Os garotos, um atrás do outro, vão ao quadro-negro, escrevem, apagam. A professora pega o giz, fala alguma coisa, explica. E eu pior do que surdo. Porque não ouço e nem sequer enxergo. E nem mesmo finjo que estou acompanhando. A professora poderia perceber logo que não estou prestando atenção. Deve ser bem camarada, porque uma outra qualquer, só para chatear, me teria interrogado. Agora entendo o que acontece com as crianças: quando alguma coisa fracassa, logo falha também isto e aquilo, e mais aquilo outro. Imediatamente a gente perde confiança em si mesmo. Mas deveria ser bem diferente: quando um berra com a gente, outro deveria elogiar, encorajar, consolar. E será que é preciso berrar? Sei lá. Talvez seja, talvez não.

E eu, como agia quando era professor? Uma vez de uma maneira, outra vez de outra. Bem, esbarrei no diretor e logo ele me pegou pela gola. Mas também, que mais podia fazer? Ficou irritado, depois se acalmou. Será que me perdoou? O que ele disse foi:

— Vá para a sua sala de aula.

Fiquei sem saber se preciso voltar amanhã com mamãe, ou não.

E penso comigo mesmo:

“Só algumas horas se passaram desde que voltei a ser criança, e já vivi tantas experiências. Por duas vezes senti medo: uma vez quando o colega ficou com o meu caderno; foi bem desagradável; outra vez no incidente com o diretor. E a coisa não acabou ainda, e eu nem sei o que fazer.”

Senti vergonha, também, quando me seguraram pela gola, como se fosse ladrão. A um adulto ninguém segura assim, ninguém o sacode, quando ele inadvertidamente esbarra em alguém. É verdade que os adultos caminham com cuidado, mas também lhes acontece.

Por outro lado, as crianças têm direito de correr. E se têm esse direito, quem teria de tomar mais cuidado: eu, um menino, ou ele, um experiente educador?

É estranho que isto nunca me tenha passado pela cabeça quando era adulto.

Só faz algumas horas que sou criança, e já tive que chorar. Não chorei muito tempo, mas chorei. E agora, mesmo com os olhos já secos, tenho muita mágoa no coração.

E não acabou ainda. Pois não é que caí? Rasguei a meia, e vejo que esfolei o joelho. Não chegou a sangrar, mas está doendo. Não dói propriamente, mas incomoda. Não senti antes, mas agora que estou sentado, sem mexer, chateado...

Só estou na escola há duas horas, e já fui chamado à atenção pela professora, para não ficar zanzando, para ficar quieto no meu lugar. E o que aconteceria se ela soubesse que deixei copiar os meus exercícios? O que aconteceria se ela agora dissesse: “Repita o que acabei de explicar?”

Não estou prestando atenção. Reconheço que não estou. E na aula não basta ficar sentado quieto, é preciso escutar, saber o que está acontecendo.

Portanto, sou um fingido, um tonto, um distraído — e tudo isto porque sou criança outra vez. Se as coisas são assim, talvez teria sido melhor continuar adulto?

E fiquei com pena do cavalo, que não conseguia arrastar a carreta, porque estava mal ferrado, e a carreta era pesada, e as patas escorregavam no gelo.

Depois de pensar um pouco no cavalo, volto aos meus problemas:

“Será que me sentia mais feliz quando era adulto? Quem sabe o diretor me perdoou? De agora em diante, andarei com cuidado no corredor. Será que vai mesmo nevar de noite? E tenho tanta saudade da neve como se ela fosse minha irmã.”

Aí olho pela janela, a ventania fez tapar o sol. Não lembro mais se eles finalmente chegaram a apostar se vai ou não vai nevar. Mas lembro que nos Estados Unidos também os adultos gostam de fazer apostas, a propósito de qualquer coisa.

Na verdade, talvez as crianças não sejam tão diferentes assim dos adultos, só que levam uma vida diferente e têm direitos diferentes.

Atrás da janela passa uma nuvem grande e negra. E pela minha cabeça passa o seguinte:

“A criança é que nem primavera. Ou tem sol, tempo bom, tudo é alegre e bonito. Ou, de repente, vem tempestade, relâmpagos, trovões, raios que caem. Já o adulto é como se estivesse dentro do nevoeiro. Envolto numa triste névoa. Não tem nem grandes alegrias, nem grandes tristezas. Tudo cinzento e sério. Pois não é que me lembro. Nossas alegrias e tristezas correm que nem o vento, e as deles vivem se arrasando. Pois não é que me lembro.”

Agrada-me esta comparação. Assim sendo, mesmo se pudesse mudar de novo, preferiria experimentar mais um pouco.

Então, senti-me calmo e satisfeito. Calmo, como quando a gente vai passear pelo campo de noitinha, e a brisa nos acaricia suavemente o rosto, como se fosse a mão de alguém. E no céu há estrelas. E tudo está adormecido. E só existe o perfume do campo e da floresta.

A aula passou num instante. Se eu voltar a ser professor, nunca mais interrogarei um aluno que esteja com desgosto. Vamos deixá-lo pensar, acalmar-se, descansar.

Tive até um sobressalto quando a campainha tocou.

E logo o pessoal começa a chatear:

— Por que você estava chorando? O que foi que o diretor falou?

Os adultos mandam a gente não brigar. Pensam que brigamos por prazer. É verdade que existem uns aventureiros agressivos, que provocam os mais fracos. Evitamo-los, passamos ao largo. Mas isto só os faz desembestar mais. Quando passam da medida, temos de dar-lhes afinal uma lição. Felizmente, não são muitos. Eles são um veneno, são a nossa maldição. E é engraçado que os adultos nos acusam a todos justamente por causa desses poucos. Os adultos não sabem o que é um intrometido chato, que leva o mais doce indivíduo à raiva ou ao desespero.

Bem, tenho um desgosto. Mas cada um poderia adivinhar o que foi que o diretor me disse quando quase o derrubei no chão. Então, por que perguntar:

— O que houve? Como foi?

E se fosse um só... Mas não. Você se livrou de um, aparece um outro, e tudo começa de novo. E eles vêem que você não está a fim de conversar. Não o conheço, mal falei com ele alguma vez, e ele já indaga:

— Você trombou com o diretor. Será que ele mandou você voltar com a sua mãe?

Não nos deixam ficar em paz com a nossa tristeza. Continuam insistindo até a nossa tristeza se transformar em irritação.

Respondo calmamente ao primeiro. Ao segundo, já com impaciência:

— Me deixe em paz, por favor.  
Ao terceiro:  
— Vá embora!  
O quarto já leva um empurrão.  
Quem se aproxima agora é Vítor. Já de manhã me havia chamado de misterioso e bobo. Mas agora quer que eu conte tudo.  
— Então, como foi? Você chorou por quê? Levou uma boa descompostura? Devia ter dito que alguém o empurrou.  
— Minta você, se gosta disso, respondo.  
E logo me arrependo.  
— Olhem só, como é honesto! Atenção, pessoal: achei um sujeito que só diz a verdade!  
Procuro me afastar, mas ele me detém.  
— Espere. Está com muita pressa?  
Não me deixa ir embora, me segue, me cutuca.  
Finalmente, empurro-o. Mas ele insiste:  
— Vê se não empurra, porque a escola não é sua. Está pensando o quê? Só porque ganhou um elogio da professora, ou porque fez só um erro, acha que pode agredir os outros?  
A princípio nem entendi o que ele estava falando. Só depois é que compreendi.  
Quase alcancei a porta, mas ele não deixa:  
— Nenenzinho! O nenenzinho chorou! A mocinha chorou!  
E estende a mão suja na direção do meu rosto.  
Faço um gesto para afastar a mão suja. Acontece que o desgraçado é forte. Mas estou tão irritado que nada importa: aconteça o que tem que acontecer. Se tivermos de partir para a briga, ele também vai apalhar um pouco.  
Mas pergunto-me o que diria o diretor, se por acaso passasse por ali e visse a briga. Naturalmente, o culpado sou eu. Já aprontei uma boa antes, e agora de novo. Ficará de marcação comigo. Qualquer coisa que aconteça no futuro, eu serei o suspeito. Porque sou um moleque:  
— Já o conheço. Não é a primeira vez.  
Pois quando eu era professor, dizia a mesma coisa.  
Felizmente, a professora entra na sala, para verificar se todos os alunos saíram.  
— Vamos saindo, meninos. Vamos esticar as pernas um pouco.  
E o sem-vergonha ainda faz uma queixa:  
— Professora, eu quis sair, mas ele não me deixou.  
Senti tanto nojo que tive vontade de cuspir.  
— Está bom; vão andando, vão andando.  
Ele piscou o olho, fez uma careta com a boca, e foi caminhando, de pernas bem abertas, que nem um palhaço; e eu atrás.

Não vou para o pátio, prefiro esperar o fim do recreio.  
Mundinho se aproxima. Olha para mim, e fala baixinho:  
— Não quer sair para brincar um pouco?  
— Não.  
Fica parado, me observando. Será que não quero conversar com ele?  
Aí já é outra coisa. Conto-lhe o que aconteceu, tintim por tintim.  
— Estou sem saber se o diretor me perdoou.  
Depois de pensar um pouco, ele diz:  
— Você deve perguntar. Quando o cara falou, estava irritado. Dá um pulo na secretaria, pergunta. E capaz de ter esquecido.  
Depois houve aula de desenho.  
A professora manda desenhar o que a gente quiser: uma folha de árvore, uma paisagem de inverno, ou qualquer outra coisa.  
Pego o meu lápis; mas o que é que vou desenhar?  
Nunca aprendi a desenhar. Mesmo quando adulto, desenhava mal. No meu tempo, as escolas não eram muito boas. Tudo era severo e monótono. Nada era permitido. Uma escola tão inóspita, fria e sufocante que quando me acontecia, mais tarde, sonhar com ela, eu acordava sempre suado, e feliz de ver que tinha sido um sonho, e não realidade.  
— Não começou ainda? pergunta a professora.  
— Estou pensando como começar.  
A professora de desenho tem cabelos claros e um sorriso simpático. Olha-me bem nos olhos e diz:  
— Pense então com calma. Quem sabe você inventa uma coisa bonita?  
Eu mesmo não sei por que falei:  
— Vou desenhar uma escola, como era antigamente.  
— Mas como você sabe como era?  
— Meu pai me contou.  
É evidente que tive de mentir.  
— Ótimo, diz a professora. É uma idéia bem interessante.  
Fico pensando: “Será que vou conseguir? É verdade que os outros meninos também não devem ser grande coisa como pintores.”  
Desenho mal, mas não tem importância; no máximo vão rir um pouco. Que riam à vontade.  
Existem quadros que se compõem de três partes: um quadro no centro, e dois dos lados. Diferentes um do outro, mas compõem um todo. Um quadro como esse chama-se tríptico.  
Dividi a página em três partes. No centro desenhei o recreio. Os garotos brincam de correr, e um deve ter aprontado algo, porque o professor o puxa pela orelha, e ele procura se livrar, e chora. Mas o professor o segura firme pela orelha, e com uma espécie de chicote lhe



fustiga as costas. O garoto levantou uma perna bem alto, como se estivesse pendurado no ar. Os outros observam, de cabeça baixa, não dizem nada, porque estão com medo.

Era isto o que estava no centro.

Do lado direito desenhei a sala de aula: o professor batendo com a régua nas mãos de um aluno. Só um puxa-saco na primeira fila fica rindo; os outros estão com pena.

À esquerda, uma surra de verdade. O aluno está estendido no banco, um contínuo o segura pelas pernas. E o professor de caligrafia, barbudo, está de braço levantado, com o chicote na mão. Há pouca luz, como se fosse uma paisagem de prisão. Resolvi fazer um fundo bem escuro.

Em cima escrevi: "Tríptico — Escola Antiga".

Quando tinha oito anos, era a essa escola que eu ia. Era a minha primeira escola primária; na época se chamava escola preparatória.

Lembro-me de uma surra que um colega levou. Foi o professor de caligrafia que o castigou. Só não sei mais se o professor se chamava Koch e o aluno Novak, ou se Koch era o aluno e Novak o professor.

Tive muito medo então. Parecia-me que assim que acabassem com ele, chegaria a minha vez. E senti muita vergonha, porque o garoto foi castigado nu. Tiraram-lhe a roupa toda. E na frente da turma, no lugar da aula de caligrafia...

Desde então tive nojo do garoto e do professor, sempre que alguém gritava ou reclamava, eu esperava que a seguir viesse uma surra.

O tal de Koch ou Novak não era flor que se cheirasse. Quando chegou a vez dele ser o encarregado de arrumação da sala, em vez de molhar a esponja na torneira, pegou-a e fez xixi em cima. E depois ainda se gabou, contou para todo mundo.

O professor entra, manda limpar o quadro-negro, que está rabisado. Ninguém quer limpar. Então ele, irritado, pega a esponja. Não sei se o pessoal começou a rir, ou como é que foi, mas o fato é que acabaram contando. Daí a surra.

Eu era bem pequeno então, e não continuei nessa escola por muito tempo. Mas vejo tudo nitidamente, como se tivesse acontecido ontem. E sinto tudo igual. E vou desenhando, o lápis parece que se mexe sozinho. Fico até espantado.

As cabeças dos alunos saem bem pequeninas, mas procuro fazer uma diferente da outra, para que se possa distinguir a expressão em cada rosto, e que cada figura seja também diferente: um apoiado na parede, outro parado em pé. Também me desenhei a mim mesmo, mas não na primeira fila.

Desenho até as orelhas ficarem ardendo: sinto calor, como se estivesse correndo.

Desenho com inspiração.

Como já fui adulto, sei o que significa inspiração. O poeta Mickiewicz estava inspirado quando escrevia suas obras-primas. Os profetas faziam os seus sermões num estado de inspiração.

Inspiração — quer dizer que um trabalho difícil de repente se torna fácil. Então, dá um prazer enorme desenhar, ou escrever, ou recortar, ou construir qualquer coisa. Tudo sai bem então, e a gente nem sabe de que maneira está fazendo. É como se uma outra pessoa estivesse trabalhando no meu lugar, e eu só olhando. E quando termino, fico admirado, como se não fosse um trabalho meu. Cansado, mas contente por ter conseguido fazer coisa tão bem-feita.

E quando estou inspirado, nem sei o que acontece em volta.

Parece-me que as crianças muitas vezes trabalham inspiradas, só que os outros atrapalham.

Por exemplo: você está contando algo, ou lendo, ou escrevendo. O trabalho está indo bem. Ou você entendeu imediatamente a solução de um problema. Inclusive pode haver um erro qualquer, mas não chega a ser um erro, ou então só um errinho. Mas logo alguém interrompe, manda corrigir, repetir, acrescentar algo, ou faz questão de explicar alguma coisa. Está tudo perdido. Você se aborrece, perde a vontade, não consegue mais nada.

A inspiração é como se fosse conversa com Deus. Ninguém tem o direito de se intrometer. Porque preciso estar sozinho, preciso não ver nada, não ouvir nada.

É justamente o que ocorre agora. A professora está atrás de mim, observando o meu trabalho; eu nem percebo, fico só corrigindo. Acrescento mais uma linha, mais um pontinho, e o desenho está cada vez melhor.

Ela deve ter ficado parada ali muito tempo, só que não vi.

Agora olho o desenho à distância, acrescento mais alguma coisa, mas com cuidado. Quando se corrige demais, pode-se estragar tudo. E estou cansado, também. Mas de repente senti. Levanto a cabeça, a professora sorri e põe a mão no meu rosto.

Não me agrada quando as pessoas me alisam ou me tocam. Mas a mão da professora é fresca e suave. Então, sorrio também.

E ela pergunta:

— Como você sabe que isto é um tríptico?

— Sei. Já vi em ilustrações, em cartão postal, na igreja.

Enrolo-me na resposta e fico cada vez mais vermelho. Mas agora ela pergunta:

— Dá licença?

Entrego-lhe o caderno e digo:

— Por favor.

Ela examina os desenhos mais antigos, e esse último. Vítor pula da sua carteira, mete o nariz, e declara:

— Um tríptico.

Fiquei com receio de ela começar a mostrar e elogiar o trabalho. Devia compreender que numa turma sempre aparece um invejoso ou um palhaço, que depois vai chatear, ridicularizar. E não é que ela entendeu? Mandou Vítor voltar para o lugar dele, e para mim só disse:

— Bem, agora descanse.

Fechou o caderno e o colocou cuidadosamente na minha frente, sobre a carteira. Com cuidado e equilíbrio.

Ocorreu-me logo que se fosse professor outra vez, nunca iria jogar os cadernos de qualquer jeito para cima das carteiras, nem riscar com linhas grossas coisas que o aluno escreveu errado, até a tinta espirrar. Iria depositá-los com cuidado e equilíbrio, como a professora fez agora.

Não descansei muito tempo, porque a aula acabou. E tenho que ir à secretaria. Mas o diretor está parado na porta, então eu paro também. E a professora também pára. Fico por perto, esperando, sem saber o que dizer. O contínuo se aproxima.

Por duas vezes começo a dizer: “Senhor diretor”, mas sei que o diretor não escuta, porque falei baixo demais. É muito desagradável a gente precisar dizer alguma coisa, e estar com vergonha de falar.

Eles ficam conversando sobre uns assuntos lá deles; não sei, não ouço nada. Mas o diretor de repente se dirige a mim:

— Dê um pulo na sala da sexta série, pergunte se tem lá um globo terrestre. Vá correndo, anda!

Só então é que olhou para mim e me reconheceu, porque acrescentou:

— Mas sem esbarrar em ninguém pelo caminho, ouviu?

Chego esbaforido na sexta série e sou recebido pelos garotos:

— Dá o fora, está querendo o quê?

— Tem um globo terrestre aqui?

— Vá embora, já disse.

E me empurram para fora. Estou com pressa, e tem um cara me empurrando. Solto-me dele e explico:

— O diretor mandou perguntar.

Ele não entendeu e continua berrando:

— Ainda não sumiu da minha frente? Desapareça, fedelho, se não quer apanhar!

Não sei mais o que fazer. Grito de volta:

— Foi o diretor

— O diretor o quê?

— Manda perguntar se tem um globo terrestre aqui.

— Aqui não tem nada para você. Desinfete!

Me dá uma pancada na cabeça e bate-me a porta na cara. Início o caminho de volta, mas não sei o que dizer. Acabo dizendo:

— Eles dizem que o globo não está lá.

Felizmente, um aluno vem vindo justamente com o globo terrestre na mão. O diretor grita para ele tomar cuidado, senão vai quebrar. Não há jeito de falar com o diretor, mas não quero adiar a explicação. No desespero puxo a professora pela manga. Não cheguei a puxar, apenas toquei de leve e falei baixinho:

— Professora...

Ela não quis me ouvir de imediato. Afastou-se comigo alguns passos, abaixou-se e perguntou:

— Qual é o problema?

E eu, cada vez mais baixinho:

— Por favor, peça ao diretor para ele não mandar vir minha mãe.

Falei murmurando, como se fosse um segredo. É incômodo a gente ser pequeno. A toda hora tem que se esticar, levantar a cabeça. As coisas acontecem lá nas alturas, acima de nós. A gente se sente sem importância, desprestigiado, fraco, perdido. Talvez seja por isso que gostamos de ficar em pé ao lado dos adultos que estão sentados. Então, podemos ver os seus olhos.

— Por que o diretor mandou chamar sua mãe?

Eu sei por que, mas estou com vergonha de contar. É desagradável contar uma bobagem dessas.

Abaixo a cabeça, e a professora se inclina mais ainda.

— Veja, sem saber de que se trata, eu não posso pedir. Preciso saber. Que foi que você aprontou? Foi coisa grave?

— Não.

No fundo, nem sei se foi ou não foi grave.

— Diga, então.

Não gostamos de contar nossas coisas aos adultos, talvez porque eles estão sempre com pressa quando falamos com eles. Sempre parece que não estão interessados, que vão responder qualquer coisa, para se verem livres logo. Está certo: eles têm os seus problemas importantes, e nós os nossos. De nosso lado esforçamo-nos em dizer tudo em poucas palavras, para não aborrecê-los. Como se o nosso assunto fosse de pouca importância, podendo ser resolvido com um simples sim ou não deles.

— Eu vinha correndo pelo corredor, e esbarrei nele.

— Bateu feio nele?

— Não, só me apoiei com o braço no barrigão dele.

— Na barriga, corrige a professora. E sorri.

Na mesma hora o assunto é resolvido. Penso: “obrigado”, e volto para a minha sala. Nem sequer cumprimentei. Foi uma falta de educa-

ção, é claro. Não tem importância. Só quero sentar na minha carteira, sabendo que o problema acabou.

Na última aula o professor lê alguma coisa sobre os esquimós. Que o inverno na terra deles dura metade do ano, e que eles constroem casas de neve. Esses barracos se chamam *iglus*. Pode-se acender fogo dentro do barraco, mas só quando faz muito frio, senão a neve derrete.

Quando era adulto, também sabia coisas sobre os esquimós, talvez até mais coisas. Mas não me importava com eles. Nem me perguntava se eles existem de verdade. Agora é muito diferente. Fico com pena deles.

Aparentemente estou de olhos abertos, olhando para o professor, mas o que vejo são campos de gelo — nada além de gelo e neve. Nenhum arbusto, nenhuma plantinha. Nem pinheiro, nem grama. Nada, só gelo e neve. A seguir, a noite cai, vento, escuridão, só de vez em quando uma luzinha no horizonte. Sinto geada e saudade dentro de mim. Coitados dos esquimós! Eles têm uma vida fria. Na nossa terra mesmo o sujeito mais miserável pode se aquecer ao sol.

Havia silêncio na sala enquanto o professor lia. Uma vez alguém lá atrás sussurrou alguma coisa baixinho, o professor nem olhou para ele, para fazê-lo calar a boca. Mas nós todos olhamos logo. Se ele é tão imbecil que não se interessa pelo assunto, que não tenha o topete de interromper. Se quiser experimentar, vai ver o que lhe acontece.

Todos estão de olhar fixo no professor, imóveis, quase sem piscar. Certamente estão vendo a mesma que eu — campos de gelo eterno.

É uma pena que a aula de geografia não aconteceu antes da de desenho, porque eu teria desenhado melhor. Teria desenhado com mais verdade os olhos dos meninos. Mesmo se naquele tempo, quando havia as surras, os meninos olhavam diferente. Agora eles têm sonho nos olhos, antes tinham espanto.

Puxo o meu caderno de desenho, examino o meu tríptico, e deixo de prestar atenção. Cansei de ter tanta pena dos pobres esquimós.

É bom ser criança outra vez. E é bom não ser esquimó nem chinês. Quantas crianças sofrem pelo mundo afora. As ciganas, as chinesas, as negras. O mundo é feito de maneira esquisita. Por que será que um sujeito nasce negro, e continua para sempre: primeiro criança, depois adulto, depois velho. E um dia morre. Tem que morrer.

De repente, barulho na sala. O que houve? Todos falam ao mesmo tempo. Acabei adivinhando o que foi que o professor leu enquanto eu não estava ouvindo, não estava prestando atenção. Deve ter lido sobre como os esquimós caçam focas e baleias.

Cada qual faz uma pergunta. Um quer saber uma coisa, outro outra. Saem das suas carteiras. E o professor manda sentar, diz que está havendo muita barulheira, que não responderá nada enquanto todos não

ficarem quietos. Mas o pessoal não pode ficar quieto, porque cada um quer saber, todos querem saber tudo com detalhes.

Os esquimós comem pão? Por que não se mudam para um lugar mais quente? Não seria possível construir casas de tijolos para eles? Uma baleia é mais forte do que um leão? Quando um esquimó não consegue encontrar o caminho de casa, pode acabar morrendo de frio? Existem lobos por lá? Os esquimós sabem ler? Existem canibais entre eles? Eles gostam dos brancos? Eles têm um rei? De onde vêm os pregos para eles fazerem os trenós?

Um conta o que aconteceu quando o avô dele se perdeu num passeio pelo campo, no meio do inverno. Outro fala alguma coisa sobre os lobos. Cada um grita para os outros ficarem calados; porque ele precisa dizer ou perguntar uma coisa importante.

Quando alguém se importa pouco com alguma coisa, pode esperar. Mas a turma dá muita importância aos esquimós. Ainda há pouco o pessoal todo morava lá no fim do mundo, perto do Pólo Norte; então agora querem saber como vão aqueles seus amigos, conhecidos, parentes que ficaram por lá, e que sofrem; e querem ajudá-los.

Antigamente, quando os presos políticos eram mandados para a Sibéria, e quando um deles voltava, também havia muitas mães, irmãs e noivas que perguntavam como era a vida por lá, o que faziam os queridos delas, quando iriam voltar. Porque das cartas não se podia extrair muitas informações.

Mesma coisa com o tal livro. O professor deveria contar mais uma vez tudo que sabe a respeito de focas, neves, renas, aurora boreal. Poderia até repetir tudo. Porque muitos de nós não ouviram tudo, de tão emocionados que estavam.

Para o professor, esta já é a quarta aula, a quarta hora de trabalho na escola; para a turma — notícias de um país longínquo, de seres muito queridos. O professor está cansado, e nós também, só que de outra maneira. Assim surge a impaciência. Ele está saturado, e nós queremos mais.

Agora o professor está quase com raiva. Ameaça-nos com um castigo: nunca mais vai ler nada!

Nunca mais!

Por um instante se fez silêncio, embora os garotos não estivessem acreditando muito. Se ele ainda falasse em uma semana, vá lá, mas nunca mais. Aí, um boboca começa a fazer palhaçadas.

— Que é isso, o senhor não vai fazer esta maldade com a gente, diz ele. Foi uma bobagem o pessoal fazer tanta bagunça, mas no fundo são bons meninos.

Parece que ele está querendo dar uma de pacificador, mas logo se verá que o que pretende mesmo é irritar o professor, provocar uma

explosão, fazer o professor perder controle. Em qualquer lugar sempre tem um sujeito desses. Ou não se interessa por nada, e então fica chateado quando uma aula é interessante, porque é preciso guardar silêncio, para que todos possam ouvir, ou cria confusão só para atrapalhar, porque nesse exato momento não está gostando da aula, por uma razão qualquer.

O professor já está procurando alguém para botar para fora, já consultou o relógio, porque gostaria que a aula acabasse logo. O clima torna-se desagradável. O professor, ao mesmo tempo, fica com pena, porque sabe que a turma estava prestando atenção. Controla-se, portanto, esboça um sorriso e diz:

— Você aí, já que é tão sabido, repita o que acabei de ler.

Começa, então, uma aula comum, dessas em que o professor interroga os alunos, e estes resmungam, suspiram, respondem mal. E o professor acaba achando que nós não sabemos nada, que somos uns ignorantes.

Quando eu era adulto, quanto mais uma coisa me interessava, melhor eu era capaz falar a respeito. Mas com as crianças talvez seja diferente. Quando um assunto nos importa muito, torna-se difícil falar sobre ele, mesmo quando sabemos a matéria. Como se tivéssemos vergonha, medo de dizer algo que não se deve dizer. Porque tem uma coisa chata na escola: a gente tem de falar cientificamente, para ganhar uma boa nota, um elogio, ou mesmo uma reprimenda, mas nunca do jeito como a gente sente.

A parte final da aula foi chata, e só no recreio voltamos a falar dos esquimós para valer. Um guardou melhor uma determinada coisa, outro lembra de outros detalhes. E ficam discutindo:

— Foi isso o que o professor leu.

— Não é verdade.

— Quem sabe você estava caçando passarinhos enquanto ele lia.

— Quem caçava passarinhos era você!

Chamam testemunhas:

— Não é verdade que o professor leu que os esquimós têm janelas feitas de gelo?

— Não é verdade que foca é peixe?

— Muito bem, vamos perguntar ao professor.

Com todos deve acontecer a mesma coisa que comigo. A pessoa fica pensando em outra coisa de repente, aí já não dá para recuperar o terreno perdido. Por isso é que cada um guardou coisas diferentes. E só a turma inteira é que sabe tudo. Mais tarde, vão brincar de esquimós, na escadaria ou no pátio; e vão contar àqueles que faltaram à aula, acrescentando coisas que inventam, para que fique mais interessante.

Voltei para casa com Mundinho.

A rua me parece agora muito interessante. Tudo é interessante. O bonde, o cachorro, o soldado que passa, a loja, o letreiro na fachada da loja. Tudo é novo, desconhecido, como se tivessem passado tinta fresca por cima. Não é bem o caso de dizer que tudo é desconhecido, porque é claro que conheço o bonde, mas por exemplo quero saber se o número do bonde é par ou ímpar.

— Vamos adivinhar se o número é par ou ímpar, se é inferior ou superior a cem.

Pronto, inventamos um jogo.

Vamos ver se o soldado que passa tem ou não tem galões; se é da infantaria ou da artilharia.

Um mecânico está manipulando alguma coisa na caixa dos telefones, uns operários estão limpando as canalizações. Vale a pena dar uma parada, porque pode ser coisa interessante.

Tudo isso nos inspira pensamentos novos.

Vemos muitos cachorros pela rua. Um deles passou a língua no nariz — e logo vem a idéia:

— Os cachorros não precisam de lenços, porque limpam o nariz com a língua; já os homens costumam assoar o nariz. Dá vontade de fazer uma experiência.

Procuro alcançar o nariz com a língua, e Mundinho aconselha:

— Empurra o nariz para baixo com o dedo.

— Ajudando com o dedo não tem graça, respondo.

— Experimente.

Uma senhora que está passando se manifesta:

— Crianças estúpidas, mostrando a língua.

Ficamos com vergonha, porque havíamos esquecido completamente que há gente passando e olhando para nós.

Se a senhora soubesse de que estávamos conversando, não ficaria chocada, porque perceberia que se tratava de uma experiência para ver até que ponto os homens precisam de lenços para assoar o nariz, se os cachorros têm língua muito mais compridas, e como se pode ajeitar uma pessoa sem nariz. Queríamos averiguar tudo isso, mas quem não ouvisse a conversa podia achar que se tratava de uma estupidez.

Uma vez, quando era adulto, estava com pressa para pegar um trem. Um vento forte jogava-me poeira nos olhos. Fiquei sem saber se devia segurar minha mala, ou o chapéu, ou tapar os olhos com a mão. Estava irritado, e precisava me apressar para não perder o trem, porque ainda faltava comprar a passagem, e era provável que houvesse uma longa fila no guichê.

Eis que vejo três garotos, correndo de costas. Rindo do vento que os empurrava, e conversando entre eles. Um deles caiu justo debaixo dos meus pés. Procurei afastar-me, mas ele tropeçou na minha mala.

Reclamei, gritei que ele estava fazendo bagunça, atrapalhando os outros. Estava mesmo; mas eu também o estava atrapalhando. Quem sabe de que é que eles estavam brincando, o que estavam pensando. Naquela hora o garoto talvez fosse um balão, um navio, um veleiro, e para ele eu e minha mala não passávamos de rochedos submersos. Para mim o vento era um aborrecimento; para ele, uma alegria. Os adultos e as crianças se atrapalham mutuamente; uns por uma causa, os outros por outra.

Quando era criança da primeira vez, gostava de caminhar pela rua de olhos fechados. Dizia para mim mesmo: “Vou andar dez passos de olhos fechados.” Ou, se a rua estivesse deserta, ia ficar de olhos fechados o tempo necessário para caminhar vinte passos, e não ia abri-los por nada no mundo. No início caminho bem à vontade, depois mais devagar, com cuidado. Nem sempre sou bem-sucedido. Uma vez caí na sarjeta. Naquele tempo nas sarjetas tinha ainda água escorrendo, hoje já tem canalização, canos embaixo da terra. Caí, então, na sarjeta, torci o pé, ficou doendo uma semana. Não disse nada em casa; para que falar, se as pessoas não nos entendem? Responderiam logo que na rua se tem de andar de olhos abertos. Isto todo mundo sabe, mas um dia pode-se tentar outra coisa, só para experimentar.

Outra vez bati com a cabeça no poste de luz, fiquei com um galo na testa; ainda bem que o boné escondia um pouco. Basta dar um passo fora do rumo certo para perder a orientação e esbarrar no poste ou num pedestre. E se esbarrarmos em alguém, raros serão os que simplesmente se afastarão ou dirão alguma coisa bem-humorada. Alguns ficarão indignados, que nem bichos:

— Está cego, não enxerga nada?

E um olhar hostil, como se quisesse devorar-nos.

Uma vez — eu já era crescido, devia ter uns quinze anos — duas meninas corriam perto de mim, mas corriam esquisito, de lado, e bem na minha direção. Não deu tempo de me afastar então me abaixei, abri os braços — e aconteceu a trombada. Olharam assustadas. Uma tinha olhos azuis, a outra negros olhos cheios de riso. Segurei-as por um momento, para recuperar o equilíbrio e depois soltar. Uma gritou: “Oi”, a outra disse: “Desculpe”; eu respondi: “Não tem de que”. E saíram voando. Fugiram, voltaram-se para mim, riram, e uma delas esbarrrou numa senhora. E a senhora empurrou-a com tanta força que menina quase caiu. Que brutalidade!

Ora, as crianças são necessárias no mundo, e elas são o que são. Proponho:

— Mundinho, vamos apostar corrida com o bonde?

Estávamos justamente ao lado do ponto de bonde.

— Está bem, diz ele. Quem chega primeiro na esquina, nós ou o bonde?

— Até a esquina, está valendo.

No início é fácil, porque o bonde ainda não pegou impulso. Depois, já corremos pela pista, ao lado da calçada. Uma charrete e seus cavalos nos atrapalham. Perdemos.

Ele diz:

— Cheguei antes de você!

E eu:

— Grande vantagem: você estava com o casaco desabotoado!

Ele:

— Quem mandou não desabotoar o seu? Ou, pelo menos, arregaçar?

É verdade: não me lembrei. Há tantos anos não aposto corrida com o bonde que perdi a prática.

— Está certo, digo. Vamos outra vez. Agora eu também com o casaco desabotoado.

Mas ele não quer mais. Diz que estraga os sapatos. E eu gostaria de correr mais. Estou feliz, porque não me sinto cansado. Fiquei esbaforido, o coração batendo forte, mas bastou parar um minuto para se sentir descansado outra vez. Cansaço de criança não cansa.

Conversamos sobre como aprender a pegar o bonde andando. Não é nada perigoso, mas é preciso saber como fazer. Tem que se correr atrás do bonde, mesmo que seja de longe. Quando já se sabe, corre-se ao lado do bonde, é bom tocá-lo com a mão. Depois aprende-se a agarrar. E só depois se pode pular para o degrau e descer pulando para a rua outra vez; mas não quando o bonde está a toda velocidade, só quando está ainda acelerando. Dá para aprender em um mês. E é melhor pegar o reboque, porque mesmo se você cair, não ficará debaixo das rodas. E é preciso ver se não tem um carro vindo detrás.

Os adultos também quebram as pernas.

Conversamos sobre os acidentes.

— No meu tempo não havia automóveis, digo eu.

Ele olha para mim, admirado:

— Como não havia automóveis?

— Não havia, pronto; respondo irritado, porque a coisa me escapou sem querer.

Damos uma parada diante do poste com cartazes. No cinema está passando “As Torturas do Amor”.

— Você gostaria de ver?

Mundinho faz uma careta:

— Mais ou menos. Filmes de amor são chatos. Ou as pessoas se beijam, ou ficam andando dentro dos quartos. Só uma vez ou outra alguém dá um tiro. Prefiro os filmes policiais.

— Você gostaria de ser detetive?

— Acho que sim. Deve ser bom correr pelos telhados, pular as cercas, com um revólver na mão.

Lemos o anúncio do circo.

— O que eu mais gosto é o circo.

Paramos, batemos papo, continuamos andando.

— Amanhã tem cinco horas de aula.

— Ciências naturais.

— O professor bem que poderia contar mais alguma coisa sobre as focas, e também sobre os ursos polares.

— Você gostaria de ser um urso?

— Que pergunta! Claro que sim.

— Os ursos são pesadões.

— Não são pesadões coisa nenhuma, só parecem.

Mas preferiria ser uma águia. Subiria no topo da montanha mais alta, acima das nuvens. Ficaria parado lá, solitário e soberbo.

É mais agradável ter asas do que voar de avião. O avião precisa de gasolina, e pode sofrer uma pane, e tem que se ter um hangar, e não é em qualquer lugar que se pode aterrissar. É preciso limpar o motor, pegar impulso para subir. Já as asas, na hora que você não as usa, você as dobra, e pronto.

Se os homens tivessem asas, teriam de usar outro tipo de roupa. Haveria duas aberturas nas costas da camisa, e as asas poderiam ficar por cima ou por baixo do casaco.

Dois meninos vão andando, conversando, com toda naturalidade. São os mesmos que ainda há pouco punham a língua para fora, para lambar o nariz, e que apostavam corrida com o bonde. Mas agora trocam idéias sobre os problemas de asas para a humanidade.

Os adultos pensam que as crianças só são capazes de fazer bagunça e dizer bobagens; mas elas profetizam um longínquo futuro, discutem e debatem a respeito. Os adultos dirão que os homens nunca terão asas, mas eu, que já fui adulto, afirmo que eles bem que podem ter.

Comentamos, pois, como seria agradável voar para a escola, e da escola para casa. Vou voar um pouco, e quando ficar cansado, andarei um pedaço a pé. Ora descanso para as asas, ora para as pernas.

Bastará a gente dar uma olhada pela janela, subir para o telhado, e levantar vôo para uma excursão. Quando estamos em cima da cidade, voamos em pares, mas fora da cidade cada um segue seu próprio caminho. E quando você está na floresta, pode passear onde quiser: se se perder dos outros, sobe, olha lá de cima onde fica o local de encontro, e pronto, não há problema.

— Seria bacana, Mundinho, não seria?

— Claro que seria.

E os homens desenvolverão o alcance da sua vista. Sabemos que os pássaros migrantes acham as suas aldeias e os seus ninhos.

Não têm mapas nem bússolas, mas atravessam oceanos, rios e montanhas, e chegam direitinho.

Sábios pássaros, mais sábios que o homem. Mas o homem domina tudo, todos lhe obedecem.

— Talvez seja porque sabe matar com mais eficiência, e não porque é o melhor.

Ficamos refletindo; mas eis que passa um rapaz, um pivete já crescido, e joga o seu boné no chão. Ele segurava um pedaço de pau, encostou-o na pala do boné, e me tirou o boné da cabeça.

Dou um pulo e o enfrento:

— Está provocando por quê?

— Que foi que eu fiz? — o sujeito se finge de desentendido.

— Jogou meu boné no chão.

— Que boné?

Ri, cínico, e continua fingindo.

— Vai dizer que não fez nada?

— Claro que não. Olhe o garoto ali, segurando o seu boné.

Mundinho pegou o boné no chão e ficou parado, observando o desenrolar dos acontecimentos.

— Vá plantar batatas, moleque. Jogar o boné no chão — não tenho mais o que fazer.

— Não deve ter mesmo, ô sem-vergonha. Não deixa a gente caminhar em paz.

— Sem-vergonha não. Cuidado, porque vai apanhar!

E me cutucou com a tal vara embaixo do queixo. Aí eu peguei a vara, apertei e quebrei.

Ele chega mais perto. Eu não recuo.

— Quero o meu bastão de volta. Ou então me paga um outro.

Abaixou-se um pouco. Como era mais alto do que eu, dei um pulo e com o punho o golpeei na testa. Mas o boné dele nem caiu.

Saio correndo a mil, e Mundinho atrás de mim. A jato mesmo.

“Assim você aprende, penso. Da próxima vez não venha provocar, porque mesmo um mais baixinho pode lhe mostrar o que é bom.”

Começou a correr atrás de nós, mas viu que não tinha razão, e que escolheu um adversário esperto para brigar, então desistiu logo.

Paramos e ficamos rindo.

Ainda agora eu estava tão indignado que o sangue me subia à cabeça. Via tudo vermelho. Mas já estou alegre outra vez. Limpo o boné com a manga.

— Por que foi que você começou? — indaga Mundinho.

— Quem foi que começou, eu ou ele?

- Está bom, foi ele, mas ele é grande.
- E só porque é grande pode andar por aí agredindo as pessoas?
- E se amanhã ele te reconhece e te dá uma surra?
- Reconhece coisa nenhuma, vai reconhecer como?

Mas Mundinho tem razão. Agora vou ter que me cuidar.

Onde já se viu alguém tirar o boné da cabeça de um garoto, em plena luz do dia, numa rua cheia de gente! Se fizessem isto a um adulto seria um escândalo, juntaria uma multidão, apareceria um guarda. Mas a vítima sendo criança, não acontece nada. No meio das crianças também existem aventureiros, e não temos nenhuma ajuda nem proteção contra eles — temos de nos defender.

Ficamos parados na esquina, sem vontade de nos separar. Pois não é que estávamos conversando sobre um assunto importante, e de repente o tal intruso nos atrapalhou. Mas o caminho de volta foi agradável: primeiro a brincadeira, depois a conversa, e depois a aventura.

Agora vou andando sozinho, devagar, e procuro andar de modo a pisar sempre no meio de uma pedra do calçamento. Assim como no jogo da amarelinha, onde a gente não pode pisar no risco de giz. A coisa em si seria fácil, mas é preciso esquivar-se das pessoas que passam. E nem sempre se consegue mudar de repente o tamanho do passo sem pisar na linha

• Tenho o direito de errar dez vezes. Se errar mais, perdi. Vou contando os erros — dois, três, quatro. Ainda tenho direito a seis, agora a cinco. Fico com medo, mas é bom sentir medo quando se está brincando.

• Depois da oitava falta entro no portão do nosso prédio. Mas antes de passar em frente da loja espantei um gato. O gato corre para dentro do portão, e eu atrás dele. Aí ele fica num canto e olha para mim; levantou uma pata num gesto engraçado.

— Houve alguma prova na escola? — pergunta mamãe.

— Não.

Beijo-lhe a mão carinhosamente. Ela até olhou para mim e passou-me a mão pela cabeça.

Estou contente por ter sido perdoado pelo diretor, e por ter minha mãe de novo.

As crianças acham que um adulto não precisa de mãe, que só uma criança pode ser órfã. As coisas são feitas assim que quanto mais velha uma pessoa é, tanto mais raro é ela ainda ter pais. Mas tem horas em que também o adulto sente saudades da mãe, do pai, e acha que só eles poderiam ouvi-lo, entender, aconselhar e ajudar, e se necessário também perdoá-lo e ter pena dele. Portanto, o adulto também pode sentir-se órfão.

Bom, já almocei; e agora, o que fazer?

Desço para o pátio. Estão lá o Félix, o Miguel e o Tiago.

— Vamos brincar de caçar?

Miguel fabricou um revólver de madeira, pintou-o com tinta negra, encheu-o de pregos. Onde será que arranjou pregos com cabeças douradas — é claro que não podem ser de ouro —, vistosos, brilhantes? Miguel denominou-o O Revólver Vencedor. Diz que o recebeu no campo de batalha, como um prêmio pela sua coragem. O próprio general entregou-lhe a arma, ressaltando os seus feitos heróicos. Depois da batalha, o regimento todo ficou formado em fila. A banda toca, as bandeiras são desfraldadas, há uma salva de tiros de festim, um desfile, e aí o general discursa:

— Este revólver foi conquistado pelo meu bisavô, na guerra contra os turcos, e foi passando de pai para filho. Ficou duzentos anos na nossa família. E agora, já que você me salvou a vida, quero entregar-lhe esta arma.

E o que Miguel está contando. Ora diz que a batalha foi em Viena, ora em Cecora, ora em Grunwald. Não tem importância. Agora que sou criança outra vez, sei que não importa a História que a gente sabe, e sim a que a gente sente dentro de si. Quando era professor, pensava diferente.

Bom, Miguel será o caçador, Félix será a lebre, eu e Tiago seremos os cães de caça.

Custamos um pouco a decidir. Inicialmente iríamos brincar de perseguição ao bandido, mas a minha sugestão era uma expedição à terra dos esquimós.

A unanimidade é bem rara. Acontece alguém não estar muito a fim de brincar, então é preciso fazer-lhe as vontades para estimulá-lo. Não querem brincar de esquimós, porque não há neve; e Miguel é contra a idéia de brincar de bandido.

— Da última vez que brincamos vocês rasgaram a manga do meu paletó.

Rasgamos coisa nenhuma, a costura estava mal-feita, então a linha gastou. Sendo Miguel um bandido perigoso, estava sendo carregado para o porão, onde seria executado. Estava se debatendo e era bem capaz de fugir, então quem ia prestar atenção à manga?

A brincadeira da lebre, sem dúvida, é mais tranqüila, e quando tudo dá certo pode também ser muito interessante.

O mais importante em qualquer brincadeira é com quem a gente está brincando. Existem uns selvagens que, já se sabe, acabam causando um acidente. Um sujeito desses não se importa com nada, só quer uma coisa: ganhar. Brincar com este tipo de pessoa não é muito agradável, porque a gente tem que se vigiar. Ele é aceito, porque caso contrário iria criar confusão, mas sob certas condições. Desagradável é também



brincar com os que gostam de discutir. Qualquer coisa, já começam a discutir, ou ficam ofendidos. Os garotos não se ofendem tanto, mas as meninas, é bom nem falar... No momento mais palpitante aproveitam a primeira oportunidade:

— Então não brinco mais.

Não adianta todos argumentarem que ela está sem razão: ela continua insistindo. Se possível, a gente acaba cedendo, para não estragar tudo, mas é muito irritante.

Os adultos não entendem. Dizem:

— Vão brincar. Por que não brincam com Fulano? Chega de brincar. E assim por diante.

E ficam zangados se nós não obedecemos.

Mas como brincar com o pobre coitado que vai logo cair, chorar, dar queixa de nós? Ou com o boboca que não entende nada e no momento crucial estraga tudo?

E péssimo ter que interromper o jogo sem saber como ia acabar.

A brincadeira precisa ser bem construída, o que nem sempre se consegue; então, quando a gente consegue, quer aproveitar.

Vamos, então, brincar de caça.

A lebre fica zanzando pelo pátio, mas os cães a cercam pelos dois lados. Ela dá um pulo para dentro do prédio. Eu atrás.

Paro, fico farejando para ver se ela subiu pela escada ou se desceu para o porão. Parece-me que ouço um barulho vindo do porão. Me aproximo na ponta dos pés, mas está escuro.

A lebre quase sempre vai se abrigar no porão, porque no escuro é mais fácil se esconder e depois dar o fora. E querendo uma brincadeira tranqüila, o porão é também preferível. Porque na escada a gente tem sempre receio, precisa tomar cuidado para não esbarrar em ninguém.

Ano passado Alex, num esbarrão, derrubou escada abaixo a mãe de José e a cesta cheia de carvão que ela carregava. Eu era adulto então, e me lembro como fiquei indignado, esses meninos estão exagerando, o zelador tinha que expulsá-los do pátio com uma vassoura. Todos uns mal-educados, não deixam os moradores em paz. Felizmente, não aconteceu nada com a mulher, só arranhou a perna; mas poderia ter sido pior.

Nós temos grande compaixão para com qualquer galo na testa ou outra mancha roxa de um adulto, mas quando alguma coisa acontece a uma criança, dizemos: “Bem feito, da próxima vez não fica fazendo bobagens.”

Como se a criança sentisse menos, tivesse um outro tipo de pele.

E se a coisa fica só nas ironias, ainda bem, por mais que irrite. Doe um pouco, você levou um susto, e eles dizem piadas. Mas há casos piores, quando gritam conosco. Sabem que não foi de propósito,

quem é que se machuca voluntariamente, mas a eles parece que “foi só para aborrecê-los” que a gente se arranhou ou cortou.

Agora eu sei que sendo eu um cão de caça e estando a lebre escondida no porão, se eu conseguir enxergar um clarãozinho no escuro, não posso descer a escada devagar, pé ante pé, tenho de me precipitar de três em três degraus, com o risco de escorregar, cair e bater com a cabeça, ou levar uma farpa de corrimão na pele. Corro o risco, ou melhor, nem peso os riscos, porque o que quero é pegar a caça. E não acontece o cachorro na corrida bater numa árvore, no meio da floresta, e quebrar a cabeça? E olhem que o cachorro tem quatro patas, e eu só tenho duas.

Sou um cachorro, fico latindo, choramingando porque perdi a pista. Quando era adulto, tinha voz grossa e não podia nem latir, nem cantar feito galo, nem cacarejar feito galinha. Agora recuperei minha voz de criança e posso latir como antigamente.

Fico parado, à espreita; depois, precipito-me para o porão. Tiago vem correndo atrás. Mas eis que a lebre, acima das nossas cabeças, pula de um patamar da escada para o pátio.

Dou um latido de decepção e início a perseguição.

Combinamos que não é permitido sair para a rua, mas o espaço no pátio é pouco. A lebre deu algumas voltas, mas já os cães e o caçador a acosam de um lado. Lá se foi a lebre para o portão.

— Não pode!

Mas experimente discutir com a lebre sobre o que pode e o que não pode, quando ela está defendendo sua vida. Pois não é que está defendendo sua vida? E se queremos continuar brincando, temos de entender essas coisas.

Antes de começar a brincar a gente combina as regras, mas é muito difícil observá-las quando se está em perigo.

Se estamos cansados ou sem muita vontade de brincar, ou se alguém faz alguma coisa que não é mesmo permitida, o jogo é interrompido e começa a discussão. Não se trata bem de discutir, seria mais para descansar um pouco, ou modificar alguma coisa na brincadeira, introduzir um aperfeiçoamento. Põe-se alguém para fora, admite-se um outro; ou então o cão vira lebre, ou coisa parecida. Ou alguém inventa outra brincadeira.

Por isso é mais gostoso brincar entre nós, sem os adultos. O adulto logo determina como tudo deve ser, escolhe quem vai fazer o quê, e fica nos apressando, como se quisesse economizar tempo. E nem conhece bem cada um dos garotos.

Para descansar é bom discutir um pouco. Forma-se um grupinho e fica-se deliberando. Às vezes calmamente, outras vezes com irritação.

Quando acontece alguém se machucar ou rasgar a roupa, a culpa toda é jogada naquele que brincou diferente do que havia sido combinado.

— A culpa foi sua.

Este se defende, diz que não, mas sente-se culpado. E nós sabemos que é chato confessar-se culpado, a não ser que o sujeito tenha mesmo exagerado, ou que um outro tenha abusado de irritá-lo.

— Bom, chega.

— Estamos brincando, ou não estamos?

— Tudo bem. Vamos começar.

— Chega de discutir.

— Quem não está a fim de continuar pode ir embora.

Portanto, eis a lebre no portão, depois na rua, e nós atrás. Ela para o outro lado da rua, nós também. Para nós é mais fácil, porque na hora em que um esmorece, o outro se aproxima e espanta a caça. Nós corremos em linha reta, a lebre tem que fugir em ziguezague. Mas a escolha foi bem feita, porque a lebre tem uns dois anos mais do que nós, e corre mais. No fim a gente vai alcançá-la, mas o problema é saber durante quanto tempo ela consegue escapar.

O bicho acabou sendo alcançado no patamar do terceiro andar. Estava meio morto, mal conseguia respirar. Foi apanhado vivo, porque nem se defendeu, preferiu se entregar.

Sentamos então na escada e ficamos conversando. Também nós estávamos cansados de tanto subir a escada correndo. Só ganhamos porque cada um prometeu a si mesmo não deixar a presa escapar, custasse o que custasse.

— É verdade que a lebre poderia ter se escondido na sua toca, no seu apartamento. Acontece que mora num outro bloco do edifício.

Mas o garoto que fez a lebre diz:

— Se eu não quisesse, vocês não me teriam apanhado.

Nós respondemos que ele não tinha para onde fugir. Mas ele insiste:

— Se eu quisesse, teria escapado.

— Nós também, se quiséssemos, teríamos apanhado você mais cedo, só que ficamos nos poupando. E estávamos com pena de você.

— Com pena! Vocês não me deixaram respirar nunca. Nem um verdadeiro cão de caça persegue a presa desse jeito.

— Quem mandou você fugir para a rua, quando estava combinado que não podia?

— Essa é boa. E para onde queriam que fugisse?

— Era o caso então de se entregar.

— Sabido. Por que não atirou? Se me tivesse ferido, me teria apanhado logo. Segura o revólver na mão, e não atira.

É verdade. Miguel deveria ter atirado mas ficou correndo junto conosco. Esqueceu que era caçador, e não cachorro. Foi um erro. Se tivesse atirado, Félix teria caído, já estava tão cansado, se teria entregue honrosamente. Miguel está irritado.

— Ganhou o revólver do próprio rei na batalha de Cecora, mas não sabe atirar numa lebre. Belo herói.

Miguel fica chateado.

— Se você continua zombando de mim, não te conto mais nada.

Tiago, com receio de ficar de mal com o amigo, diz:

— Você lembra daquele dia em que brincamos de tigres, você tinha fugido do circo, e eu era o domador?

Passamos a falar de animais amestrados, contar o que cada um tinha visto. Os leões que pulam por dentro de arcos em chamas, o elefante que anda de bicicleta, os macacos que fazem isto, os cachorros que fazem aquilo.

O mais interessante é conversar sobre cachorros, porque todo mundo já viu, enquanto os outros animais se conhece sobretudo por ter ouvido falar ou lido a respeito. Um tio de Félix tem um cachorro que fica de pé em cima de duas patas, traz coisas que o dono joga para longe, finge-se de morto, não permite que o toquem. Alguém fala de um soldado que veio de férias, e tinha um cachorro amestrado, e vivia exibindo na rua as artes que o cachorro sabia fazer. Mas também mostrava aos meninos a sua baioneta e lhes falava de bombas e metralhadoras.

— Se estourasse a guerra, eu ia logo alistar-me como voluntário.

— Experimente só, para ver se te aceitam.

Pequeno demais.

Um suspiro.

Falamos de cavalos marinhos, que têm nas patas membranas que nem as dos patos, e salvam a quem se está afogando. E falamos dos afogados. A noite caiu. Dá medo ficar falando.

— O professor, na escola, leu a respeito dos esquimós.

Conversamos sobre os esquimós e a escola.

Como seria bom se verdadeiros exploradores, descobridores e militares visitassem as escolas para contar o que fazem, o que já viram na vida.

— Uma vez a professora contou uma excursão que fez nas montanhas. Contou da tempestade, dos trovões. É completamente diferente falar de uma coisa que se viu do que ler nos livros. Nos livros é menos interessante.

— Pois é, os exploradores bem que contam as suas viagens, mas contam aos adultos. Imagine se pessoas famosas vão falar às crianças. Não vale a pena.

Ficamos calados. O zelador acende luzes na escada. Já nos descobriu, e quer nos expulsar.

— O que estão fazendo aqui no escuro? Fora, para casa!

E fica olhando, assim com ar de suspeita, como se estivéssemos fazendo coisas proibidas. Deve ter pensado que estávamos fumando, porque um fósforo estava jogado no chão, e ele ficou olhando para o fósforo e para nós, e outra vez para o fósforo, e outra vez para nós.

Talvez seja só impressão, mas existe desconfiança a nosso respeito, e é uma coisa bem desagradável. E ainda por cima costumam liquidar vários assuntos sob um só pretexto. Se não viram nada, não há problema, mas basta terem percebido qualquer coisa, e lá vem logo:

“Abotoe-se, porque está com os sapatos cheios de lama, já fez os deveres, deixe ver se as orelhas estão limpas, vá cortar as unhas.”

Isto nos ensina um pouco a dissimular, a nos esconder, mesmo se não fizemos nada de mau. E se por acaso olham para nós, logo ficamos esperando uma reprimenda. Talvez por isso não gostamos de puxa-sacos. O sujeito talvez até não seja puxa-saco, mas convive demais com os adultos, não teme o seu olhar, então parece cúmplice.

No meu tempo de professor, eu fazia a mesma coisa. Parecia-me que via tudo muito bem e era capaz de prestar atenção ao menor detalhe. Mas agora não: sei que quando olho para uma criança, ela deve poder sentir-se à vontade. E quando quero dizer alguma coisa, não deve ser algo que por acaso passou-me pela cabeça, e sim que existe mesmo alguma coisa que lhe quero dizer.

Pois então, estamos sentados na escada, no escuro. E de que maneira ficaríamos sentados, se as luzes não foram acesas? Estamos conversando, simplesmente. Mas se dissermos que estamos conversando, comentarão logo:

“E de que será que vocês podem estar conversando? De bobagens, só pode ser.”

Pode ser que não estejamos falando de coisas muito inteligentes. Conversamos, apenas. E os adultos, será que sempre falam de coisas inteligentes? Então, por que esse menosprezo?

Os adultos pensam que nos conhecem muito bem. O que pode haver de interessante numa criança? Viveu pouco, pouco sabe, pouco entende. Mas todos esquecem como eram quando eram crianças, e pensam que de repente agora são inteligentíssimos.

— Embora, para casa! Vamos andando!

Separamo-nos a contragosto, cada um vai andando devagar, a passos lentos. Para ele não pensar que temos medo dele. Porque se quiséssemos mesmo ficar e fazer coisas proibidas, ele não teria como nos impedir. Senão aqui, em outro lugar; senão agora, mais tarde.

Em casa o jantar ainda não está pronto, então começo a brincar com Irene. Ah sim, tenho uma irmãzinha, Irene. Tenho também pai e mãe.

A brincadeira é o seguinte: eu fecho os olhos, tapo os ouvidos e viro-me para a parede, ela esconde a boneca, e eu a procuro. E quando encontro, faço de conta que não quero devolver, seguro-a lá no alto, acima da cabeça. Irene me puxa pela mão e pia:

— Me dá a boneca, me dá, me dá, me dá!

Ela tem de gritar “me dá a boneca” umas quinze ou vinte vezes, porque este é o preço do resgate. Se achei logo, devolvo mais facilmente, mas se para achar tive de penar bastante, exijo mais pedidos.

Uma vez ela escondeu a boneca embaixo do travesseiro; achei logo. Ela berrou dez vezes:

— Me dá a boneca!

Depois, escondeu a boneca no bolso do casaco. Na terceira vez, atrás do armário. Na quarta, debaixo da cama. Mas quando escondeu dentro da panela e precisei procurar um tempão, ela teve de gritar trinta vezes:

— Me dá a boneca!

E tudo de novo. Não é uma brincadeira tola, infantil. Trata-se de descobrir um segredo, achar algo que está oculto, mostrar que não dá para esconder uma coisa de tal modo que se torne impossível achá-la. Quanto mais difícil a conquista, tanto mais gostosa a vitória. Quer se trate da verdade dos adultos: descoberta, invento, revelação; quer se trate de boneca dentro de uma panela. Toda a natureza é como Irene escondendo a boneca; e a humanidade, em laborioso esforço de busca, sou eu, um menino.

Antes caçei a lebre com a velocidade das minhas pernas e a esperteza da minha corrida, agora acho a boneca através de dedução, intuição, obstinação.

E o que mais fazemos na vida, o que mais faz a humanidade inteira? Corremos atrás de lebres e procuramos bonecas.

Estou cansado depois desse dia tão longo e cheio de experiências. Janto, e quero ir logo para a cama.

— Por que está tão calmo assim? pergunta o pai. Aprontou alguma estripulia na escola?

— Não, respondo. Estou com dor de cabeça.

— Quer umas gotas de limão? pergunta a mãe.

Lavei só as mãos e o rosto, troquei logo a roupa, estou deitado, de olhos fechados.

Acabou o primeiro dia da minha nova infância. Quanta coisa em um só dia! Só registrei algumas das experiências, aquelas que a lembrança por acaso me passou, aquelas que levaram mais tempo. Se impressões caem em cima da gente que nem enxurrada de verão, como guardar e descrever todas as gotas da chuva? É possível, por acaso, contar as ondas agitadas de um rio que está transbordando?

Fui esquimó e cachorro, persegui e fugi da perseguição, fui vencedor e inocente vítima do acaso, artista e filósofo: a vida virou uma banda que toca música para mim. Compreendo agora que a criança pode ser um músico amadurecido; e se penetrarmos mais a fundo no seu desenho e na sua fala, quando ela finalmente confiar em si mesma e começar a falar, e nós captarmos o que tem de especial e digno na sua expressão, encontraremos nela um mestre dos sentimentos, um poeta, um artista plástico. Assim será. Mas não somos adultos ainda. Temos raízes presas demais na vida material.

Viajei hoje ao país das neves eternas; transformado em cão de caça mostrei os meus dentes caninos; e tantas coisas mais, tantas coisas.

Quando brinquei com Irene, a boneca não era uma boneca, era vítima de um crime, um cadáver oculto, e minha tarefa era descobri-lo. Quando o achei, peguei-o cuidadosamente nos braços, como se pega a um morto.

A boneca era uma pessoa que se afogou, e eu era pescador. Andei pelo quarto, num movimento de balanço. Movimentava as mãos, como para jogar a rede.

A boneca era um bandido; onde será que se escondeu? Atravesso o quarto com precaução, na ponta dos pés, para que ele não me acolha com um tiro mortífero.

Não é no bolso do casaco que ela estava, nem debaixo do travesseiro, mas na mata virgem, no esconderijo subterrâneo, no lodaçal, no fundo do mar. Eu a pegava brutalmente e a sacudia.

Não o dizia a Irene, porque ela é pequena demais, não ia entender. Esta era uma brincadeira só minha.

— Esqueci de contar que naquela hora mamãe entrou e disse:

— Devolva a boneca para ela. Por que fica excitando a menina?

— Mas nós estamos só brincando, respondo.

— Você talvez esteja brincando, mas ela está irritada; até na escada ouvem-se os seus berros.

Não contei também que no porão vi de relance, num canto, uma coisa branca, como se fosse um homem sem cabeça envolto numa mortalha. E quando saí correndo do porão, por alguns momentos não estava perseguindo lebre nenhuma, mas fugindo do fantasma. Durou pouco, mas algo ficou batendo forte no meu peito, e três relâmpagos negros faiscaram na frente dos meus olhos.

E não descrevi como fiquei com sede durante a aula. E o professor não me deixou sair.

— Daqui a pouco a campainha toca, você vai poder beber à vontade.

Ele tinha razão. Mas sou criança, tenho agora um outro relógio, outra medida do tempo, sigo um calendário diferente Meu dia é uma

eternidade dividida em breves segundos e intermináveis séculos. Não foi dez minutos que durou a minha sede.

“Quando vem essa campainha? Estou sofrendo. A boca arde, os olhos e os pensamentos estão em chamas. Sofro de verdade. Porque sou criança.”

E não contei que no intervalo um colega me deixou tocar na nova gaita dele, só para experimentar se era boa. Ele se gabava de que era a melhor gaita do mundo, não enferrujava, era sólida. Devo ter tocado um minuto, uma só vez, esfreguei a gaita no paletó e devolvi. Só isso.

Acontece que não é só isso. Porque se ele perder a gaita, ou a trocar por outra coisa, a vender ou estragar, e se daqui a seis meses eu tiver uma gaita e ele me pedir para tocar nela — eu vou me lembrar, e a emprestarei. Pois se não o fizesse, ele teria todo o direito de dizer:

— Veja só como você é. Eu deixei você tocar.

É preciso guardar na memória esses serviços prestados, quando se quer ser um homem de bem.

Não escrevi também que tenho um casaco grande demais, enorme. Incomodou-me quando apostei corrida com o bonde. Enquanto eu não crescer, vai incomodar sempre, tantas vezes quantas o vestir. Mais uma vez, não se trata só de um pequeno detalhe. Sei lá quanto tempo vai levar: meio ano, um ano, uma eternidade.

E não mencionei que de repente vi na janela uma mosca viva. Fiquei contente, às escondidas peguei uns grãos de açúcar e joguei para ela. Estava alimentando a primavera. E que Irene nem ninguém se atrevesse a fazer mal a ela.

Achei uma rolha de garrafa. Pode ser útil. Está no bolso da calça, perto da cama.

Vi um soldado na rua. Dei uns passos como se estivesse marchando e bati continência. Ele sorriu amistosamente.

Lavei a cara com água fria. Senti uma sensação de banho — água gostosa, fria. Alegria fugaz.

Quando era adulto, tinha um velho tapetinho, gasto e desbotado. Um dia vi na vitrina de uma loja um tapetinho igual, com o mesmo desenho, as mesmas flores, só que novo. Continuei andando, porém mais devagar, e curvado.

Quando era adulto, após um longo inverno lavaram as vidraças da minha casa. As vidraças estavam mesmo cobertas de poeira. Quando cheguei em casa fiquei muito tempo parado, satisfeito, olhando pela janela transparente.

Certa vez, quando era adulto, encontrei um tio a quem não via há muito tempo e já havia esquecido. Cabeça branca, apoiado numa bengala. Pergunta, o que há de novo. Respondo:

— Estou ficando velho, tio.

E ele:

— Já? E eu, o que devo dizer? Você não passa de um garoto.

Fiquei contente de vê-lo vivo, e porque ele me chamou pelo meu nome.

De repente, uma mão quente tocou a minha testa. Tive um sobressalto. Abro os olhos. Meu olhar encontra o olhar inquieto de minha mãe.

— Está dormindo?

— Não.

— Está com dor de cabeça?

— Não.

— Está com frio? Quer que te cubra?

A mão de mamãe toca o meu rosto, meu peito. Sento na cama.

— Não tenha medo, mãe. Nunca tive dor de cabeça.

— Mas falou que tinha.

— Pensei só que tinha. Estava com sono.

Abraço-a pelo pescoço, olho nos seus olhos. E logo escondo a cabeça debaixo do cobertor. A tempo de ouvir ainda:

— Durma, filhinho.

Sou criança de novo, e mamãe me chama de filhinho. Outros me chamam pelo diminutivo. As vidraças voltaram a ser transparentes, o tapete recuperou as vivas cores do passado.

Tenho outra vez mãos jovens, pernas jovens, ossos jovens, sangue jovem, sopro jovem, jovens lágrimas e alegria.

Alegria, lágrimas, e uma jovem, infantil oração.

Adormeci. Como depois de uma longa marcha.

## SEGUNDO DIA

Durante a noite nevou.

Está tudo branco. Branquinho.

Há tantos anos não veio neve. Depois desses anos todos, estou contente porque há neve, porque tudo ficou branco.

Os adultos também gostam do bom tempo, mas eles pensam sobre o assunto, o analisam. Para nós é como se o estivéssemos bebendo. Uma manhã clara é, para os adultos, uma coisa gostosa; para nós, ela é como um vinho gelado que nos embriaga.

Quando eu era adulto, vendo a neve pensava logo que ia virar lama, pressentia os sapatos úmidos, e preocupava-me em saber se fâmos ter carvão suficiente para atravessar o inverno. A alegria existia também, mas coberta de cinzas, poeirenta, parda. A alegria que sinto agora é branca, cristalina, ofuscante. Por quê? Por nada: é a neve.

Caminho devagar, com cuidado, com pena de esmagá-la com os pés. Em torno de mim, ela produz faíscas, brilha, reluz, cintila, brinca, vive. E, dentro de mim, há milhares de faíscas. Como se alguém tivesse espalhado pó de diamantes pela terra e pela alma. O pó virou semente, e vamos ter árvores de brilhantes. Está nascendo uma cintilante fábula.

Uma estrelinha branca cai na minha mão. Linda, delicada, cordial. Pena que desapareça logo, espantada. É uma pena — mas assim mesmo sopro em cima e fico contente que ela não esteja mais ali, porque uma outra já acaba de cair. Abro a boca e pego-a com os lábios. Sinto o cristalino frio da neve, uma brancura límpida e fresca.

E quando começar a derreter, teremos pedacinhos de gelo.

Pode-se fazê-los cair com a mão. Pode-se abrir a boca e pegar ao mesmo tempo a neve e as gotinhas que caem. Com um bem medido movimento da mão você derruba os cristaizinhos, que caem e se despedaçam, com um som gélido.

Inverno de verdade e primavera de verdade

Não é neve, não. É o reino encantado do arco-íris de uma bolha de sabão.

E há também as bolas de neve. As bolas — perspectivas de aventuras e surpresas. Você pode ter quantas bolas quiser. Não precisa comprá-las, nem pedi-las emprestadas. Você as tem. Atirou uma, que caiu, molenga, e se desfez. Não faz mal, já já haverá outra. Um atira no outro, o outro no primeiro, nas costas, na manga — e não acontece nada; só a neve e o coração em disparada.

Você caiu, levanta, faz de conta que sacode a roupa. No pescoço, uma agradável sensação de frio. Que aventura!

Você prepara uma bola. Modela-a por igual de todos os lados. Ela está crescendo. Você escolhe os lugares que precisam de aperto, aperta. A bola está bem grande. Já não cabe na mão fechada, só repousa na palma da mão aberta, você sente o peso. Você escorregou, vá mais devagar, cuidado. Quem fez a maior bola? E agora, o que vamos fazer? Fabricar um boneco de neve, ou pegar impulso e mergulhar os pés num montinho?

Os porteiros afastaram a neve para os dois lados da rua, vamos pular, chafurdar até os joelhos na penugem branca.

Pelo amor de Deus, preciso de tábuas e pregos! A coisa mais indispensável, a única coisa importante no mundo, fora da qual nada existe, é ser dono de um pequeno trenó, com uma tira de latão embaixo. O que posso desmontar, destruir, achar ou ganhar de presente para ter as tábuas? E como conseguir patins — senão dois, pelo menos um? A gente se sente órfão sem patins nem trenó.

São estas as nossas brancas preocupações, os nossos brancos desejos.

Tenho pena de vocês, adultos, por serem tão pobres de alegria da neve, da neve que ontem não havia!

O vento recolhe das marquises e dos parapeitos as estrelinhas em pó e salpica o pó pela rua. Forma-se um branco e frio turbilhão. Para baixo, para cima, para dentro das pálpebras apertadas, penetrando pela cortina dos cílios embranquecidos.

É rua; é só rua. Não é floresta, não é clareira — mas é uma rua branca. Que vira um só grito de entusiasmo, de jovem alegria. Nos telhados se vêem pequenas figuras humanas que, com pás nas mãos, atiram a neve para a calçada. Fica-se com inveja deles, que estão lá no

alto. Podem até cair, mas não caem, e executam um trabalho tão fácil, agradável e belo: jogar neve para a rua. Os pedestres se afastam e olham para cima.

Se eu fosse rei, mandaria no primeiro dia de verdadeiro inverno, em vez de fazer soar mil campainhas escolares, disparar da fortaleza doze salvas de canhão, para anunciar que não haverá aula.

No porão ou no sótão de qualquer escola existem caixotes, material de embrulho, tábuas.

É a festa do primeiro passeio de trenó.

Os bondes param, a circulação dos automóveis é proibida. Nossos trenós com os seus sininhos tomam posse da cidade. De todas as ruas, praças, largos e parques. É a branca festa dos escolares — o dia da primeira nevada.

Este teria de ser o meu caminho. Mas agora só me resta a escola. Sei que não é culpa dela, mas fico com pena. Pois não é? Será possível ficar cinco horas sentado na carteira, lendo, resolvendo os problemas?

— Professora, caiu neve.

— Não é verdade, professora?

A professora nos acalma docemente, depois com severidade. Impaciente-se, mas não pode negar, porque o sente com clareza, que temos razão. Porque a neve está aí.

— Professora...

— Fique quieto!

E logo a seguir:

— O primeiro que abrir a boca, que disser uma palavra... Aviso pela última vez...

É uma ameaça.

Então a culpa é nossa, outra vez? Somos nós os responsáveis? A culpada não é a neve, mas nós, sempre nós?

Dormimos a noite toda, não vimos nada, podemos até trazer um atestado da família; e a neve caiu sozinha do céu. E se não nos é permitido falar, se é preciso fingir que não vimos nada e nada sabemos; se é feio e condenável saber e estar contente — então, azar. Deixe como está.

Um só foi posto de castigo.

Calo-me, junto com a turma. Algumas olhadas inquietas pela janela, e um último olhar de esperança para a professora, quem sabe, apesar de tudo. Depois, o silêncio. E a aula, nada mais.

Não haverá a salva de doze tiros de canhão, anunciando a branca festa das crianças.

Alguém diz alguma coisa sem interesse. Abro a minha caixa de lápis e ponho-me a contar quantas penas tenho. Uma, duas, três. Cada uma de marca diferente. Uma, duas, três, quatro, cinco. Aqui está uma

com ponta quebrada, é provável que nem escreva mais. Tiro-a, experimento; escreve, mas com traço muito grosso.

Onze. Tenho onze penas.

Depois, nada mais. Falam coisas desinteressantes sobre um jovem ou um camponês, sei lá. Bocejo.

— É proibido bocejar na aula.

O vizinho me empurra, manda levantar. Levanto. Adivinho que devo ter bocejado e que é comigo que a professora está falando.

— Sente direito, sem encostar.

Sento direito, sem encostar. Bocejo às escondidas.

— É favor olhar para o quadro-negro.

Olho para o quadro-negro, mas vejo pela janela que a neve está caindo outra vez, só que não me importa mais.

Continuo sentado em silêncio.

— Repita

Repetir o quê?

— Vá para o canto, de castigo. Está desatento.

Arrasto-me na direção do canto.

— Mais depressa.

Alguém riu. Acontece às vezes na aula que alguém ri, sem saber de que. E acontece até todos os outros rirem a seguir.

As pernas estão doendo. Não doem propriamente, mas estão bambas. É estranho. Teria forças suficientes para apostar corrida, andar de trenó, de patins. Mas agora não é má vontade, nem teimosia, nem preguiça, nem malandragem de estudante, mas um sincero, honesto, leal, dolorido “não posso”. Como se alguém me pegasse e quebrasse, como um pedaço de pau.

É um castigo pesado, ficar parado no canto. Estou fraco, cansei-me de ficar sentado tanto tempo, nem conseguia mais sentar apertado, sem encostar. E agora tenho de ficar de pé.

Consolo-me:

— É melhor ficar de castigo no canto. Se a turma começa a aprontar uma bagunça, ficarei livre da responsabilidade coletiva.

E eles são bem capazes disso. Debaixo do torpor do silêncio arde uma mágoa secreta, uma vontade de desforra, à espera de uma senha. Vai ou não vai aparecer um atrevido? Se um tomar a iniciativa, o escândalo será pouca coisa. Estou cansado de saber: conheço o assunto.

Alguém enfia a pena na carteira, aperta, solta, produz um zumbido. A professora não ouviu ainda, mas nós ouvimos, desde a primeira e tímida tentativa. É difícil pegar o responsável, porque enfiou a ponta da pena bem fundo na madeira, e basta apertar um pouco e ela já faz *bzzzzz*.

O som está mais forte agora.

— Quem está fazendo barulho?

Não há resposta. Mas agora já são dois, se revezando.

Quando é que esta aula termina? Não pode durar eternamente. Se ao menos tivesse um relógio na parede. Por que não há um relógio? Por que a professora sabe quanto tempo falta, e nos deixa no desespero, sem esperanças?

— Perguntei quem está fazendo barulho. Oscar, é você?

— Eu? Não sei de nada.

— Quem é, então?

— Eu não sei de nada, e a senhora logo me acusa.

A turma desperta da sonolência. As coisas começam a ficar interessantes. Aguardamos um novo zumbido, a essa altura já bem arriscado. A professora já adivinhou a direção. Agora um terceiro vai entrar em ação, para despistar a professora. Deve estar retirando a pena da caneta; vai compor uma cara inocente, introduzir a pena na madeira.

— Por favor, todos com as mãos nas costas.

A campainha, finalmente.

Agora vocês entendem por que a escola, ainda que com um certo embaraço, exige que deixemos a sala aos pares, as mãos cruzadas no peito. Porque nos levantamos todos — uma multidão, um enxame, um turbilhão — e nos precipitamos na direção da porta.

As portas das salas de aula deveriam ser largas, para casos de incêndio e de dias de neve.

Empurramo-nos uns aos outros, apressados, para não perder nem um minuto, nem sequer um segundo. Para cada um é o salve-se-quem-puder, e temos muito caminho pela frente, muitos obstáculos. A porta estreita, o corredor apertado, a escada, o saguão. E é preciso ser o primeiro a chegar no pátio. O jeito é abrir caminho com os cotovelos, os joelhos, o peito, a cabeça, ficar sem fôlego, queimar as mãos no frio da neve.

Pronto: alguma coisa passa voando diante dos meus olhos.

A primeira bola de neve — *pafff!* — atinge o primeiro que passa, ao acaso. Não há como ficar zangado. Pois esta é a mais maravilhosa, luminosa das brincadeiras. E rigorosamente ninguém vai nos impedir. Não ousará, não correrá esse risco.

O zelador sabe que sua escada ficará coberta de lama. Os professores esconderam-se na secretaria e ficam fumando. Fingem que não sabem de nada, porque não ficaria bem. Estes são os nossos dez minutos. E para defendê-los viramos rio de lava, tufão, elemento da natureza.

É uma luta que pode ser à distância e pode ser de corpo-a-corpo. Contra um e contra todos. Um combate sem inimigos, em que não se quer fazer mal a ninguém, mas onde é imprescindível sair vencedor. Ninguém conta os golpes dados e recebidos, ou verifica o resultado dos tiros, ou se ressentido dos impactos desferidos pelas costas. O que



importa é permanecer até o fim no campo de batalha e resistir à fúria do ataque.

Alguém caiu pesadamente demais; alguém fica examinando o ferimento causado à sua blusa ou sua calça; as primeiras lágrimas aparecem nos olhos.

Não enxergamos as feridas, não nos compadecemos das lágrimas. Só fatores muito mais graves poderiam interromper a brincadeira: quem sabe um vidro de janela quebrado, ou sangue de verdade. Mesmo nestes casos não se sabe se a luta cessaria de vez, ou apenas no setor próximo ao acidente.

Não existe plano de combate, não há dirigentes. É cada um contra cada um, cada um por si e contra todos. Confrontos casuais, instantâneos.

Eu e mais dois enfrentamos um outro garoto. Já o encostamos na parede. Está se defendendo, mas o cerco fica cada vez mais apertado. Já esgotou toda a neve debaixo de seus pés, já não nos atira bolas, por falta de tempo, mas se defende com inócua neve em pó, já nem consegue se abaixar, porque o acostamos peito contra peito.

— Entregue-se!

— Não!

Faz bem. Porque um dos três atacantes de repente, num impulso mal calculado, atira a bola num aliado. Traição; pânico na tropa. Não é bem traição, mas uma senha para nos dispersarmos e partirmos em disparada à procura de acontecimentos mais interessantes.

Fez bem de não se entregar, porque na hora H recebe ajuda de um destacamento de resgate. Uma chuva de bolas atinge a nossa retaguarda, que ficou descoberta. E na confusão o adversário escapa, quase desfalecido, branco da cabeça aos pés, mas invicto.

Um do nosso trio, na pressa, nem consegue fazer uma bola bem formada, e enfia aquilo que deveria ser a bola, mas que na verdade é um punhado de neve solta, na boca de um adversário, ou lhe esfrega a neve na cara, arranhando-o com uma pedrinha que se misturara à neve. Claro que não é permitido, mas como fazer valer os regulamentos no meio do combate?

Lá pelas tantas, dispersamo-nos de repente, sem saber ao lado de quem nem contra quem estávamos lutando.

Os indivíduos e os batalhões se misturam. Aparecem e somem rostos conhecidos, semiconhecidos, vagamente entrevistados e simplesmente desconhecidos.

A luta não é contra o homem, mas contra o tempo. Cada momento deve ser aproveitado, a perda de qualquer fração de segundo é um desperdício. Cada instante deve ser vivido, espremido, sugado até a última gota do gozo do movimento.

Estamos deitados na neve, os dois. Eu estou por cima. De propósito relaxo os músculos, para dar ao outro uma possibilidade de revanche, de inverter as posições. Só por um momento. Ele entendeu minha intenção. Então, levantamo-nos depressa e corremos juntos, segurando-nos pelas mãos; ou então escolhemos direções contrárias.

Uma só ambição: a de esgotar todas as possibilidades de situação de combate. Apanhar e absorver o máximo de impressões. Sacudir cada fibra de cada músculo e de cada nervo. Esvaziar o pulmão até a última reserva de sopro. Inundar o coração, pela milésima vez, com a dura onda de sangue.

Somos bem capazes de nos perdermos no nosso gozo todo branco, sem uma só mancha escarlate. E nada disso será esquecido. E na fadiga da próxima hora de aula vamos remoer os mais belos momentos isolados das fortes experiências que acabamos de atravessar.

As crianças crescem, não é verdade? Seus corpos e espíritos amadurecem. Gostaria de provar cientificamente que isto acontece com maior intensidade em horas de recreio, como esta. Disporia, assim, de um argumento irrefutável.

A campanha tocou. Não faz mal. Melhor, até. A campanha é um novo impulso para a brincadeira, que nem a música da banda para a marcha dos soldados. Antes da campanha podíamos, talvez, economizar um grãozinho de forças; mas não agora. Agora, é preciso ir até as últimas conseqüências, até o fim, até o fundo; pegar as últimas migalhas de força que nos restam e queimá-las todas no derradeiro momento do combate.

Esta é uma hora decisiva, perigosa, inconsciente. Não há mais cálculo nem premeditação, então é aí que com maior freqüência um vidro é quebrado, uma preciosa bola de futebol chutada com muita força acaba se perdendo, uma perna é quebrada. E nessa hora pode até surgir uma inesperada, breve e tenaz briga. Está brigando por quê? Não tem nada de pessoal contra o outro, nenhuma conta antiga a acertar — mas ocorre que a campanha nos está chamando para a sala. O outro te empurrou ou bateu sem querer, antes da campanha você teria perdoado, ou nem teria prestado atenção; mas agora, depois da campanha, você acusa o golpe, e não tem perdão. Mais tarde você mesmo vai ficar admirado, envergonhado, arrependido. E os colegas ficarão com pena, chateados por não terem interferido a tempo.

Pois é uma lástima ter deixado estragar essa linda brincadeira.

Linda?

Como é pobre a língua dos homens. Vai dizer o quê?

— Corremos, brincamos. Foi gostoso.

Só isso.

Se eu fosse o contínuo, deixaria tocar a campanha por muito tempo nesses recreios de neve. Enquanto ela está tocando, nós não a

conscientizamos, deixamos que o seu som infiltre-se na brincadeira. Mas quando ela se cala, no primeiro momento de silêncio a brincadeira torna-se ilegal, receosa, imprevisível. Rompem-se as filas dos esquadrões, os mais acomodados se retiram, percebe-se hesitação nos movimentos, insegurança nos olhares, perda de autoconfiança, de fé, de certeza. Você sabe que é preciso ceder mas não deixa de ser uma derrota, uma deserção, uma traição.

Silêncio; mas sobre ele logo se abate o chicote do segundo toque de campanha. E já vem tarde demais.

Corremos para o saguão. Com certeza o contínuo responsável pela limpeza dos corredores tomará a precaução de mandar-nos parar.

— Limpar os pés!

E aí alguém arremessou a última bola de neve, dura e bem amassada, contra a multidão reunida em torno do portão. Quer a mão do atirador tenha tremido, ou sua mira tenha falhado, ou um oculto desejo de vingança tenha perturbado a trajetória do projétil — o fato é que, em vez de nos atingir, a bola bate na janela.

Quando voltar a ser adulto, vou agitar enfaticamente esta questão perante a opinião pública; vou colocá-la na ordem do dia:

Quantos vidros temos o direito de quebrar por ano? Você dirá: nenhum. É uma insensatez. Você mesmo não acredita.

Parece que o vidro foi inventado pelos fenícios. E desde então, ao longo de tantos séculos, não deu para inventar algo mais resistente? O que será que os químicos estão fazendo? E os físicos, nos seus laboratórios? Será que não existe mesmo outra coisa?

Não é permitido quebrar os vidros. Mas a culpa é dos outros, não nossa. Devemos, então, ficar petrificados, imobilizar-nos em atitude de horror? Esperar a desgraça? Por que eu, inocente, devo esconder-me, fugir do local do crime? Por que todos os casualmente presentes são transformados em infratores?

Por que após esse recreio de cinco minutos — bem, digamos, de seis minutos — preciso enfrentar o olhar ameaçador e a cruel pergunta:

— Quem foi?

— Não fui eu.

E por mais que esteja dizendo a verdade, sinto-me como se estivesse mentindo. Seria mais correto dizer:

— O acaso fez com que não fosse eu.

Sei que existem indícios. Minha roupa coberta de neve me acusa. Joguei bolas de neve, como os outros, como todos. Pois se é permitido. Sei lá se é. Quem sabe não é? Tenho pressa de chegar na sala de aula, quero chegar a tempo, hei de chegar a tempo. Ou será que não? Talvez eu seja mesmo culpado, por que não corri logo ao primeiro toque da campanha. Mas quem é que pode assim de repente, de uma só vez?

— Não fui eu.

Joguei algumas inocentes bolas, de acordo com a lei. Algumas? Não sei quantas. Deve-se contar só aquelas bem acabadas, amadurecidas, geometricamente perfeitas, ou também as mesmas bolas, os quartos-de-bola, preparados e arremessados às pressas?

Mas tem aquele mentiroso desprezível que diz:

— Eu só joguei duas bolas. E joguei lá longe.

Trapaceiro, velhaco, mentiroso.

Estamos todos solidariamente mergulhados na desgraça. Sentimos que até o sujeito mais azarado de todos nós é inocente, pois na verdade quem quebrou o vidro foi o acaso. O vidro não foi quebrado por quem o quebrou, nem por ninguém. É o que estamos sentindo, e sob pena de desonra não é lícito dizer nada além de um sucinto:

— Não fui eu.

E mesmo isto a contragosto. Não só a contragosto, mas sob coação.

Pois na verdade, respondam, será que não nos é mesmo permitido quebrar um só mísero vidro? E se nos é permitido quebrar um único por ano, esse único não deveria ser o que acaba de ser quebrado agora?

Sei que não responderão, porque não conhecem a neve, não a entendem. Nem estão interessados em conhecê-la; a menosprezam.

Direi então:

Uma pessoa atravessa na vida poucos recreios como este de hoje. Às vezes passa-se um inverno inteiro sem sequer um recreio desses. Porque o tempo não pode estar frio demais, caso contrário a neve estará seca, inadequada para se fazer bolas. Também as mãos ficam congeladas demais. A neve precisa ter umidade e profundidade. Mas se a temperatura for mesmo quente, a neve derrete. É bom que ela tenha caído durante a noite ou de madrugada, para não dar tempo ao pessoal da limpeza urbana de varrê-la. Deve ser uma neve fresca e intocada, para não conter nem pedaços de gelo, nem torrões de terra. Nós, os conhecedores e cultores da neve, sentimos tudo isso no fundo da nossa alma.

Sabemos que estão insatisfeitos conosco. Às vezes com razão. É verdade que gostamos de ficar pulando em cima do sofá. Vocês dizem que isso estraga o sofá, que as molas quebram. Mesmo que não seja de uma só vez, na hora. Se ninguém pula em cima, um sofá pode durar dezenas de anos. Acreditamos que seja verdade, embora — tendo nascido há apenas uma década — não estejamos em condições de averiguar.

Não nos deixam abrir nozes esmagando-as na porta. A porta estraga, dizem. Não deixa de ser estranho. A porta faz parte da casa. As casas são altas, sólidas, duram séculos. Enfim, admitamos. Tampouco permitem que nos balancemos pendurados nas maçanetas: mesmo feitas

de ferro, as maçanetas podem quebrar. Estranho mesmo. Estamos vivos há pouco tempo, ainda estamos olhando em volta. Mas vocês são bem estranhos, o mundo inteiro é estranho. Não os acusamos, porém, de estarem agindo de má-fé. O ferro vai quebrar? Tudo bem.

A roupa rasga? É, infelizmente.

Os vidros quebram. A qualquer pretexto. Quebram sozinhos; não somos nós. O mundo é duro, irredutível. Caí no chão, bati na parede, esbarrei no parapeito da janela, no armário, na mesa, na ponta aguda de um móvel qualquer: dói; às vezes dói muito.

E de repente o bom Deus pensa em nós, crianças e, em nosso benefício reveste a terra com um tapete branco, que nem um pássaro recobre o ninho de penugem, para acolher os passarinhos recém-nascidos. No inverno não existe grama e não voltará a existir tão cedo. E quando voltar, haverá uma cerca em volta e não será permitido pisar em cima. Já com a neve pode-se fazer o que bem se entende.

Existem bolas de neve inocentes, existem as maldosas, existem as de combate franco, que nem balas de fuzil, e existem as traiçoeiras, tal qual munições dundum, proscritas pelas normas humanitárias da guerra. Há os obuzes, as bombas, as granadas. E para vocês nada disso passa de simples bolas de neve que quebram vidraças. Azar: é a guerra.

Por acaso mesmo, não fui eu.

— Quem foi, então?

Dou de ombros:

— Não sei.

É verdade que não sei. Mas mesmo quando sei, também não sei. No máximo me parece que foi ele. É provável que mais tarde, após uma tranqüila investigação e reflexão, venha a saber. Mas não tenho mesmo certeza absoluta de que foi ele, só ele, e seguramente mais ninguém.

Pois a campanha já tinha tocado, e eu vinha correndo, atrasado. Cansado, alegre e assustado. Posso não ter visto bem.

Havia dois garotos parados. Deve ter sido um deles. Um rosto passou voando na minha frente e sumiu. Quem sabe foi justamente este terceiro? Ou foi uma bola perdida? Para fixar o quadro precisa-se de tempo; mas o professor quer saber já

Deixe que outros colegas falem. Estavam talvez mais perto, viram melhor.

Lá estamos, nessa longa, pesada, insuportável espera. Só queria saber em que situação uma coisa parecida pode acontecer a um adulto. Ocorre-me apenas uma hipótese:

Numa passeata da qual estou participando ouve-se de repente um disparo. A polícia nos cerca: quem foi que atirou? Mas aí, sendo eu inocente, sei que haverá um inquérito, que todos os prós e contras

serão devidamente pesados. Já os nossos problemas são liquidados de qualquer maneira. Por que será? Por que somos tão freqüentemente injustiçados? Por que é permitido castigar injustamente uma criança, e isto é considerado coisa sem importância, e ninguém se responsabiliza perante ninguém por tal injustiça?

A aula de religião passou sem incidentes.

Fiquei pensando no caso de José, a quem o faraó jogou na cadeia. José interpretava os sonhos. Mais tarde as coisas se arrumaram bem para ele; mas como deve ter sido duro ser vendido pelos próprios irmãos, acusado maldosamente e passar longos anos acorrentado num calabouço escuro. Eu só fiquei de castigo no canto alguns minutos, e como sofri! Estava na sala de aula, que tem janelas, e sabia que só ficaria lá até a campanha. Por que não sabemos que aspecto tinha a prisão egípcia, nem quanto tempo levou o sofrimento de José? Tenho pena de José, quero que a minha compaixão esteja à altura do que ele merece, mas não sei. Antes quis saber tudo sobre os esquimós, agora sobre José. Tenho muitas perguntas; por que os adultos não gostam das nossas perguntas? Essas coisas se passaram há muito tempo, em terras longínquas, então pode ser que eles também não saibam. Por que será que os adultos não gostam de reconhecer que não sabem? Consultam livros, ou perguntam a alguém que sabe mais do que eles. Ou então não sabem, mas deduzam. Para eles é mais fácil.

Antigamente na escola não havia material audiovisual. No meu tempo não havia nem cinema. Como é pobre a infância sem cinema. Falam de montanhas, oceanos, guerras antigas, tribos selvagens. E dentro da gente cresce o desejo de ver tudo isso. Agora, saindo da sala escura do cinema, pode-se pelo menos dizer:

— Estive lá, e vi.

Meu devaneio é interrompido pelo rumor da sala. Estamos descansados outra vez, e ansiosos pelos doze tiros de canhão.

Só agora estou com dor nas costas. O golpe que recebi deve ter sido forte. Mas uma dorzinha dessas até que é agradável. É como a cicatriz que o pai mostra ao filho. Uma dor indolor e orgulhosa, da qual se diz:

— Não é nada. Bobagem.

Viro o rosto, olho para João, em quem dei uma pancada na testa que derrubou o seu boné. Ele sente o meu olhar. Sorri, e com o brilho dos olhos responde: “Não esqueci, não. Mas espere só: daqui a pouco começa tudo de novo. Não há perdão.”

Não sei se nós sorrimos com mais freqüência do que os adultos. Mas é certo que os sorrisos deles pouco dizem, enquanto nós compreendemos perfeitamente os nossos; às vezes pode-se dizer mais com um sorriso do que com uma palavra.

Olhar expressivo, sorriso expressivo. É provável que eles saibam, por isso nos proibem de olhar um para o outro e de sorrir na sala de aula.

Quando eu voltar a ser professor, tentarei entender-me com os alunos. Para que não haja dois campos inimigos: de um lado a turma, do outro ele e alguns puxa-sacos. Procurarei introduzir sinceridade.

Por exemplo, num dia branco como este, dia de primeira nevada, vou bater umas palmas e dizer:

— Que cada um guarde bem lembrado o que estava pensando neste momento. Quem tiver vergonha de dizer, pode dizer que não quer, para ninguém se sentir constrangido.

Da primeira vez não vai dar certo. Mas vou insistir, sempre quando perceber que a turma não está prestando atenção.

E indo de um a um.

— Que é que você estava pensando? O que é que você estava pensando?

Se alguém disser que estava pensando no assunto da aula, perguntarei:

— Não está me tapeando?

Se alguém sorrir e eu perceber que ele não quer falar, direi:

— Não quer falar na frente dos outros? Mas quem sabe fala no meu ouvido? Ou então me dita no recreio, para eu anotar?

Eles vão ficar admirados:

— Para que o senhor quer saber?

Explicarei então:

— Quero escrever um livro sobre a escola. Para que todos se convençam de que nem sempre é possível prestar atenção na aula. Quem sabe no inverno os recreios deveriam ser mais longos, quem sabe num dia de céu claro os alunos se cansam mais depressa. Muita gente escreve livros sobre a escola. E sempre propõem coisas novas, para as condições melhorarem para as crianças e os professores. Porque vocês vão se formar um dia e irão embora, mas nós continuaremos indo à escola a vida toda.

Eles ficarão espantados, porque nem lhes passa pela cabeça que o professor também vai à escola e também passa muitas horas na sala de aula. Então conversaremos sobre o que cada um quer mudar. Direi que as doenças mais comuns que os professores pegam são as da garganta e dos nervos. E explicarei por que somos tão nervosos.

E quando todos tiverem dito francamente em que estavam pensando na aula, farei uma brincadeira:

— Muito bem: os que não estavam prestando atenção ganham um zero.

— Eeei, professor, que tapeação!

E eu:

— Não fica bem acusar o professor de estar tapeando.

Eles:

— Por quê?

Explicarei pacientemente. E continuando:

— Quem sabe, então, dou um zero a quem estava pensando no assunto da aula?

Uns vão gritar logo:

— É isso mesmo, muito bem, faça isso.

Mas outros:

— Por que nós? Pois se estávamos prestando atenção.

Eu direi:

— Não estavam prestando atenção coisa nenhuma.

— Como não?

— Porque hoje é dia da primeira neve, e vocês não prestaram atenção.

— Ué, mas neve não é aula.

— Então, hoje não dou zero a ninguém?

— Nem hoje nem nunca.

— Mas sem dar zero nunca fica difícil.

— É, mas ganhar zero é chato.

— E dar zero não é? O professor prefere sempre dar um dez.

— Então que dê sempre dez.

— E pode?

— Sei lá. Não deve poder.

E assim a brincadeira continuará até o fim da aula.

Vejam só que coisa estranha. Quis ser criança, e agora fico outra vez pensando no que farei quando me tornar adulto. Parece que as coisas não são fáceis nem para as crianças, nem para os adultos. Uns e outros têm suas preocupações e tristezas.

Bom seria, quem sabe, o sujeito ser alternadamente grande e pequeno. Assim como existem inverno e verão, dia e noite, sono e vigília. Deste modo, ninguém estranharia ninguém. Mas adultos e crianças haveriam de se entender melhor.

No recreio seguinte a brincadeira foi mais calma. Combinou-se antes quem brinca com quem. E a neve estava toda remexida, era difícil fazer bolas. Bem que alguns tentaram, mas a maioria ficou brincando de trenó. Um garoto atrás, o cocheiro; dois na frente dele, os cavalos. E os outros em fila, que nem corpo de bombeiros, bloco de carnaval ou batalhão de artilharia. Cada um pensa em outra coisa, mas todos apostam corrida, para ver quem tem melhores cavalos, o melhor carro.

De início havia ordem, mas logo começou a confusão. Começaram a trombar uns com os outros. Causaram um desastre de trem. Caiu um

monte de gente, e todos começaram a se empurrar. Sempre aparece algum maluco, e alguém acaba chorando. Um teve a mão pisada, outro levou um chute, e a botina tinha um ferrinho na ponta da sola. Para completar, ficou tão amassado que não conseguia respirar.

Nem todos nós gostamos de fazer bagunça. Não mesmo. Às vezes preferimos nem brincar com o selvagem que costuma empurrar e bater. Um sujeito desses, a gente o cutuca de brincadeira, e ele responde com uma pancada para valer, para doer mesmo: bate no osso, ou com o punho fechado. Não toma cuidado, emparra, se agita, rasga a nossa roupa. Parece transtornado.

Quantas vezes a gente está com vontade de brincar, mas acaba dizendo:

— Não quero.

Porque ele está presente.

— Ou ele, ou eu.

Deixe o pessoal escolher.

Às vezes o pessoal tem medo de dizer francamente, porque o sujeito é capaz de implicar, xingar, chatear. É melhor até:

— Não quero brincar.

Se eles perceberem o motivo, tanto melhor; caso contrário — azar. Mas é desagradável.

No pátio do nosso prédio a gente já sabe quem são os selvagens, mas aqui é impossível conhecer a escola inteira, então esses casos delicados ocorrem com maior frequência. E nem se tem tempo para combinar as coisas.

Quando alguém propõe uma determinada brincadeira que agrada, todos ficam atrás dele. Como se ele tivesse dado uma senha. E há de se reconhecer que os malucos — porque os chamamos de malucos — costumam ter boas idéias, só que não sabem executar.

É verdade que nós também damos trombadas, fazendo de conta que é o bonde que bate no automóvel, ou que dois aviões se chocam. Mas são batidas de um contra um, e sempre de lado.

Ficamos, pois, correndo um atrás do outro, ou fugindo um do outro, mas quando um trio de malucos se aproxima, saímos do caminho e paramos.

— Passem, passem, não queremos.

Dois automóveis desembestados circularam durante todo o recreio.

O nosso trio estava bem ajustado. Só que um cavalo levou uma pancada na cabeça, porque estávamos fugindo de um automóvel desembestado, e outros vinham investindo de outro lado. Não tive tempo de me esquivar e — pam! — bati na cabeça dele. Nem chorou, só que não quis mais ser cavalo.

Um botão meu caiu, mas o achei e guardei, para prendê-lo em casa.

Num determinado lugar, e só nesse, houve um bombardeio. Para atravessar a linha de tiro, tem que ser a galope.

Quem não brinca, não pode entender. Porque não importa a corrida, mas aquilo que acontece dentro da gente. Jogar cartas ou xadrez, por exemplo, o que é? É colocar pedaços de papel na mesa, ou deslocar pedaços de pau. E dançar, o que é? É ficar girando em volta. Só quem joga ou dança é que sabe.

Não se deve menosprezar a brincadeira, nem atrapalhá-la, nem interromper bruscamente, nem impor uma companhia desagradável.

Se eu sou o cocheiro, quero ter cavalos de tamanho igual, nem altos nem baixos demais, alegres mas obedientes, inteligentes, espertos. Se eu sou o cavalo, não quero ter um cocheiro bobo ou brutal. Pois quem determina a velocidade da corrida sou eu, e não quero que me puxem, batam ou empurrem. Como cavalo sinto uma coisa, como cocheiro outra. E vocês, o que sabem de tudo isso? Que relinchei, fiquei mexendo impacientemente as patas no mesmo lugar, ou gritei: “páaare!”

Se sou bombeiro, fico procurando fumaça, olho para os lados, para cima, apresso-me de uma maneira diferente do que quando sou artilheiro e corro com o meu canhão para ocupar uma posição estratégica. Diante do corpo de bombeiros todos abrem caminho, já a artilharia serve de alvo ao inimigo. Sondo o terreno, desconfiado, para não cair numa armadilha. Quando dirijo uma ambulância, fico me perguntando se vamos apanhar uma criança atropelada, ou um suicida, um envenenado, um enforcado. Correr por correr, à toa, não tem graça.

Mas é importante também, para gastar as energias, preparar-se para mais uma hora na sala de aula.

Bom, acabou a escola. Vamos para casa.

Não sei se hoje também devo voltar com Mundinho. Quando se começa a andar junto com um outro, e o caminho dos dois é o mesmo, é preciso continuar sempre. E isto pode tornar-se desagradável, mas fica difícil desgrudar um do outro; só ficando de mal, ou até partindo para a briga, para se ficar sozinho outra vez, e passar a caminhar com um outro.

Existem aqueles com os quais ninguém quer andar, então todo dia tentam grudar em alguém. Existem também os que preferem voltar para casa sozinhos, mas são raros. Tem os que gostam de andar em grupo grande. O mais comum é se andar a dois ou três, geralmente sendo dois amigos e o terceiro vai como convidado; ou então ele se aproxima e nós examinamos de quem se trata. Existem os ciumentos, que não gostam que haja um terceiro. Estes são desagradáveis, dão a impressão de que nos compraram com exclusividade.

Chato é quando um garoto quer acompanhar um outro, e este outro já se cansou dele, ou quer escolher outra companhia. Tem que sair da escola às escondidas, para evitar o encontro. Se o garoto for um des-

ses que percebem as coisas, irá embora sozinho. Já um outro é capaz de armar um escândalo, revelar os segredos, inventar mentiras, e de pseudo-amigo transformar-se no pior inimigo.

Nem sempre aquele com quem voltamos da escola é necessariamente nosso amigo. Pode acontecer que o amigo mora num outro bairro, de modo que os caminhos se separam logo, não dá nem para caminhar um pedacinho juntos. Portanto, amigo é uma coisa, e aquele com quem se gosta de voltar da escola é outra. Mas o amigo é sempre como um irmão, e até mais. Só que o irmão a gente conhece melhor, não há como se enganar. Já a amizade se faz através de palavras, você pensa que fulano é o que ele diz que é, mas se ele for falso, pode haver engano. Ele é uma coisa na nossa frente e outra coisa diferente longe dos nossos olhos; ou então diz uma coisa e faz outra. Se você tem um irmão que não é como você quer, não tem saída: pode brigar com ele, mas no fim vão ter de fazer as pazes. Já no caso do pseudo-amigo é possível separar-se para sempre.

Quando fui criança pela primeira vez, tive diversos amigos. O primeiro foi meu amigo durante um ano, mas só gostei dele alguns meses, depois vi que queria me levar para o mau caminho, então fiquei esperando que me deixasse em paz. Mas que nada. Até que ele teve de repetir o ano, e foi assim que me liberei dele.

O segundo também não era grande coisa, mas foi mais fácil afastar-me dele. Dei-lhe uns presentes, emprestei-lhe cinquenta ou sessenta centavos e assim, de certa forma, resgatei minha independência.

Depois, durante muito tempo, tomei precauções. Vários tentaram se aproximar, eu ia com eles uma, duas vezes, depois dizia que precisava fazer uma compra antes de ir para casa, ou que havia esquecido a caneta e precisava voltar para a escola, ou então preparava todas as minhas coisas antes da campainha, e aí era só pegar o casaco e sair correndo. No dia seguinte, o sujeito perguntava:

— Você sumiu ontem? Fiquei esperando, procurando.

E eu:

— Sei lá. Voltei para casa sozinho.

Até que arranjei um amigo. Amigo de verdade. Daqueles que quando um dia não vêm, a gente fica triste. E quer sentar ao lado dele. E não brinca sem ele no recreio. Mas ele faltava muito, cada vez mais. Não fazíamos nenhuma brincadeira na rua, porque ele andava devagar.

E os outros colegas comentavam:

— Você não acha fulano chato? Fica se arrastando. Um molenga. E vive beijando as meninas.

Não era molenga coisa nenhuma, era é doente do coração. E também não vivia beijando meninas, só que tinha uma prima. Nós já éramos grandes, quarta ou quinta série, e ainda estava na primeira. Às vezes a

encontrávamos, e eles se beijavam. Uma pirralha, e ainda por cima prima em primeiro grau. O que é que tem?

Houve ainda um outro. Este estava dois anos na minha frente. Pode acontecer de um aluno mais velho conhecer um mais novo e eles passarem a fazer o caminho de casa juntos, quando coincide de as aulas dos dois acabarem na mesma hora. Mas um dia me mandou esperar, e foi andando e conversando com um colega dele, como se não me estivesse vendo. Fiquei zanzando por perto, sentindo-me como uma roda de estepe. Quando vi que ele estava muito ocupado atravessei a rua e fiquei esperando do outro lado que ele perguntasse por que estava indo embora. Mas ele nada. Não fiquei ofendido, mas pensei: “Não preciso dos favores dele.” E foi assim que acabou.

Estou bem lembrado de tudo isso, e agora já tomo meus cuidados. Prefiro esperar até achar alguém que não seja só para andar para baixo e para cima, mas com quem se possa também conversar sobre diversas coisas. Não somente sobre a escola, mas em geral.

Vou andando, pois, e Mundinho me alcança no meio do caminho.

— Procurei por você na escola, anuncia.

Não respondo. Caminhamos lado a lado. E ele pergunta:

— Quem sabe você não quer andar comigo?

Percebo que ele tem noção das coisas, porque um outro qualquer nem teria perguntado. Digo:

— Quero, sim.

Olhou com atenção, para ver se era verdade, ou só da boca para fora. Sorrimos.

— Quer apostar corrida com o bonde?

— Imagine, se vou querer correr atrás do bonde todo dia. Também já corri bastante no recreio.

Paramos na frente da vitrina de uma loja.

— Olhe, que compassos lindos. Olhe só este, a que se pode acrescentar uma peça a mais, para fazer círculos bem grandes. E este que funciona com tinta. O que acha, quanto será que custa o estojo? Você queria ter? Olhe, tem tinta dourada. Olhe o tinteiro pequeno, é para viagem. Preciso comprar um pincel, mas não vou comprar aqui. Fernando comprou um na esquina e já está usando há um mês, e do meu o pêlo saiu logo. São uns ladrões. Se te deixassem, o que você escolheria da vitrina toda? Se deixassem escolher uma coisa só? Eu pegaria o estojo de compassos e esse bonequinho aí.

— Mas isso já são duas coisas.

— Então só o estojo de compassos.

Na loja vizinha escolhemos um tablete de chocolate, tamanho grande, para o caso de nos deixarem pegar. Depois, ele escolhe um vaso de flores para a mãe dele, e eu uma boneca para Irene.

Na vitrina da joalheria, ao lado dos anéis e broches com pedras preciosas, tem também relógios. Não somos escravos da cobiça. Fixamos o olhar nos relógios e deliberamos longamente sobre as vantagens e as desvantagens dos relógios de pulso e dos de bolso, com corrente.

Nós crianças, somos diferentes de vocês, adultos. O valor mercantil de um objeto pouco nos importa. Conhecemos os objetos necessários e os desnecessários, e estamos sempre dispostos a trocar uma coisa cara mas indiferente por uma que temos muita vontade de possuir. Se quisessem inteirar-se das nossas transações comerciais, perceberiam que tapeação, na nossa linguagem, tem outro sentido.

Quando era criança pela primeira vez, ganhei de presente um par de patins de gelo. Naquele tempo os patins eram ainda um objeto raro, valioso. Pois troquei os patins por um estojo de cerejeira para lápis, arredondado, com um cachorrinho desenhado em cima. O cachorrinho tinha perdido um olho, mas era muito simpático. O estojo de lápis a gente usa todo dia, e os patins só de vez em quando, e o inverno daquele ano era suave, não havia gelo. Quando os meus pais sonberam, passaram-me uma descompostura. Tive que desfazer a troca. Fiquei muito envergonhado, pois se os patins são meus, deveria ter o direito de fazer com eles o que bem entendesse. Se eu prefiro um estojo para lápis, de madeira perfumada e com um cachorrinho cego em cima, ninguém tem nada com isso. O colega absolutamente não me queria tapear, eu sabia que os patins custavam mais, mas o que eu queria mesmo era o estojo. Pois então, o viajante no deserto não trocou uma sacola de pérolas por um jarro cheio de água?

Durante muito tempo ficamos trocando idéias sobre o que escolher da vitrina da marcenaria. Cada um de nós queria ter uma mesinha com gaveta que fecha à chave, mas será que teremos permissão para colocá-la no quarto? Ou então, alguma coisa de presente para os pais. Mas deve ser gostoso a gente ter uma mesinha só nossa, ainda que pequena.

Começamos a contar como cada um vive em casa, e Mundinho comenta que se sente infeliz, porque o pai dele bebe.

É uma terrível desgraça ter pai alcoólatra. Os alcoólatras deveriam estar proibidos de casar. Depois quem sofre é a mulher e os filhos.

— Antes do dia de pagamento é sempre aquele medo: será que o pai traz o dinheiro para casa, ou será que vamos passar fome a semana inteira? E veja só que prazer pode ser esse: quando está bêbado, não sabe o que acontece com ele, e depois que dormiu, fica com vergonha e com dor de cabeça.

— E você não pode pedir para ele parar?

— E adianta? Você acha que mamãe não vive chorando, gritando e amaldiçoando? Ele promete, mas depois faz a mesma coisa. Que nem criança.

— Mas se você o convencesse com muita gentileza?

— Tenho vergonha. Uma vez fomos para o campo, para a casa do pai de um colega. O pessoal ficou bebendo, mas o pai disse que não queria, porque tinha jurado a mamãe que não ia mais botar uma só gota de vodca na boca. Mas quando começaram a insistir para ele tomar pelo menos um copinho, puxei-o pela manga, porque sabia que tomando um ia tomar vários outros. Ele levantou-se então e disse: “Venha, vamos para o rio.” E fomos andando. E as cotovias cantando, e o trigo parecia que se inclinava diante de nós, e o sol brilhava, e tudo era bonito, gostoso. Papai segurava-me pela mão. Sentamos na beira do rio, eu com a mão sempre na dele. De repente, a mão dele deu um tremelique, como se tivesse encostado numa urtiga. Eu falei: “Está vendo, pai, é melhor não beber.” Ele olhou para mim, e eu quase morri de vergonha, e fiquei com uma pena enorme dele. Porque o olhar dele era tristonho demais. Sabe, às vezes um cachorro olha para a gente pedindo alguma coisa, ou com medo de apanhar. Eu sei que um homem é uma coisa e o cachorro outra, mas foi o que me passou pela cabeça. Por nada no mundo repetiria a mesma coisa para ele. Pois veja: o pai parece que adivinhou, ficou olhando para a água, olhando, olhando, e disse: “Vida de cachorro, meu filho.” E suspirou. E eu quis beijar a mão dele, como se fosse para pedir desculpas, mas ele segurava minha mão com força, não podia nem mexer. Não sei se papai estava magoado, ou quem sabe pensou que era indigno de ser beijado. Depois, ele não voltou mais para junto das outras pessoas, só me pediu para apanhar a sua bengala e dizer que ele estava com dor de cabeça. Não queria que zombassem dele. Na viagem de volta, no trem, comprou umas rosquinhas. Não comi nenhuma, dei todas para o irmãozinho. Queria até comer algumas, para papai não pensar que eu estava fazendo pouco caso. Mas não consegui: sentia um aperto na garganta. Depois disso, ele deixou mesmo de beber um bom tempo, acho que um mês; mamãe já achava que tudo estava bem. Mas disseram para ela que quando alguém deixa de beber e anda desanimado, nada feito; só quando deixa de pensar no assunto e volta a ficar de bom humor é que a coisa vai mesmo. Mas ouça: você não vai contar a ninguém na escola não é? Você é o único a saber. Não vai contar, mesmo se a gente brigar, promete?

— Por que é que a gente vai brigar?

— Sabe como é: a gente entra em desacordo por qualquer coisa, e aí briga.

Conversamos ainda um pouco sobre como há pessoas diferentes no mundo: um bebe, outro não gosta de trabalhar, um terceiro rouba, um gosta de uma coisa, outro de outra. Gosta ou não gosta.

Tem uns, por exemplo, que não gostam de cortar as unhas. De unha cortada ficam irritados. Usam, então, unha comprida, ou então vivem roendo as unhas.



Ou então aparecem umas bolinhas nos dedos, que ficam doloridos. Ou manchinhas brancas nas unhas: o que será?

Uns dizem que é a sorte que floresce; outros, que é sinal de que alguém tem inveja. É sempre assim: um vai dizer uma coisa, outro outra, e como você vai saber depois em quem acreditar? É impressionante a quantidade de mentira que há no mundo.

Ficamos falando assim por muito tempo, eu até cheguei atrasado para o almoço, porque o levava até a casa dele, ele me levava até a minha, íamos e voltávamos. Era agradável caminhar conversando, porque em todo lugar tinha neve e mais neve. Foi por isso que cheguei atrasado.

Mamãe começa logo a gritar comigo: por que foi que cheguei atrasado, por que fico zanzando tanto na rua, que ela está farta de cozinhar e lavar louça, que estrago os sapatos, que se eu fosse menina iria ajudar, que ela vai se queixar na escola, que quando crescer vou virar malandro, que Irene devia ser a mais velha e eu o caçula, que ela, mamãe, vai morrer por minha causa.

Fico parado e não entendo nada.

Se cheguei atrasado, posso muito bem comer um almoço frio, ou não comer nada, ou lavar eu mesmo a minha louça.

Mamãe botou a comida na mesa, mas estou sem vontade de comer. Mamãe fica ainda mais irritada:

— Vê se come logo! Não me venha com frescuras e não-me-toques.

Não quero piorar a situação e começo a comer. Mas os pedaços ficam parados na garganta, não consigo engolir. Rezo a Deus para o almoço acabar logo.

Só mais tarde, de noite, soube que as traças estragaram um vestido de mamãe. Vai ter uma festa de aniversário, e eis o vestido inutilizado pelas traças. Mas então as crianças devem ser responsabilizadas até pela ação das traças?

Mas o que mais doeu foi a injustiça. É melhor até não saber por que motivo os adultos estão irritados quando gritam conosco. Você sente que alguma coisa lhes aconteceu, mas acaba procurando a culpa em si mesmo, até achar.

Sentei no meu canto para fazer os deveres. Chego a ter medo de um dos meus colegas aparecer, e tudo começar de novo:

“Vá, vá gastar os sapatos, os coleguinhas estão chamando!”

Adivinhei: alguém bateu na porta, mas de leve, e uma só vez. Pois não é que mamãe ouviu?

— Não se atreva a sair! Faça os deveres!

Fico fazendo é claro. Nem tenho vontade de sair.

Me vem a sensação de que estou no campo, sozinho, de noite, faz frio, não há ninguém, estou descalço, com fome. Os lobos uivam. Fico duro de frio e de medo.

Que estranho é o homem. Está todo contente, e de repente fica triste.

Não tenho certeza, mas parece-me que os adultos ficam de mau humor mais vezes do que tristes. Mas pode ser que no íntimo estejam silenciosamente tristes, e aí ficam de mau humor com as crianças. É raro a gente comentar a respeito de um professor:

— Ele hoje estava triste.

Mas quantas vezes infelizmente:

— Ele estava de mau humor.

As crianças choram mais vezes do que os adultos, e não é por frescura, mas porque sentem as coisas mais profundamente, sofrem mais.

Por que os adultos não respeitam nossas lágrimas de criança? Eles pensam que em geral choramos por causa de tudo e de nada. Mas não. A criança pequena berra, porque é a única defesa que ela tem: vai armar um escarcéu, aí sempre alguém aparece, presta atenção, socorre. Ou então ela berra de puro desespero. Mas nós choramos raramente, e não pelas coisas mais importantes. Quando a dor é muito forte, só aparece uma lágrima, e acabou. Também com os adultos acontece que na grande desgraça as lágrimas secam e esfriam de repente.

O mais raro é a gente chorar quando os adultos brigam conosco sem razão. Abaixa-se a cabeça, e pronto. Às vezes eles perguntam, e você não responde. Às vezes quer responder, mas só mexe os lábios, e não sai nada. Eles dizem que é teimosia. Em certos casos, é verdade, explode uma espécie de obstinação, um tanto faz: deixe bater, assim tudo acaba logo. Você dá de ombros ou resmunga algo baixinho. E pela sua cabeça circulam os piores pensamentos e palavras feias. Aí você nem leva em consideração que se trata do professor, ou do pai. É provável que a cabeça esteja vazia, mas o peito cheio de desespero e de raiva.

Muitas vezes você nem escuta o que eles gritam, não entende uma só palavra. Nem sabe o que querem. Só ouve um vago zumbido, e a cabeça fica tonta.

Ou então eles te puxam, empurram ou batem. Ora batem, ora puxam pela mão e pensam que não batendo não dói. Aquilo que eles chamam de surra é nada mais nada menos do que tortura. Seguram a criança, batem como se ela fosse um criminoso, com o cinto; e ela tenta se soltar e berra:

— Não faço nunca mais, não faço nunca mais!

Esse tipo de castigo — hoje talvez mais raro, mas continua existindo — deverá ser no futuro motivo de condenação criminal. Não sei o que sente aquele que bate, nem a criança que apanha. Mas sei que o fato nos inspira nojo, indignação e horror. Um cavalo merece mais compaixão do que um ser humano.

Vocês pensam, quem sabe, que nós também batemos um no outro. Mas nossas mãos são pequenas e nossa força é pouca. E mesmo tendo

a maior raiva nunca batemos de modo tão sanguinolento. Vocês não sabem como são as nossas brigas. Sempre testamos antecipadamente quem é o mais forte, e dosamos a força de acordo com a idade e a capacidade de resistência. Eu avalio o adversário, ele me avalia. E quando um consegue imobilizar o outro, de tal modo que ele não pode mais se mexer, tudo pára logo. Só quando alguém nos perturba muito é que podemos às vezes bater com muita força. Ou, na confusão de uma briga, dar uma pancada no nariz, e o nariz sempre sangra muito.

Mas nós sabemos o que significa o verbo *doer*.

(Um médico imbecil declarou que as crianças nos reformatórios para menores delinquentes sentem menos. Gostaria de medir a sensibilidade dele, dando-lhe cinquenta boas chicotadas. É uma vergonha que teses eruditas como esta sejam defendidas por um compatriota nosso, um médico ainda por cima.)

Fico sentado, refletindo sobre aquilo que sabia antigamente e o que sei agora. E sinto cada vez mais pena por sermos tão pequenos e fracos. Mas sobretudo pena de Mundinho, porque o pai dele bebe.

Fatalmente nos tornaremos amigos. As coisas vão mal para ele, e para mim também. Que haja então fraternidade entre nós. E ele é responsável pelo meu sofrimento deste momento, porque foi por culpa dele que cheguei atrasado para o almoço.

Senti um calorzinho nos olhos e logo afastei o caderno, para não molhar a página com o problema que estava resolvendo. Mas não: as lágrimas entraram pelo nariz adentro, não caíram.

Eis Irene que se aproxima. Fica parada à distância, olhando. Eu olho para ela de soslaio, porque não sei o que quer. Não diz nada, dá mais um passo na minha direção, fica parada em silêncio. Fico na expectativa, vejo que ela segura alguma coisa, e a transfere a toda hora de uma mão para outra. Sei que uma coisa boa vai acontecer, e a ternura penetra-me o coração. Há silêncio dentro de mim. Então Irene estende-me a mão com um presente, um vidrinho cortado de tal modo que quando olhamos através dele, tudo aparece em várias cores. Ontem eu o pedi emprestado, e ela nem me deixou olhar, mas agora diz:

— Tome. É para sempre.

Não garanto que ela disse “tome”, porque não ouvi bem. Só ouvi mesmo:

— É para sempre.

Ela o disse baixinho, delicadamente, de uma maneira gostosa, com timidez.

Não quero aceitar, porque ela é capaz de dar e depois se arrepender, querer de volta, brigar. Ou mesmo dar queixa de que eu o tomei dela. E difícil a gente entender-se com crianças pequenas, porque os adultos interferem. Da mesma forma como eles zombam de nós e nos

maltratam por sermos pequenos, nós o fazemos com os menores. Uma criancinha dessas é capaz de dizer tão lindamente “é para sempre”, e nós rimos dela. Portanto, não queria aceitar, por desconfiança, para evitar aborrecimentos futuros. Peguei só para olhar, e vejo que não tem uma só janelinha, tem várias, todas multicolores.

Digo então:

— Devolvo logo.

E ela:

— Não quero.

E coloca a sua mãozinha na minha mãozona. Olho para a mãozinha dela através do vidrinho, e sorrimos um para o outro.

Mamãe pergunta se terminei os deveres, me dá dinheiro para o bonde, manda entregar o vestido estragado pelas traças na casa da minha tia. Desgostoso com a casa, digo para mim mesmo:

— Ótimo, assim posso sair um pouco.

— Cuidado para não perdê-lo, adverte mamãe.

Fico pensando:

“Uma menina talvez o perderia; eu não.”

Ao reclamarem conosco por sermos homens, acirram nossos ânimos contra as meninas. Que culpa temos nós? Foi Deus que nos criou assim.

E eles sempre:

— Esses meninos, esses meninos...

E nós retribuímos:

— As meninas fazem isto, as meninas fazem aquilo.

Como se fossem dois campos inimigos.

Para que, se sabemos muito bem o que elas valem e o que nós valem?

Bem, peguei o vestido que mamãe enrolou num pedaço de pano, e lá vou eu.

Esperei o bonde muito tempo e fiquei irritado, porque queria voltar logo, para mostrar como sei ser rápido. Mas alguma coisa aconteceu, os bondes ficaram parados, e o primeiro que chegou estava lotado. As pessoas ficam se empurrando para subir, então eu empurro também. Consegui agarrar-me no corrimão para tentar entrar para dentro, mas um sujeito me deu um empurrão que me fez rodar. Fiquei tão danado que disse um palavrão. E ele, parado no estribo, diz:

— Está fazendo o quê? Vai cair.

“Olhe só, que bonzinho — pensei. — Quem vai cair é você, beberrão”

Ele não estava bêbado coisa nenhuma, foi de raiva que o chamei assim. Botou-me para fora do bonde sobriamente, só por ser maior, mais forte.

Continuo esperando no ponto, e o segundo bonde vem cheio também. Paguei a passagem, o bonde sai andando. Mas eu continuo pensando no sujeito mal-educado que me empurrou. Grosso, bruto, ainda por cima adulto — que exemplo está dando às crianças.

Outra vez sou empurrado. Um sujeito me afastou com o braço, como se eu fosse um objeto; por pouco não deixo cair o vestido. Que mal há então em dizer o que lhe disse:

— Tome mais cuidado.

É o que basta para ele gritar comigo.

— Vou te mostrar já já o que é cuidado.

Limitei-me a repetir:

— Pois tenha mais cuidado.

Aí ele me pega pelo queixo com a sua pata suja. Digo:

— Me largue.

E ele:

— Então deixe de ser malcriado.

Respondo:

— Não estou sendo malcriado.

Um velhote se mete no meio. Não viu nada, não sabe de nada, mas toma partido:

— Esta é a educação de hoje. Esses pivetes que nem deixam gente de mais idade passar.

Defendo-me:

— Ele nem me pediu para passar.

— Espere para ver o que vou pedir, cachorro.

— Não sou cachorro, sou homem, e o senhor não tem o direito de me empurrar.

— Quer me ensinar os meus direitos agora!

— E por que não?

Meu coração dispara, a garganta fica apertada. Deixe explodir o escândalo. Não vou me deixar ofender assim. As pessoas começam a olhar. Ficam admiradas de ver um menino se defendendo desse jeito.

— E se eu te der uns puxões de orelhas, vai fazer o quê?

— Chamo o guarda e mando prender o senhor, porque está fazendo bagunça no bonde.

Todos se põem a rir. Até ele. Não estão zangados, só riem, como se eu tivesse contado uma piada. Chegam a levantar dos bancos para olhar para mim. Não agüento mais, e digo:

— Com licença, quero saltar.

Mas o sujeito não me deixa:

— Você acaba de subir. Fique mais um pouco.

Uma mulher gorda, derramada no seu assento, comenta:

— Que garoto mais teimoso!

Nem ouço mais o que cada um diz a meu respeito. Grito.

— Quero saltar!

O sujeito não se mexe.

— Você tem tempo, é jovem. Por que tanta pressa?

Berrei, a plenos pulmões:

— Senhor motorneiro!

Finalmente alguém toma minha defesa:

— Deixem o garoto saltar, coitado.

Saltei, enquanto todos me olhavam como se fosse um espantalho.

Devem ter continuado a rir de mim uma boa meia hora.

Nos ordenam que os respeitemos, quero saber por quê. Todos uns ordinários. O mandamento diz: “honrarás pai e mãe”, mas não manda honrar qualquer um que nasceu antes de nós. Grande mérito, ter nascido antes. E o que deve fazer Mundinho, que tem pai alcoólatra? “Cachorro, garoto teimoso, malandro, malcriado.” Que nos dêem então um exemplo de boa educação. E o professor que durante a aula toda fica de dedo enfiado no nariz? Não tem vergonha, na frente dos cachorros? E ainda nos chamam de fedelhos. Só para ofender e rebaixar. É de admirar que as crianças mais tarde, quando crescem, desembestem pelo mundo afora?

Somos conscientes, enxergamos e sabemos muitas coisas, intuímos e pressentimos mais ainda. Mas temos que dissimular, porque nos lacram a boca.

O professor na aula enfia o dedo no nariz, e a professora se vira para a janela, às escondidas tira da bolsa um espelhinho e pinta os lábios. Estão pensando que somos cegos, quarenta garotos sentados na frente deles? Por que não fazem a mesma coisa na presença do inspetor?

Depois ficam espantados quando a gente às vezes faz uma travessura.

Sentimos, é claro, que nos estão estragando. Têm a língua cheia de moral, mas cultivam dentro de nós a falsidade e a submissão. Para que, quando adultos, humilhemos o mais fraco e nos humilhemos diante do mais forte.

Vou caminhando com o vestido debaixo do braço, e pensamentos adultos se entrelaçam com dores e humilhações de criança. Só percorri de bonde a distância correspondente a quatro pontos, a casa de minha tia está longe, mas prefiro ir andando, quase correndo, a continuar discutindo com eles.

Quando chego em casa, mamãe, só para chatear, diz:

— Por que demorou tanto?

Não respondi nada. Porque de repente me pareceu que mamãe é culpada de tudo. Se eu não tivesse saído de casa já irritado, talvez não teria discutido no bonde. A gente cede tantas vezes, não custava ceder

mais uma. Tem um provérbio, parece ironia, que diz que o sábio cede diante do tolo. Quem é capaz de me mostrar um sábio?

Fico com pena de que o dia, que começou tão bem, esteja terminando tão sem graça.

Estou deitado, mas não consigo dormir, continuo pensando:

"Parece que tem que ser assim. Em casa as coisas não vão bem, mas lá fora são ainda piores. Por que acharam tudo tão engraçado? Se sou pequeno, não posso chamar um guarda, mas eles podem me empurrar para fora do bonde, me pegar pelo queixo, ameaçar de pancadas?"

As crianças, afinal, são ou não seres humanos? Nem sei mais se devo ficar contente por ser criança, contente por haver neve branca na rua, ou triste por ser tão fraco.

Finalmente, o devaneio vem me socorrer. Quantas vezes acontece a gente sentir que a vida é insuportável, e encontrar consolo num pensamento agradável. Que começa sempre assim:

"Como seria bom se..."

E daí por diante, como se fosse verdade.

Como se fosse verdade, por exemplo, que continuo sendo criança, mas sou forte, que nem um adulto. Muque de atleta. O sujeito no bonde fala alguma coisa sobre um puxão de orelhas que pretende me dar, e eu respondo.

— Por favor, sirva-se.

E aperto a mão dele, até ele pular de dor:

— Solte!

Eu respondo:

— Mas eu ouvi alguma coisa sobre um puxão de orelha que o senhor ia me dar. Se sou um fedelho, por que não me puxa a orelha?

E aperto cada vez mais. Ele ameaça me bater com a outra mão, eu pego a outra também, e começo a apertar.

— Me solte! Solte já!

— Só depois que pedir perdão.

Foi gostoso pensar e planejar as coisas deste modo. Sem levar em conta que na outra mão eu estava segurando o embrulho com o vestido, então não podia servir-me dela para segurar a mão do sujeito.

Os adultos se espantam quando sabem que os meninos querem ser fortes.

Será que o leão é mais forte que o urso? Será que o homem mais forte consegue se defender se for atacado por cem pessoas? E o diretor da escola é mais forte que o professor de educação física? Quem é o mais forte da turma, da escola toda? De toda a Polônia? Quem é capaz de derrubar quem, quem corre mais rápido, lança para mais longe, pula mais alto?

Não se trata de boba curiosidade infantil, nem de brincadeira, mas de um teste para saber de quem somos capazes de nos defender.

Os adultos não sabem o quanto os jovens sofrem nas mãos dos mais velhos e fortes. Um indivíduo qualquer pega um objeto que você está segurando, vai embora, te dá uma pancada e ainda fica rindo, porque sabe que você não vai fazer nada; te empurra, te desloca do lugar em que você chegou primeiro, joga o teu casaco do cabide para o chão, te xinga, ofende, arranca-te o boné da cabeça, estraga a tua brincadeira, não te deixa olhar. E você não pode fazer nada, pois se partir para a briga, na marra, ainda acabará apanhando. E ele se safará mais facilmente de qualquer encrenca, porque é esperto. E você nem sempre vai contar o que aconteceu, ou denunciá-lo, porque ninguém vai te ajudar e ainda por cima depois virá a vingança. Fazem de nós o que bem entendem.

Se você for vivo, no máximo responderá algo, ou desferirá um único golpe, e logo dará no pé.

Para nós, não existem direitos nem justiça. Vivemos como os homens das cavernas. Uns agredem, outros se escondem ou fogem. Vale tudo; o punho, o pedaço de pau, a pedra. Não existe organização nem civilização. Teoricamente existe, mas na prática é só para os adultos, e não para as crianças.

Vocês acham a nossa linguagem pobre e desajeitada, porque não dominamos a gramática. Por isso acreditam que nós pensamos pouco e pouco sentimos. Nossas crenças são ingênuas, porque não possuímos o saber que está nos livros, e o mundo é muito grande. Entre nós, a tradição substitui a lei escrita. Vocês não compreendem os nossos rituais nem percebem a natureza dos nossos problemas.

Nós vivemos como um povo de pigmeus, subjugado por sacerdotes gigantes que detêm a força dos músculos e a ciência secreta.

Somos uma classe oprimida que vocês desejam manter viva às custas do menor esforço e com o mínimo de sacrifício.

Somos criaturas extremamente complexas, fechadas, desconfiadas e camufladas; e nem a bola de cristal nem o olho do sábio lhes dirão qualquer coisa a nosso respeito, se vocês não tiverem confiança em nós e identificação conosco.

Deveríamos ser estudados pelo etnólogo, pelo sociólogo, pelo biólogo, e não pelo pedagogo ou pelo demagogo.

Nosso irmão, entre todos, é o artista que, nessa hora caprichosa, rara e excepcional que é a hora da inspiração, é capaz de verdadeira simpatia para com o nosso povo. Nessa hora, ele parece a vocês uma criança. Pois o que ele faz não é outra coisa senão contar-nos um conto de fadas.

Pois é: vocês se definem nas suas relações conosco através do seu humor, que raramente é alegre, e muitas vezes é sombrio.

Acordei triste.

## MALHADO

Acordei, triste.

Estar triste não é ruim. A tristeza é um sentimento suave e agradável. Bons pensamentos nos vêm à cabeça. Sentimos pena de todo mundo: de mamãe, porque as traças estragaram o seu vestido, de papai, porque precisa trabalhar, da avó, porque está velha e não demorará a morrer, do cachorrinho, porque está com frio, e da florzinha, porque suas folhas ficaram flácidas e ela parece doente. Queremos ajudar a todos, e queremos nós mesmos tornar-nos melhores.

Contos de fadas tristes também nos agradam, o que indica que temos necessidade de tristeza, como se ela fosse um anjo que pára, olha, põe a mão na nossa cabeça, e parece estar respirando pelas asas.

Dá vontade de ficar sozinho, ou então de estar com alguém e conversar sobre diversos assuntos.

Ficamos com medo de que alguém venha estragar a nossa tristeza; estragar, não: espantar.

Estou na janela, e vejo que nas vidraças, durante a noite, surgiram desenhadas lindas flores. Talvez não flores, mas folhas. Uma espécie de palmas. Estranhas flores, mundo estranho. Por que tudo é assim como é, de onde vem tudo isto?

— Por que você não está se vestindo? pergunta papai.

Não respondo, mas chego perto dele e digo:

— Bom dia.

Beijo a mão do pai, e ele olha para mim.

Agora me visto rápido, tomo café e vou saindo para a escola.

— Por que tanta pressa hoje? pergunta mamãe.

— Quero passar na igreja, respondo.

Pois lembrei-me de que não tenho rezado muito e sinto-me culpado.

Saio para a rua e procuro ver se Mundinho vem vindo. Mas não o vejo.

A água congelou. E já os garotos estão preparando pista de patinação. Para poder deslizar bem. De início preparam um pequeno pedaço, depois vão avançando, daqui a pouco há espaço para todos patinarem.

Paro. Não paro, não. Vou andando.

Em vez de Mundinho encontro Vítor. Me saúda:

— Oi, tríplico, como vai?

Na hora não entendi o que ele quis dizer. Depois percebi que estava me dando um novo apelido. Por causa do desenho daquele dia, quando desenhei o tríptico.

Digo:

— Me deixe passar.

Ele bate continência e diz:

— Às ordens.

Vejo que está me provocando, então atravesso a rua. Ele ainda teve tempo de me dar um empurrão, mas logo peguei uma rua transversal.

“Tenho tempo — pensei — vou dar uma volta.”

Vou à escola sem vontade. Lá sempre tem barulho, empurram a gente, cada qual diz uma coisa. Às vezes vou de propósito mais devagar, ou por um caminho mais longo, para chegar bem em cima do início da aula. Bom é chegar quando a campainha está batendo, porque assim o professor entra logo e o ambiente se acalma. Se eu tivesse um relógio poderia calcular melhor o tempo, mas sem relógio corre-se o risco de chegar atrasado.

Não há de ser nada. Pego mais uma rua que alonga o trajeto. Como se alguém me estivesse chamando, ou alguma coisa me estivesse empurrando. Às vezes fazemos alguma coisa sem saber por quê. Pode dar certo ou não. Quando não dá certo costuma-se dizer que cedemos à tentação. E mais tarde a gente fira admirado: por que será que fiz isso?

Portanto, sem saber por que, vou dando uma volta grande, por um caminho completamente diferente do habitual. Vou andando, e de repente vejo um cachorrinho parado na neve.

Pequeninho, todo espantado. Está apoiado em cima de três patas, e mantém a quarta levantada no ar. Treme; sacode-se todo. A rua está deserta. Só de vez em quando passa alguém.

Paro e olho para ele; penso que os donos devem tê-lo posto na rua, e ele não sabe para onde ir. É branco, só tem uma orelha preta e também a ponta do rabo. Continua com a patinha pendurado no ar, olha

para mim com melancolia, pedindo para tomar conta dele. Levantou até o rabo, mas só o abanou duas vezes, tristonho. Uma vez para um lado, uma vez para o outro, como se estivesse sentindo alguma esperança. Eu também. E ele chega mais perto de mim. Mas percebe-se que está com dor. É o que me parece. Para outra vez e aguarda. A orelha preta de pé, a branca caída. Eu juraria que quer me pedir alguma coisa, mas ainda está com medo. Lambe os beiços — deve estar com fome — e continua com aquele olhar de súplica.

Dou alguns passos, ele me segue. Vai mancando, apóia-se nas três patas, e quando eu olho para trás, ele pára. Passa-me pela cabeça a idéia de bater com o pé no chão e gritar “pra casa!”, para ver o que ele faz. Mas fico com pena dele, então não grito coisa nenhuma, só digo:

— Vá para casa, senão você se resfria.

Mas ele se chega ainda mais.

Que fazer? Claro que não posso deixá-lo, vai congelar.

Aproxima-se mais, mais ainda, está quase encostado em mim, deita humildemente no chão e treme. Agora já tenho certeza, mas certeza absoluta, que meu Malhado não tem casa. Quem sabe ficou vagando pela rua a noite toda? Chegou sua última hora? E justamente quando eu resolvi ir por um outro caminho para a escola, e justamente quando eu posso salvá-lo da morte iminente.

Pego-o nos braços, e ele me lambe. Está todo enregelado, mas a língua está um pouco mais quentinha. Imediatamente, desabotoo o casaco e enfio-o por baixo, só deixando do lado de fora a cabecinha, não, só o focinho, para que ele possa respirar. Ele faz um movimento com as patas, como se quisesse agarrar-se em alguma coisa, para não cair. Quero dar-lhe apoio, mas tenho medo de machucar a patinha doente, então passo minhas mãos em volta do corpo dele, e sinto que seu coração bate como se quisesse explodir.

Se soubesse que mamãe o deixaria ficar, ainda daria tempo de passar em casa. Em que é que ele iria atrapalhar? Eu o alimentaria com sobras da minha comida. Mas tenho receio de voltar para casa, e sei que na escola não me deixarão entrar com o bichinho. Bem, ele acomodou-se confortavelmente debaixo do casaco, parou de se mexer, fechou os olhinhos; por causa da posição em que o seguro, a manga do meu paletó levantou um pouco; mas ele nem quer respirar ar fresco, enfiou o focinho dentro da manga e fica soprando. E todo ele vai se tornando mais quente. É provável que adormeça agora. Se passou a noite toda ao relento, no frio, sem dormir, deve estar certamente com sono. E aí, o que faço eu?

Olho em volta, vejo uma lojinha. Penso:

“O que será, será. Quem sabe ele saiu da loja e se perdeu. Vou lá e pergunto.

Sei que não é isso, mas vale a pena tentar; que mais posso fazer?  
Entro e pergunto:

— A senhora me desculpe. Este cachorro é seu?

Depois de dar uma olhada ela responde:

— Não.

Mas eu continuo na loja. Se tivesse dinheiro, compraria leite para ele. E a mulher da loja diz:

— Deixe ver o cachorrinho.

Animado, tiro o bichinho de dentro do casaco. Ele está dormindo.

— Aqui está.

Ela parece refletir um pouco e diz:

— Não, não é meu.

E eu:

— A senhora não sabe de quem é? Deve ser aqui das vizinhanças.

E ela:

— Não sei.

Eu insisto:

— Sabe, ele está com frio.

Continuo segurando-o nas mãos, e ele nem se move, dorme profundamente. Se não sentisse sua respiração, pensaria que está morto.

Fico com vergonha de pedir à dona da loja que fique com ele um pouco, que mais tarde passo e o apanho. Penso de repente que se não resolver nada aqui, talvez o contínuo da escola aceite ficar com ele durante o tempo da aula. O contínuo do primeiro andar é um chato, mas o do segundo é simpático: conversa, brinca conosco, faz ponta nos nossos lápis.

A senhora pergunta:

— Você mora nesta rua?

Como se quisesse dizer que não me conhece, que não sou um freguês, então para que fico parado ali?

— Vá andando, vá andando, diz. Sua mãe mandou você ir à escola, e você fica à toa, brincando com o cachorro. E feche bem a porta quando sair.

Deve ter pensado que como me viu todo atrapalhado, eu certamente esqueceria de fechar a porta e deixaria o frio entrar. É assim mesmo: cada um só pensa em proteger-se a si mesmo. Mas o cachorro é também uma criatura de Deus.

Na saída, sem saber o que fazer, experimento ainda:

— Olhe só, é tão branquinho, e não tem sarna.

Mas escondo com o braço a patinha machucada. Ou, quem sabe, apenas congelada.

Mas a dona da loja:

— Chega de me encher a cabeça com esta história de cachorro.

Pronto, estou enchendo a cabeça. Como se fosse eu o culpado de o cachorro estar morrendo de frio na rua.

O que fazer? Se o contínuo não concordar, é ele quem terá de jogar o cachorro na rua.

E os garotos vão logo encher a escola de gritos:

— Olhe só, o cachorro! Ele trouxe o cachorro para a escola!

O professor acabará ouvindo. E o segredo é fundamental. Como já perdi tempo demais, enfio o cachorro debaixo do sobretudo, só que desta vez também debaixo do paletó, sem preocupar-me com o pouco ar que ele terá para respirar. E saio voando para a escola. O contínuo há de aceitar, certamente. Vou conseguir dinheiro emprestado de alguém para comprar leite para o meu Malhado.

Dei-lhe o nome de Malhado.

Vou correndo, e sinto que ele já se aqueceu. Através da camisa ele recebeu o meu calor. Agora despertou, começa a se mexer, a me arranhar, e finalmente bota o focinho para fora e late. Late não: murmura; emite, enfim, uma voz que anuncia o seu bem-estar e a sua gratidão. No início, eu sentia o frio dele batendo no meu peito, mas agora, por sua vez, já é ele que me aquece. Como se eu tivesse uma criancinha nos braços. Inclino-me e dou-lhe um beijo; e ele fecha os olhos.

Vou direto ao contínuo:

— Por favor, guarde-o. Ele está todo congelado.

— Ele quem?

— Este aqui.

Viu que estou segurando um cachorro. Torceu a cara.

— Onde foi que você o pegou?

— Na rua.

— Pegou por quê? Um cachorro que não é seu.

— Está sem dono. E tem uma patinha machucada.

— Vou guardar onde? Você não tinha nada que pegar. Como sabe que ele não é de ninguém?

— Não é mesmo. Perguntei a todo mundo. Se tivesse dono, não o teriam jogado na rua neste frio.

O contínuo resiste:

— É capaz de estar com sarna.

— Imagine! Olhe só como é branquinho.

Fingi-me de ofendido, mas estou contente, porque sinto que se ele pegar o cachorro para ver de perto, ficará com ele.

Um garoto já viu, então escondo rápido o bicho debaixo do casaco. E o contínuo manda o menino embora:

— Vá andando. Olhe os sapatos, estão cobertos de neve. Mas a resistência prossegue:



— Já tenho bastante trabalho com vocês, imagine se agora cada aluno me traz um cachorro da rua.

— Mas, por favor, é só por algumas horas. Depois o levo para minha casa.

— Aposto que seus pais não vão deixar.

— Então volto para a rua onde o achei. Quem sabe alguém o reconhece.

Coçou a cabeça, e eu pensei: “As coisas vão bem.”

Ele ainda faz doce:

— Tanto trabalho com vocês, e agora vou ter que cuidar de cachorros.

Acabou aceitando. Um sujeito humano. Se fosse o do primeiro andar, não teria aceito, e ainda me teria xingado.

Ficou com o bichinho. Os alunos começaram a se juntar nas proximidades. E o meu Malhado parece que entende, porque fica imóvel, e só olha para mim. A campainha bate. Tudo bem: deixei Malhado num lugar seguro, e não cheguei atrasado na escola. A aula começa.

Sentado na minha carteira estou triste. Malhado não sente mais frio, mas deve estar com fome. Fico pensando onde conseguir dinheiro para comprar leite para ele.

Fico pensando também que dormi a noite toda numa casa bem quentinha, sem saber que um cachorrinho sofria na rua gelada; e mesmo que soubesse, não adiantaria. Pois é claro que não iria me vestir e sair no meio da noite, procurando Malhado pela rua.

Sentado na minha carteira estou tão triste que poderia repartir minha tristeza com a turma toda. Acho que nunca mais vou brincar com os colegas. Ontem ficamos brincando, fazendo de conta que éramos cavalos, e depois caçadores. Brincadeiras de criança. Não têm utilidade para ninguém. Mas se me deixassem ficar com o meu cachorrinho lá em casa, eu poderia tomar conta dele. Poderia dar-lhe banho, escová-lo, ele ficaria tão branco como a neve. Se ele quisesse, eu lhe ensinaria diversas habilidades. Mas com paciência, sem bater. Nem levantaria a voz para ele. A palavra muitas vezes dói tanto quanto a pancada.

Quando a gente gosta de um professor, a menor observação que ele nos faz machuca. Basta ele dizer:

— Fique quieto.

Ou então:

— Não fique conversando.

Ou ainda:

— Não está prestando atenção.

E você logo fica sentido. Procura ver se ele só falou por falar e esquecerá logo, ou se está zangado para valer.

Malhado vai gostar de mim; portanto se ele falhar num exercício, direi que não o executou bem, mas logo lhe farei um carinho, e ele abanará o rabo, e vai esforçar-se mais.

Não o excitarei nem de brincadeira, para não ensiná-lo a ter raiva. É estranho como a gente gosta de excitar um cachorro, para ele ficar latindo. E eu mesmo espantei um gato ontem. Lembrei-me disso e fiquei com vergonha. O que eu queria com o gato? O coração dele deve ter disparado de medo. Será que os gatos são realmente falsos, ou é só conversa fiada?

A professora diz:

— Agora leia você.

Sou eu.

E eu não sei de que se trata, porque nem havia aberto o livro.

Fico parado que nem um imbecil, de olhos arregalados. Estou com pena de Malhado e de mim mesmo.

Vítor anuncia:

— Tríptico estava voando atrás de passarinhos.

Meus olhos enchem-se de lágrimas, então abaixo a cabeça, porque não quero que ninguém veja.

A professora não se zangou; disse apenas:

— Você nem abriu o livro. Vou ter de pedir-lhe que se retire.

Ela disse que ia pedir que me retirasse. Não falou que ia me botar para fora.

Mas nem isto ela fez. Disse apenas:

— Fique em pé.

Nem me mandou para o canto.

Ela deve ter adivinhado que algo importante aconteceu. Porque se eu fosse ela e visse um aluno sentado com o seu livro fechado, perguntaria qual é o problema que tem, o que aconteceu com ele.

Bem, e se ela perguntasse por que eu não estava prestando atenção, será que eu iria contar? Claro que não. O que é que ela tem com isso? Aula é aula, e pronto. E eu não ia poder comprometer o contínuo.

Mas ela disse:

— Fique em pé.

E depois ainda acrescentou:

— Ou quem sabe prefere ir para fora?

Fico todo vermelho, não respondo. E o pessoal começa logo a gritar. Uns dizem:

— Ele prefere ir para fora!

E outros:

— Prefere não, professora!

Qualquer coisa é pretexto para brincadeira, e todos ficam contentes, porque a aula é interrompida. Não pensam no colega que está sem graça e com medo de que a professora acabe se zangando para valer.

A campanha bate, tudo acabou. Vou correndo à procura do contínuo.

Mas o contínuo do nosso andar, aquele mal-humorado, me manda parar.

— Para onde vai? pergunta. Não sabe que é proibido?

Fico com medo, mas meu pensamento está longe:

“Preciso arranjar dez centavos para comprar leite.”

Que tal pedir a Roberto? Ele sempre tem dinheiro. Mas não vai querer dar, porque o conheço pouco. E uma vez quando alguém pediu-lhe emprestado, ele disse:

— Imagine só se vou emprestar a um fedelho!...

Contínuo refletindo: “Quem sabe este, quem sabe aquele.” Olho em volta. Acabo lembrando que Fernando me deve cinco centavos. Saio em busca dele, ele está brincando, foge de mim.

— Escute, devolva-me os cinco centavos.

— Desinfete, responde ele. Não atrapalhe.

— Mas eu estou precisando.

— Mais tarde, agora não posso.

— Mas estou precisando!

— Mais tarde, já disse! Agora não tenho!

Estou vendo que começa a ficar irritado, e não tem mesmo dinheiro — então o que é que se vai fazer? Mundinho também não tem.

Não há outra saída, vou falar com Roberto. Ele é rico, seu pai é dono de uma loja.

Ele indaga logo:

— Está precisando para quê?

Respondo:

— Para uma coisa importante.

Ele continua perguntando:

— Você devolve quando?

— Assim que puder.

Vou prometer o quê? Um outro diria:

— Amanhã.

E não levaria a sério coisa nenhuma. E se o outro tentasse cobrar, ainda o xingaria. Diria:

— Vá plantar batatas.

Os adultos, mesmo os mais pobres, têm sempre pelo menos uns vinte centavos no bolso, enquanto nós temos de batalhar feito doidos para arranjar cinco centavos que sejam. É um sofrimento para nós não dispor de um mínimo fixo. Para saber de antemão com o que se pode contar.

— Como é, dá para emprestar?

— Não tenho.

— Tem sim, só que não quer dar.

Se eu dissesse para que era, ele daria. Devo dizer, então?

Ele prossegue:

— Emprestei para uma porção de gente, mas ninguém me devolve. Procure o Frank: está me devendo vinte e cinco centavos há um mês.

Frank nunca devolve para ninguém, portanto torço a cara; mas o que é que vou fazer?

Procuro, mas não consigo achá-lo. Vou achar onde, nesta multidão?

Roberto até que é bom sujeito, não gosta de dizer não. Só que é muito curioso, quer sempre meter o nariz em tudo. Agora vem me perguntar:

— Como é, resolveu com Frank?

— Não sei onde ele está.

Pensou um pouco e perguntou:

— Você precisa para que, hein?

— Se disser, você empresta?

— Empréstio.

— Mas tem aqui?

— Tenho, só que queria comprar madeira compensada, para fazer uma moldura.

Contei-lhe então rapidamente sobre o cachorro e procuramos subir discretamente para o segundo andar, mas eis que a campanha bate. Temos de ir para a aula.

Estou preocupado. Malhado está com fome, é capaz de começar a choramingar, a ganir, e aí o contínuo o pega e o joga na rua.

Batizei-o de Malhado. Mas agora desconfio que talvez não seja um bom nome. Parece um apelido. É verdade que o cachorro não entende essas coisas, mas se fosse homem, podia ficar chateado. E se o chamassem de Floco, para lembrar que o achei na neve? Ou Branquinho? Ou alguma coisa ligada a inverno?

Penso em tudo isso como se já soubesse que me permitirão ficar com ele.

Tanto a mulher da loja como o contínuo disseram que ele deve ter um dono; seria o caso de interrogar uns garotos lá perto daquele portão. Que portão? Não havia nenhum portão nos arredores. Depois, algum deles é capaz de dizer de mentira que o cachorro é dele, só para brincar um pouco e depois jogar outra vez na rua. E se tem donos de verdade, não devem cuidar bem dele, pois o botaram para fora, em pleno frio. E se foi ele que fugiu de casa? Não o conheço ainda, não sei como ele é. Cachorrinhos jovens fazem muitas estrupulias. É capaz de ter aprontado alguma coisa, ficado com medo do castigo e resolvido fugir.

Atormento-me, porque não sei o que fazer. Tenho tais, tais e mais tais possibilidades — fico preocupado, como se tivesse um filho. E Floco deve estar pensando que me esqueci dele. Vida de cachorro é parecida com vida de criança. A criança chora, e o cachorro choraminga, se lamenta. E late de raiva ou de alegria. E brinca que nem criança. E nos encara nos olhos, e agradece lambendo; mas também rosna, como se fosse para adivertir e dizer: “chega, pare!”

Lembrei-me de que estou na aula e preciso prestar atenção, pois hoje já fiquei em pé de castigo.

Quando era adulto, pensava que fosse fácil ser um aluno aplicado, prestar atenção nas aulas e ganhar boas notas. Agora vejo como é difícil. Quando era professor e tinha um aborrecimento, também não prestava atenção na aula, mas ninguém me mandava ir para o canto, de castigo. Pelo contrário, nessas horas me tornava mais severo e impunha um silêncio mais absoluto na aula, para poder curtir tranqüilamente a minha tristeza.

Meu Branquinho, meu Branquinho. Você é pequeno e fraco, então todos te humilham e desprezam. Você não é um cavalo-marinho que salva os que se afogam; tampouco você é um São Bernardo, que nas montanhas encontra as pessoas que se perderam na neve. Você não é um cachorro de esquimó. Nem sequer você é um *fox-terrier* inteligente, como o do meu tio.

Irei, junto com o meu cachorrinho, fazer uma visita à casa do meu tio, ele vai fazer amizade. O cachorro também gosta de companhia.

Penso: “Vou na casa do tio.” Penso não, divago. Porque com certeza não me deixarão ficar com ele.

O adulto diz para a criança: “Não pode, não é permitido” — e esquece logo. Nem sabe a dor que causou.

Quando eu quis ser criança, só pensava nas brincadeiras, na alegria das crianças, que não precisam pensar em nada nem se preocupar com coisa alguma. Mas agora tenho no fundo da minha alma, por causa de um cachorrinho de três patas, uma angústia maior do que o adulto sente por causa de toda a sua família. Finalmente sou a campainha.

Entregamos dez centavos ao contínuo, para o leite. Mas ele diz:

— Se fosse esperar pelos seus dez centavos! E olhem só o que o cachorro fez.

E nos conduz ao depósito escuro onde Malhado está trancado.

— Não faz mal, digo. Posso limpar com este pano?

Limpei tudo, e não tive nojo nenhum.

Branquinho me reconheceu, porque ficou contente. Quase escapa para o corredor. Fica dançando em volta, e dá pulinhos. Já esqueceu as misérias e os perigos por que passou. A esta hora estaria provavelmente morto, estendido na neve fria.

— Bom, dêem o fora, diz o contínuo. Mas logo se corrige e diz:

— Bom, vão andando, porque não tenho tempo.

A um adulto ninguém diz “dê o fora”, mas a criança ouve isto tantas vezes. É sempre assim: o adulto está muito ocupado, a criança está zanzando à toa; o adulto tem senso de humor, a criança faz palhaçadas; o adulto sofre, a criança choraminga ou berra; o adulto tem movimentos rápidos, a criança é agitada; o adulto está triste, a criança está de cara feia; o adulto é distraído, a criança vive no mundo da lua. O adulto ficou mergulhado nos seus pensamentos, a criança está abobalhada. O adulto faz alguma coisa pausadamente, a criança se arrasta. É uma linguagem que pretende ser engraçada, mas resulta indelicada. Pirralho, fedelho, bobalhão — mesmo quando não querem brigar com a gente, quando querem ser afetuosos. Azar, a gente acaba se acostumando, mas este menosprezo é desagradável e às vezes irrita.

Coitado do Branquinho (não seria melhor Floco?), vai ficar mais duas horas trancado no escuro.

— Não seria melhor segurá-lo embaixo da camisa, para ficar quieto?

— Você é bobo, disse o contínuo e trancou a porta com a chave. Encontro Mundinho que indaga:

— Que história é essa de uns segredos que você tem?

Está com ciúmes, porque não sabe ainda. Então, conto para ele.

— Ah, é assim? Você contou primeiro para o outro?

— Tive que contar, porque ele não queria emprestar dinheiro para o leite.

— Ah, sim. Sei, sei.

Estou com pena de Mundinho, porque eu também ficaria enciumado se ele contasse primeiro a um outro. No recreio maior, então, falo com ele:

— Como é, quer ver?

Acontece que no segundo andar, apanharam uns garotos fumando, e está havendo uma investigação para descobrir quem estava fumando e quem havia subido para o segundo andar. E o nosso contínuo diz:

— Eu sempre os mando embora, mas eles se escondem.

E olha para nós. Eu me escondi atrás de Tadeu. Porque me pegariam logo: fiquei todo vermelho. O sangue me subiu na cabeça, senti calor. E quando os adultos perguntam algo a uma criança, basta ela gaguejar ou ficar vermelha para eles logo pensarem que está mentindo ou tem culpa no cartório. E para nós basta uma suspeita para ficarmos vermelhos, basta um medo qualquer para nosso coração disparar. E alguns adultos têm ainda por cima o hábito de mandar que os encaremos olho no olho. Mas existem crianças que, mesmo culpadas, sabem sustentar o olhar e continuar mentindo até o fim. Estas têm sorte. A pior

situação é a da criança sensível e inocente, mas sofre. Pois os adultos brigam com todos nós. Sempre dizem: "Vocês..."

"Vocês sempre. Vocês nunca. Vocês isto. Vocês aquilo."

Gritam e nos ameaçam a todos:

"Eu os conheço! Conheço suas artimanhas! Esperem só para ver o que acontece!"

Quem for sensível tem medo, vive com medo. Que nem a lebre. A lebre tem medo mesmo quando dorme. Nosso sono é também inquieto. E acordamos apavorados.

Se alguma coisa range no meio da noite, parece que é um fantasma, ou um assassino. Ora algo aparece na janela, ora uma forma branca se mexe. Você enfia a cabeça embaixo do cobertor, fica suado, tem medo de respirar, e pensa:

"O que acontece se uma mão fria tocar em mim?"

Então logo nos vêm à cabeça uns contos de terror, umas notícias pavorosas publicadas nos jornais.

Porque não é só nos contos de terror que ocorrem coisas terríveis. Por acaso não existem pessoas sem perna, sem nariz? Qualquer um não pode ficar cego ou louco? Não acontece alguém ir andando pela rua e de repente cair e ter convulsões, com espuma saindo da sua boca? Ia andando normalmente, como todos, e de repente acontece isso. Junta gente, começam a confabular, mas você leva empurrão para ir embora. E você nem quer olhar, mas não pode se impedir: está petrificado.

E a varíola, a tuberculose galopante, o glaucoma, a gangrena, a leucemia? Não se presta muita atenção a estas ameaças. Porque os adultos contam de propósito muitas coisas para as crianças ficarem ouvindo e não fazerem bagunça demais. E você vê que não foi atropelado, não caiu pela janela, não quebrou a perna, não teve o olho vazado. Então deixa de acreditar neles. De qualquer modo, não se pode tomar cuidado o tempo todo.

Mas quando chega uma daquelas noites, tudo volta logo à lembrança. Aí todos estão dormindo, está escuro, no máximo a lua brilha. Então você fica com medo, acha que de repente pode começar a subir pelas paredes ou andar pelos telhados.

Estranho. Ora você é tão corajoso que entra na pior briga, ou topa ir ao cemitério no meio da noite; ora qualquer bobagem te assusta. É difícil dizer se somos corajosos ou covardes.

E é difícil saber como somos, de um modo geral. Porque se eu me coloco a pergunta: será que sou um garoto honesto, assim como se deve ser, eu mesmo não sei responder. Por um lado, lembro-me de certos segredos meus, mas também logo penso:

"Há outros sujeitos muito piores."

Mesmo quando pode parecer que alguém é mais honesto do que eu, ou melhor, o fato é que eu não sei tudo a seu respeito, o que ele faz e o que pensa. Às vezes é possível fingir, ou não agir mal apenas por medo de ser descoberto.

Existem também segredos que precisam ser guardados mesmo quando não se fez nada de mau. Acredito que quem tem mais segredos deste tipo são as crianças. E precisam guardá-los bem, porque tanta coisa é proibida. Vejam o meu exemplo de agora. O que há de condenável em ter sentido pena de um cachorro esfomeado e tremendo de frio? Um cachorrinho esfomeado — uma criatura viva.

Por que será que os adultos nos proibem tantas coisas? O que se ganha com isso?

Vamos sugerir à professora durante a aula:

"Professora, deixe Floco ficar na nossa sala. Vai ver que todo mundo se comportará bem e prestará atenção."

Não sairá disto. E nem daria certo. Vítor seria o primeiro a fazer bagunça, só para contrariar.

O problema é que está todo mundo junto: os sensíveis, os mal-educados, os honrados, os desambiciosos. Por causa dos outros torna-se impossível cumprir a promessa, honrar a palavra empenhada. Por causa deles tudo acaba mal.

Por causa deles os adultos não confiam em nós, não acreditam em ninguém, menosprezam todo mundo.

Sem eles a vida teria talvez menos riso e alegria, mas seria mais tranqüila.

Mas os adultos pensam que nós só gostamos dos bagunceiros, que só ouvimos os maus elementos, que fazemos qualquer coisa que eles nos ordenarem. Que eles estragam tudo.

Não é verdade. Nós podemos nos recusar a seguir um aventureiro desses dez vezes, e ninguém o saberá. Mas basta nos juntarmos a ele uma única vez, para uma coisinha qualquer, e pronto: o mundo desaba.

E nem queiram saber o que seria do mundo se nós realmente obedecêssemos sempre a esses bagunceiros, e só a eles. O que seria do mundo se não nos empenhássemos em acalmá-los.

Quantas vezes dizemos:

"Deixe para lá, pare com isto, fique quieto, não faça aquilo. Tome cuidado, depois você se arrepende!"

E o sujeito acaba nos ouvindo. A verdade é que se os adultos conseguem agüentar esse tipo de gente, é um pouco graças a nós.

Bem, como eu ia dizendo, alguém havia fumado no segundo andar, não se sabe quem, e por isso acabamos não vendo nosso cachorrinho.

Depois da última aula, o contínuo vem falar comigo:

— Leve logo este cachorro daqui, e que esta seja a última vez, porque não tenho tempo. Ou então acaba todo mundo no gabinete do diretor, vocês e o cachorro.

Fomos, então, todos embora: eu, Mundinho e Roberto. E Malhado. (Que o nome seja Malhado, de uma vez por todas.)

Como ele ficou contente quando o deixamos solto! Impressionante como tudo que vive é atraído pela liberdade. Seja homem, seja pombo ou cachorro.

Ficamos deliberando, nós três, sobre o que fazer. Roberto concordou em ficar com Malhado até amanhã, para dar-me tempo de sondar o terreno lá em casa.

Mas fiquei chateado com Roberto quando ele pegou o bicho e foi embora.

Porque Malhado é meu. Eu o aqueci debaixo do casaco. Foi a mim que ele lambeu primeiro. Fui eu quem o achou e o levou para a escola e ficou pensando nele o tempo todo. E Roberto nada fez além de dar dez centavos, e veja lá.

Meu Deus, onde está a justiça, quando sabemos que uns têm pais que permitem uma determinada coisa, e outros não? Cada um gosta mesmo é dos seus próprios pais, da sua própria casa. Mas aí é informado de um outro pai que costuma dar permissão, e fica magoado. Se compara com os outros e sofre.

Por que Roberto pode levar Malhado para casa e não acontece nada, enquanto eu preciso pedir, suplicar, e é provável que não dê em nada?

Pouco importa que um seja mais rico e o outro mais pobre, e que o rico possa comprar tudo que quiser. A liberdade importa mais do que a riqueza.

É assim que quando sabemos que os pais têm poucos recursos, gostamos deles ainda mais por causa deste problema. Quem vai reclamar com o pai porque este está desempregado, ou ganha pouco? Mas se o pai gasta dinheiro com coisas supérfluas e priva o filho de tudo, pensa sempre em si mesmo e nunca no filho — aí não tem solução, nem o bispo poderá mudar nada. Por que será que o pai de Mundinho gasta dinheiro com bebida, e ainda por cima vive criando caso?

Tenho pena de Mundinho, e tenho pena do meu Malhado branquinho, porque me preocupei tanto com ele, e agora é um outro quem o leva para casa.

— Não precisa me devolver os dez centavos, diz Roberto.

Respondo:

— Não dependo de favores. Se puder, devolvo amanhã mesmo.

E ele:

— Se é para ficar de cara amarrada, não precisa deixar o cachorro comigo.

Eu:

— Venha cá, Malhado, vamos nos despedir.

Malhado procura se soltar, não entende que se trata de uma separação. Depois, apóia as patinhas no meu peito, abana o rabo, com mancha preta e tudo, como se fosse em sinal de alegria, e olha... direto... para dentro... dos meus olhos.

E nos meus olhos circulam lágrimas.

De repente... lambeu-me na boca. Para dizer que está pedindo desculpas.

Apertei-o pela última vez.

Aí Mundinho puxou-me pela aba do casaco.

— Vamos andando.

Saímos rápido, e nem olhei para trás.

Durante o trajeto, Mundinho ficou o tempo todo falando de pombo, reis, urubus e porcos-espinhos. E eu só de vez em quando dizia uma palavra. Nem me dei conta, e já estava chegando em casa. Porque as coisas são assim: aparentemente a hora, contada no relógio, tem sempre a mesma duração, mas é como se dentro da gente existisse um outro relógio, contando um outro tempo. Às vezes uma hora passa sem você perceber, outras vezes fica se arrastando, parece que não acabará nunca. Tem dias em que mal você chegou na escola, bate a última campanha, e voltamos para casa. Mas quando as coisas não andam bem, há uma longa espera antes que toda aquela chateação termine, e você acaba saindo que nem um preso da prisão, e não tem forças sequer para ficar contente.

Bem, está na hora de despedir-me de Mundinho; mas algo ficou me tentando, e perguntei:

— Como é, o teu velho tomou outra bebedeira ontem?

Mundinho ficou vermelho e respondeu:

— Você pensa que meu pai bebe todos os dias?

Foi embora tão depressa que não pude fazer nada. Por que fiz isso? Acontece a gente dizer alguma coisa por mera falta de reflexão, e depois não há mais como remediar.

Um dia meu pai ensinou-me um provérbio:

“Em boca fechada não entra mosquito.”

É um sábio provérbio. No dia em que meu pai o falou, até que não gostei, e fiquei chateado. Porque eu havia dito alguma coisa que era verdade, e o pessoal gritou comigo, como se tivesse dito não sei que mentira. Como ninguém me havia perguntado nada, poderia muito bem ter ficado calado. Mas esconder uma verdade dentro da gente é falta de sinceridade.

Há muita falsidade na vida. Quando era adulto, estava acostumado, não me importava. Se é assim, é assim, o que fazer, a vida continua.

Agora sinto diferente: sinto dor porque um homem não pode dizer ao outro o que pensa. Precisa fingir sempre.

A mentira, em si, pode não ser ruim, nem boa. Mas um homem falso deve ser a pior das espécies. Pensa uma coisa, diz outra, na nossa frente é assim, longe de nós é assado. Prefiro o pretensioso, prefiro o mentiroso, prefiro qualquer um ao fingido, porque é tão difícil saber como ele é. Ao mentiroso você diz:

— Está mentindo!

Ao pretensioso:

— Deixe de ser metido a besta!

E acabou.

É uma maneira de agir mais direta, mais honrada.

Mas o fingido costuma ser tão insinuante, tão agradável que fica difícil pegá-lo em flagrante.

E agora? Magoei o meu amigo. Está sentido comigo. Chamei o pai dele de velho, perguntei se ele tomou uma bebedeira. Falei rudemente, como um adulto, que tantas vezes causa embaraço a uma criança, a magoa e nem sequer se dá conta.

Entro no portão do meu edifício, e vejo o mesmo gato de ontem sentado na escada. Fiquei com pena dele, tive vontade de fazer-lhe um carinho, mas ele deu no pé. Quer dizer que está lembrado. Deus é capaz de me castigar pelo que fiz ao gato, e não me deixarão ficar com Malhado lá em casa.

Mamãe pergunta:

— Como foram as coisas na escola?

Perguntou com doçura. Talvez esteja sentindo que ontem gritou comigo injustamente.

Respondo:

— Nada de novo.

Ela insiste:

— Você não ficou no canto, de castigo?

Lembro-me do que aconteceu, e digo:

— Fiquei de castigo, mas no próprio banco.

E mamãe:

— E você ainda diz que não aconteceu nada de novo?

Respondo:

— Esqueci.

Pego uma faca e ajudo mamãe a descascar batatas. Ela pergunta:

— Ficou de castigo por causa de quê?

— Não estava prestando atenção.

— Por que não estava prestando atenção?

— Fiquei pensando em outra coisa.

— Em quê?

Acelero o meu trabalho, como se estivesse muito concentrado nele, e não respondo.

— Sabe, é ruim você ter esquecido. Uma criança decente tem vergonha quando é castigada, e procura fazer com que isto não se repita. A professora dá castigo para ensinar, para dar um exemplo, para você entender melhor as coisas. Mas se você esquece, todo o ensinamento do castigo vai embora. Precisamos lembrar-nos dos nossos castigos.

Olho para mamãe e penso:

“Coitada, querida mamãe, que não sabe nada e nada entende.”

E pensei ainda:

“Coitada e velhinha.”

Porque, do jeito como ela estava sentada, inclinada, vi os seus cabelos brancos e as suas rugas. Talvez ainda não velhinha, mas tem uma vida dura.

Continuo pensando:

“É bom ter mãe outra vez. Os pais causam preocupações às crianças, mas sem eles a vida é pior, é ruim, muito triste e ruim.”

— Você deve ter aprontado alguma na escola?

Digo:

— Nada, não.

— E não está mentindo?

— Ia mentir por quê? Se não quisesse, não teria nem contado a história do castigo.

Mamãe reconhece:

— Bem, é verdade.

E ficamos em silêncio. Mas é como se continuássemos conversando. Porque eu tenho o pensamento fixado no pedido que devo fazer pelo meu Malhado, e mamãe sabe que tem alguma coisa que não estou dizendo, estou escondendo.

Nós, crianças, gostamos de bater papo com os adultos. Eles sabem mais. Só que não precisavam exigir tanto de nós. Podiam nos tratar mais suavemente. Não deviam passar o tempo todo ralhando, reclamando, resmungando, gritando, passando descomposturas.

Se mamãe me fizesse um outro dia a mesma pergunta:

— Quem sabe está mentindo?

Eu talvez ficasse irritado e respondesse, ainda que com as mesmas palavras, mas com raiva dentro delas.

Os adultos não querem compreender que a criança responde à doçura com doçura, mas que à violência ela logo reage com uma ânsia de desforra, vingança. Como se dissesse:

“Sou assim e não vou mudar.”

Quando na verdade cada um de nós, mesmo o pior, quer sempre melhorar.

Talvez a maior diferença entre crianças más e adultos maus consista no fato de que vocês já tentaram, tentaram, e não deu em nada, então paciência. Enquanto nós estamos lutando, brigando conosco mesmos, nos empenhando, tomando decisões, e quando acontece de a gente falhar, vocês fazem logo desabar uma tempestade em cima de nós. Isso atrapalha enormemente. Quanto mais a gente se esforça — e parece até que está conseguindo — de repente acontece alguma coisa, e temos de começar tudo de novo. Dá raiva, dói, desanima. E vocês, em vez de nos ajudarem e estimularem, vêm logo na base do mata e esfola. Por isso nos acontece ter aqueles dias fatídicos, aquelas semanas de azar. Quando uma coisa não dá certo, vem logo um segundo fracasso, um terceiro; e tudo nos cai das mãos.

E o pior é quando alguma coisa não dá certo e vocês levantam imediatamente a suspeita de má vontade. Às vezes não ouvimos bem, ou ouvimos incorretamente, ou não entendemos, ou entendemos mal. E vocês acham que é de propósito. Pode mesmo tratar-se de uma intenção de fazer-lhes uma surpresa, um agrado, mas como não temos experiência, a coisa desanda, e fica um estrago, um prejuízo. Quem mais sofre somos nós — então por que brigar com a gente?

Pobres daqueles que sentem intensamente.

Fico zanzando pela sala. Tirei os vasos de flores da janela e limpei a poeira. Depois comecei a limpar a sala inteira. Mamãe fica admirada. E assim fazemos as pazes, depois daquilo de ontem. Quem sabe? Talvez eu tive também um pouco de culpa. Porque não se deve chegar atrasado para o almoço. E depois, até os santos pecaram.

— Saia um pouco, vá brincar lá fora, diz mamãe. Vai ficar trancado aqui dentro a troco de quê?

Respondo:

— Então vou à escola buscar Irene.

Mamãe:

— Muito bem, vá.

Visto-me, vou andando, eu mesmo não sei por quê. Talvez por causa de Malhado. Pois é preciso tomar conta também de crianças pequenas.

Não sou um bom irmão. Tenho pena de um cachorro, mas para com a minha própria irmã não tenho um verdadeiro carinho. Já não digo carinho, mas nem mesmo compreensão.

É claro que um pirralho desses tem que incomodar, mesmo que seja de puro tédio. Quando concordo em brincar com ela, é como se estivesse fazendo um favor. Mas em geral reclamo com ela, chego até a dar-lhe uns empurrões. Igualzinho ao que os adultos fazem conosco, crianças maiores. Está se vendo que é deles que vem o exemplo.

São três os principais motivos pelos quais não gostamos das crianças menorzinhas:

Em primeiro lugar, porque os adultos nos mandam sempre ceder diante delas, quer elas tenham razão ou não.

Em segundo, porque mandam dar-lhes sempre o bom exemplo.

Finalmente, mandam brincar com elas, quando elas estão atrapalhando.

Acontece muitas vezes que por causa dos irmãos mais novos nós recebemos uma descompostura. A gente, então, sofre duplamente: por nós mesmos e pelo menorzinho.

Por exemplo, eu tenho um determinado objeto, e Irene cisma que quer ficar com ele. Darei se quiser, porque sei muito bem o que posso dar e o que não posso. Quando nós cismamos que queremos alguma coisa, será que os adultos se abalam? Que nada, gritam com a gente; e se nos derem o que estamos pedindo, só para que os deixemos em paz, é pior ainda, porque prova que pedindo com gentileza não se consegue nada. Já o pirralho, quando se sente protegido pelos adultos, aprende a abrir o berreiro toda vez que quer conseguir alguma coisa. É muito irritante.

Deixe ele chorar. Mas não, ele não chora: berra altíssimo, a pleno volume, para que todo mundo ouça, para que apareça logo uma multidão.

Tivemos aqui no prédio um casal de vizinhos. Quando o marido não queria dar à mulher aquilo que ela pretendia ganhar, ela abria um berreiro que ressoava pelo edifício todo.

E o marido só repetia:

— Fique quieta. Que vergonha para mim e para você.

E ela:

— Mas eu quero mesmo envergonhar você. Deixe todo mundo saber, deixe juntar o edifício todo! Deixe a polícia vir, deixe chamar a ambulância, deixe que saia tudo nos jornais!

Deve ter se acostumado desde pequena. Porque é o que os pequeninos costumam fazer. Berram. E os adultos não estão interessados em saber o que aconteceu de verdade, só querem o silêncio. E lá vem logo:

“Ela é tão pequena, você deveria ceder.”

Você tem que ceder diante dos adultos, e diante dos menorzinhos também.

O adulto pode dar uns safanões, nem sempre com justiça; mas basta o irmão maior tentar a mesma coisa, eles ficam logo com pena, mostram-se protetores.

Fiz uma ventarola para mim. Custou-me meio dia de duro trabalho.

— Me dá!

E começa a arrancar da minha mão.

— Vá embora, senão apanha!

Ela insiste:

— Me dá, me dá!

E mamãe, como procede?

— Você faz uma outra ventarola para você.

Faço se quiser. Mas por que a menina não pede com bons modos e espera, em vez de arrancar da minha mão e:

— Maaaaaãe!

Fica difícil a gente controlar a raiva. E o que ela quer mesmo é ganhar um safanão, porque aí terá um bom motivo para nos denunciar. E lá vem logo, para cima de nós, a lenga-lenga:

— Que belo irmão! Um rapaz da sua idade fazendo isso!

Como se eu tivesse culpa.

Quando é mais conveniente para eles, sou pequeno; quando é mais conveniente, sou grande.

Ou então acontece eu ser responsabilizado não só pelos meus atos, mas também pelos da irmãzinha:

“Foi você quem lhe ensinou. Foi você quem mostrou. Foi de você que ela ouviu. É o seu exemplo.”

Por acaso eu mandei que ela me imitasse? Se dou um mau exemplo, basta ela não me seguir, não me dirigir a palavra, não brincar comigo.

Mas não. Justamente querem que eu brinque com ela. E de que maneira?

“Vista o sobretudo, senão ela também vai querer sair sem casaco. Você não vai ganhar cerveja nem salsichão, senão ela também vai querer. Vá dormir, porque ela não quer ir dormir sozinha.”

Você acaba tendo tantos problemas por causa da criança pequena que prefere não ter nada a ver com ela. Mas não: vocês têm que ir brincar juntos.

Vá lá.

Existem brincadeiras em que se pode aproveitar o pirralho. Tem coisas que ele pode fazer. Mas então que ouça, que não estrague a brincadeira, que entenda que não pode fazer tudo aquilo que nós fazemos.

Explicamos tudo direito:

— Fique sentada ali, você vai fazer isto e aquilo.

Mas ela não quer. Quer é correr. Não adianta alegar que vai cair, e ficar com um galo na testa, ou rasgar a roupa. E que vai atrapalhar, que a gente vai esbarrar nela.

Para os adultos, criança é criança, tanto faz que tenha cinco ou dez anos. É tudo a mesma coisa — muito conveniente para eles:

— Crianças, vão brincar.

Você é o mais velho, tem que tomar conta, ceder, dar o bom exemplo. Tudo muito conveniente.

São eles, os adultos, que semeiam a discórdia entre os irmãos; por isso é difícil a gente viver em harmonia. Por isso procuramos evitar o pequenino e só nos aproximamos dele quando estamos muito entediados ou quando queremos conseguir alguma coisa.

Admito que nós também não somos isentos de culpa. Há muita tapeação entre nós. Basta o menorzinho ter alguma coisa, aparece logo o amigo que tenta apoderar-se do objeto. Faz de conta que está brincando, mas quando consegue o que quer, nem se digna mais olhar para o outro. E o pequeno ficou orgulhoso, porque lhe pediram alguma coisa, ou então tem vergonha de cobrar que lhe devolvam aquilo que tomaram dele.

Porque, é claro, existem diferentes personalidades entre os maiores, e entre os pequeninos também.

Por isso os mais honestos dentre nós não costumam se dar com os pirralhos, para não levantar suspeitas; e quem acaba lidando com eles são os piores elementos.

A verdade é que os adultos dão um mau exemplo às crianças e as estragam. Assim, desde a infância, começa a crescer um esquisitão. E mais tarde, quando chega à idade da razão, já é difícil mudar de hábitos, melhorar.

Vou andando pela rua, refletindo. Eis que vejo o meu Malhado. Parei logo. Mas fiz confusão, o cachorro não era nem sequer parecido. Só que agora continuo pensando em Malhado.

“Talvez seja melhor deixá-lo onde está? Quem sabe estará sendo mais bem tratado? Mamãe é capaz de permitir, e de criar caso depois. Pois se quisessem ter um cachorro em casa, o teriam, sem eu precisar levar. O melhor talvez seja aguardar alguns dias, para ver o que Roberto conta, saber como Malhado se está comportando. Pois não é que ele fez sujeira na escola? E verdade que estava trancado.”

E já nem sei se prefiro a alegria de ter Malhado comigo ou a certeza de assegurar-lhe um melhor futuro. Afinal de contas, salvei-lhe a vida e arranjei um lugar para ele ficar. Agora talvez seja melhor preocupar-me mais com Irene.

Acabo chegando no jardim de infância, onde há uma porção de criancinhas brincando de roda. Seguram-se pelas mãos, giram e cantam.

E a professora diz:

— Em vez de ficar parado, venha brincar conosco.

Estendeu-me a mão, e eu entrei na roda.

Em outras condições teria provavelmente vergonha e não entraria, mas aqui ninguém vai me ver. Comecei, então, a participar da brincadeira. Inicialmente, fiz umas palhaçadas, para todo mundo rir. Agachava-me, para fingir que era pequenino, ou mancava, fazendo de conta que estava com a perna doendo. Queria também testar a professora,



para ver se ela começava a reclamar. Se minha presença não agradasse, iria embora. Mas ela ria também, então entrei de verdade na brincadeira.

Os pirralhos estavam contentes, cada um queria ficar perto de mim, segurar-me pela mão. Bem, não eram todos, porque alguns ficavam sem jeito, pois não me conheciam. Mas quem estava orgulhosa mesmo era Irene, porque podia mostrar a todos que tinha um irmão mais velho. Começou então a mandar:

— Você fica aqui, você ali.

Está pensando que se alguma coisa acontecer, vou defendê-la.

Disse a ela que ficasse quieta, senão eu iria embora.

Os pequenos têm este hábito. Qualquer um deles, quando sabe que tem um mais velho que vai socorrê-lo, será o primeiro a provocar e depois dar no pé, deixando o irmão no fogo, para defendê-lo. E o irmão, se não tiver bom gênio, aproveitará para brigar um pouco, porque não corre risco nenhum; se acontecer alguma coisa, ele dirá nobremente:

“Por que foram bater no pequenino? Tive que defender meu irmão.”

Ele próprio é capaz de dar uma surra quatro vezes maior no irmãozinho querido, mas agora é o tal: o irmão protetor.

Mais uma vez, quem for honesto preferirá não interferir, mas terá de tomar uma atitude, por mais que saiba que o irmãozinho não tem razão; porque caso contrário será responsabilizado pelos pais por tudo que aconteceu com o menorzinho.

A professora precisou escrever uma carta e deixou-me na sala com os meninos, que ficaram sob minha responsabilidade, enquanto ela estava na sala ao lado.

Um só ficou perturbando. Depois contei para a turma a história do Gato de Botas, e o pirralho continuou atrapalhando. Nem sei dizer o quanto essas coisas irritam.

Estamos indo para casa, Irene e eu, e de repente ouço um barulhinho no meu bolso. Fui olhar, achei dois centavos. Se fosse mais, guardaria para devolver a Roberto, mas sendo tão pouca coisa, nem vale a pena; então dei a Irene. Ela também, quando tem alguma coisa, costuma dividir comigo.

Às vezes aceito, outras vezes não. Porque aceitar algo de uma criança é logo chamado de extorsão. Isto porque o sujeito honesto sofre sempre as consequências de uma ação cometida por um mau-caráter, mesmo quando não tem culpa de nada.

Se alguma coisa pudesse ser modificada — mas não sei bem o quê — a nossa vida de criança seria realmente deliciosa. Precisamos de pouco para sermos felizes, mas justamente este pouco é que nos falta. Parece que os adultos cuidam de nós, mas nossa vida neste mundo não é nada boa.

Vamos caminhando, e sinto prazer por estar conduzindo a menininha, segurando-a pela mão. Tomo cuidados especiais pelo caminho, escolho o melhor trajeto. Sinto-me mais velho, mais forte. A mãozinha dela é tão pequena e lisa, como se fosse de veludo. E tem dedinhos tão miúdos! E você fica admirado constatando que um dia você gosta dessa criancinha, e outro dia a odeia.

Ela pegou uma bala, enfiou na boca, depois pegou uma outra e me deu. Não queria aceitar, mas acabei chupando a bala, e ela ficou olhando e rindo, contente por me ter oferecido alguma coisa.

É agradável às vezes dar alguma coisa, e não ficar sempre só recebendo e recebendo dos adultos. Mas é chato quando queremos dar um presente aos adultos, e eles não aceitam, ou logo nos dão outra coisa, que vale mais. Como se quisessem nos pagar. A gente se sente humilhada, como se fosse mendigo.

Deveria ser possível arrumar o mundo de tal modo que tudo fosse um intercâmbio recíproco de bons serviços. Quando me senti triste, Irene deu-me o pedacinho de vidro, eu comprei balas para ela, ela me deu uma. Toda uma cadeia de bons serviços.

Chegamos em casa, entramos. Titia está visitando mamãe.

E anuncia logo:

— Olhe só, os seus bezerrinhos estão chegando.

Por que bezerrinhos, e não gente? O que fizemos de mau para a nossa tia chamar-nos de bezerros? Só as vacas põem bezerros no mundo. Então, por que essa provocação vulgar?

Estou irritado e nem a cumprimento. Aí quem fica irritada é mamãe.

— Que grosseria é esta? Por que não cumprimenta a tua tia?

— Cumprimentar para quê? Então não estive ontem na casa dela?

— Mas isto foi ontem, e agora é hoje.

— Os bezerrinhos não cumprimentam, murmurei.

— Que história é essa de bezerrinhos? pergunta mamãe, que não ouviu bem, porque só os insultos dirigidos a adultos são ouvidos e registrados.

Minha tia dá uma gargalhada:

— Vejam só, como é suscetível! Ficou ofendido.

E já se levanta para dar-me um beijo, mas eu viro o rosto. Que grande favor este de lambuzar-me de saliva.

— Não dê importância a esse grosseirão, diz mamãe.

Muito bem, um grosseirão. Que seja. Fiquei ofendido.

E não tenho direito? Se não me der ao respeito agora, quando crescer também deixarei que me maltratam.

Sento-me e faço de conta de que estou ocupado com os deveres de casa. Mas estou tremendo de indignação. E lembro que no bonde o

pessoal ficou também rindo de mim, achando-me presunçoso. Os adultos pensam que a criança é incapaz de se ofender. Como se fosse uma arte difícil. Cada um sabe o que lhe é agradável e o que não é.

Dizem que as crianças são teimosas.  
Cismou e não quer cumprimentar.

Não quero, e pronto.

“Diga isto já já, faça aquilo neste instante!”

Que nada. E não é por pirraça; é porque você prefere apanhar do que perder a honra. Eles não deveriam nos forçar, porque acabam nos tornando rancorosos.

Escrevo sentado de costas para eles. Mas já não escrevo tão rápido como antigamente. Será que estou virando criança em tudo? Será que vou esquecer aquilo que sabia quando era adulto? Então terei outra vez dificuldades na escola. E será necessário prestar atenção de verdade. Seria horrível.

Nesse momento ouço uma sirene, é o Corpo de Bombeiros que está passando.

— Posso?

Olho para mamãe, suplicante, e aguardo seu veredicto. Não sei o que acontecerá se ela não der licença. Quantas vezes os adultos simplesmente dizem: “não pode”, sem refletir, e esquecem logo, não têm idéia quanto sofrimento causaram.

Por que “não pode”? Digam, por quê? Porque têm receio de que aconteça alguma coisa, ou porque querem ser deixados em paz, ou porque aquilo que pedimos lhes parece desnecessário, ou o que mais? Uma bagatela, nada de importante. Eles bem que poderiam, mas não querem, e pronto. É “não pode”, e estamos conversados.

Mas nós sabemos que “pode, sim” seria igualmente possível, que a proibição é puramente acidental, que se eles se dessem ao trabalho de pensar um pouquinho, de nos olhar nos olhos e ver a intensidade do nosso querer, acabariam concordando.

Pergunto, como já disse:

— Posso?

E fico aguardando. Os adultos nunca aguardam nada desse jeito. A não ser, talvez, o preso que espera a hora de ganhar a liberdade.

Fico aguardando, e parece-me que se mamãe não me deixar, nunca mais a perderei. Os adultos acham que nós sempre pedimos tudo ao mesmo tempo e de qualquer maneira, e esquecemos logo a seguir. Isto acontece, é verdade, mas acontece também coisa muito diferente. Às vezes nem chegamos a pedir, porque não queremos ouvir uma áspera recusa (como dói, sobretudo quando recusam, ainda por cima, com ironia, com uma espécie de inflexão maliciosa); então preferimos esconder a dor dentro de nós, e não pedimos nada; ou então aguardamos

longa e pacientemente, até eles ficarem de bom humor e se mostrarem satisfeitos conosco, a ponto de se tornar difícil para eles negar o que estamos pedindo. Mesmo assim, tem ocasiões em que não dá certo, então ficamos com raiva deles e de nós mesmos:

“Por que me apressei tanto, quem sabe num outro momento eles teriam deixado?”

Tenho a impressão de que os adultos têm olhos diferentes dos nossos, e olham de maneira diferente. Quando um colega me pede alguma coisa, basta eu olhar para ele e já sei o que fazer. Sou capaz de concordar de uma vez, ou estabelecer uma condição, ou pedir mais informações, ou adiar para mais tarde. E mesmo se não puder de todo atender, não me atreverei a simplesmente negar, assim sem mais nem menos.

Ontem, por exemplo, um garoto no meio da aula pediu licença para ir ao banheiro. A professora respondeu:

— Chega de ficar zanzando! Podia ter ido no intervalo.

Está certo, eu sei, tem uns que ficam zanzando sem necessidade. Mas que culpa tinha o garoto? Para mim bastaria olhar para saber. Finalmente ela o deixou sair, mas quando a aula terminou, ficou reclamando com ele, chamando-o de agitado. Nem lembrava mais que ele havia ido ao banheiro. E sei que depois ele começou a fazer bagunça por vingança, porque havia sofrido tanto, havia levado um tal susto pensando no que aconteceria se não desse tempo.

Os adultos não sabem quando e por que motivo fazemos pirraça de propósito. Pensam que só eles são capazes de aplicar castigo, de tal e tal maneira. Nós também os castigamos, com a nossa desobediência, quando fizeram por merecê-lo.

Por que será que temos um comportamento perante uns e outro perante outros?

Se tivesse sido uma outra tia que me chamasse de bezerro, eu não me ofenderia, porque poderia ser uma brincadeira. Mas esta não o faz pela primeira vez. Tem um tom de voz pretensioso, gosta de dar ordens e é tão orgulhosa. Que seja; mas também costuma fazer pouco caso das crianças, e fazer intrigas contra elas. Deve estar furiosa por ter muitos filhos, mas quem mandou? Era só não tê-los.

“Tenho de brigar tanto com eles. E custam tanto dinheiro. Vivo tirando pão da minha boca para dar a eles. Vivo me sacrificando.”

Tira o pão da sua boca, mas é gorda que nem um tonel. Criança custa dinheiro, isto é inevitável.

Certos adultos parece que nem nos estão enxergando. Costumam dizer:

“Bom dia, meu bravo.”

Ou então:

“Olhem só, que rapagão!”

Só para dizer alguma coisa. Está se vendo que não sabe dizer mais nada, e parece constrangido. Se for afagar nossa cabeça, o fará com muito cuidado, como se tivesse receio de arrancar ou quebrar alguma coisa. Trata-se de pessoas fortes e bondosas, cheias de delicadeza. Gostamos de ouvi-las conversar com outros adultos, contar suas aventuras, episódios da guerra. Gostamos delas.

Mas existem outros que, como se não tivessem mais nada fazer, inventam umas piadas, umas brincadeiras e apelidos malucos. Têm uma barba que nos arranha, fedem a cigarro, mas fazem questão de fazer-nos festa. Apertam-nos a mão com força, e ficam rindo, porque sentimos dor. Ou jogam-nos no ar e estão convencidos de que nós achamos isso uma grande farra.

“Vou te jogar pela janela, vou te recortar com a faca, vou te cortar as orelhas, assim não precisará mais lavá-las.”

É tudo tão tolo e sem sentido. Só nos resta ficar esperando até que desgrudem.

Com as mulheres é uma outra jogada: ficam nos alisando, abraçando e beijando. Beijando na boca, ou apertando tanto que ficamos com as costelas doloridas. E temos que nos manter amáveis, porque elas gostam tanto de nós.

E quando aparece um adolescente, de uns dezesseis anos, e começa a querer mostrar que já é adulto, a coisa fica realmente insustentável. Tudo acaba numa choradeira, ou numa outra desgraça.

O melhor seria nós ficarmos de um lado e vocês de outro.

Bem, mamãe deixou-me ir ver o incêndio. Já estava mais do que em tempo, porque depois que os bombeiros desapareceram, como é que vou achar o incêndio?

— Mas volte logo.

Deve querer conversar a sós com a tia, caso contrário não me deixaria ir com tanta facilidade.

E titia já se intromete:

— Não gaste muito os sapatos.

Ela tem que meter sempre o nariz onde não é chamada.

Para quem sabe interpretar, isto quer dizer:

— Volte logo.

Saio correndo, porque tenho medo de não chegar a tempo, ou de mamãe inventar mais alguma coisa, ou de Irene querer ir junto. Nunca se sabe ao certo o que nos espera. O jeito, então, pegar o boné e desaparecer. Descer a escada de quatro em quatro degraus. O que é possível, só que é preciso segurar bem o corrimão, e às vezes uma farpa enfia-se na mão. Azar: tenho que correr o risco.

Um garoto na rua sabe onde é o incêndio. É por perto. Um armazém que vende querosene. Dizem que no porão tem gasolina. Se pegar

fogo, o prédio todo irá pelos ares. Os guardas estão dispersando a multidão, os capacetes e apetrechos dos bombeiros brilham refletindo a luz das chamas.

Não desejo que os tonéis com gasolina peguem fogo, porque haverá grande prejuízo e gente desabrigada. Mas sem ver as pessoas de perto não sentimos tanta pena delas, e seria interessante ver a explosão, e a casa caindo.

Por que é agradável olhar para as coisas terríveis? Ver um acidente, alguém se afogando, uma bicicleta sendo quase esmagada por um carro, um ladrão sendo apanhado e coberto de pancadas? Talvez seja por isso que existem as guerras, porque as pessoas gostam de sangue e de perigo.

Mas de todas essas coisas a mais linda é o incêndio. E é o combate mais nobre.

Não são só as crianças, os adultos também gostam de ficar parados, olhando. Como se eles pudessem ser úteis por ali; enquanto nós:

— Vá embora! Não tem nada para você fazer aqui.

Desloco-me, pois, de um lugar para outro, e continuo olhando, mas ao mesmo tempo pensando que já está na hora de voltar, que só me deixaram sair por poucos minutos. Mas não se pode ir embora antes que tudo acabe, por mais que se tenha medo da descompostura que virá depois.

Dizem que a ambulância deve estar chegando, porque uma mulher sofreu queimaduras. E não se vê mais fogo, apenas fumaça.

Acho que não vou esperar a ambulância. De qualquer modo não conseguirei chegar perto para ver.

Mas eis que uma nova coluna de fogo se levanta. E um bombeiro instala uma mangueira no primeiro andar.

“Quando a água sair da mangueira, irei embora.”

Mas quem sabe é agora que o prédio vai cair?

Agora já estou torcendo para que tudo acabe. Seria o caso de rezar um pouco? Mas os guardas nos afastam outra vez. De novo estou vendo mal e fico com vontade de ir para casa.

Mas ouço dizer que alguma máquina dos bombeiros enguiçou e que deve vir um novo destacamento.

E uma senhora corre e grita outra vez, os guardas a agarram, ela procura se soltar. E vejo Félix e Breno, e Gilberto. E já quero muito, de verdade, que apaguem logo o incêndio. Mas ninguém arreda pé, e se os outros ficam, é chato eu ser o único a ir embora.

Um incêndio não é bem um jogo. Mas quantas vezes somos obrigados a interromper alguma atividade agradável no momento mais fascinante, para não chegar tarde, ou porque alguém mandou.

Com os adultos não é diferente. Quando visitam alguém e estão se divertindo, repetem meia dúzia de vezes:

"Bem, está na hora de ir para casa."

E respondem do mesmo modo:

"Só um minutinho."

E tome o último gole, a última dança, a última rodada de cartas — e agora é preciso ir, porque fingem estar com pena das crianças que estão com sono, e porque amanhã têm que levantar cedo. Eles, pelo menos, têm relógio, e sabem de quanto será o atraso. Nós não sabemos nada, a não ser que estamos sem vontade de ir embora.

A mulher diz "vamos já", e o marido: "daqui a um pouquinho". E sabem que quando chegarem em casa, ninguém vai brigar com eles.

O que dá mais raiva é quando a brincadeira é divertida, e depois a gente chega em casa com medo, e imediatamente começa a confusão. Se pelo menos esperassem até amanhã...

Chegamos até a pensar:

"Não quero brincar nunca mais, nunca. Já não acho graça nas brincadeiras, nem em nada."

A gente abre mão de qualquer alegria.

Volto correndo para casa, e mamãe limita-se a dizer:

— É isto que você chama voltar logo?

Fico esperando que ela pergunte onde era o incêndio. Mas ela tem de sair.

Começo a fazer os deveres e Irene se aproxima:

— Você foi aonde?

Respondo "vá embora!", porque li o problema e não sei muito bem como resolvê-lo. Mas ela continua parada. Digo então:

— Fui ver o incêndio. Vá embora.

E ela:

— O que foi que queimou?

De qualquer maneira não vai entender. Mas tenho bastante paciência. Respondo:

— Foi um armazém.

Ela insiste:

— Por quê?

— Porque você está com o nariz sujo! Vá limpar.

Ficou envergonhada e foi embora. Sinto pena por ter falado tão agressivamente. E já é a segunda vez hoje: de manhã com Mundinho, agora com ela. Então digo:

— Venha cá, vou te contar.

Mas ela já está longe. Deve ter ficado ofendida. Releio, então, o problema, porque amanhã a primeira aula é de matemática.

Mas eis Irene de novo:

— Já limpei o nariz.

Não respondo nada.

Ela continua parada e fala baixinho, como se falasse consigo mesma:

— O nariz já está limpo. E minha calcinha não está aparecendo.

Tão humilde, coitadinha: tem medo de que eu brigue com ela.

Fazer o que, então? Contar, não tem outro jeito. Começo, mas ela não entende nada. A toda hora pergunta:

— Por quê?

Por que a água, por que as mangueiras, por que os bombeiros, por que a gasolina? Está viva? É grande?

É pequena e não entende. Eu também não entendia.

— Espere, vou desenhar para você.

Desenho um bombeiro com o seu capacete, uma mangueira; é como se estivesse dando uma aula.

Se não fôssemos nós, os pequeninhos não saberiam nada. Somos nós que lhes ensinamos tudo. Nós aprendemos dos mais velhos, e eles de nós. É assim que se transmite a ciência.

Não sei mais o que dizer, então peço:

— Repita.

Ela diz:

— No armazém a água pegou fogo. Chegou a polícia e mandou ir embora. E tinha fogo, e tinha incêndio.

Ela pensa que fogo é uma coisa e incêndio outra.

— Por causa do fogo aconteceu o incêndio.

O narizinho está outra vez escorrendo, mas não digo mais nada. Deixe estar. De qualquer modo não resolverei o problema. Decorei um poema, lendo-o em voz alta. Irene ficou ouvindo.

Mamãe voltou, e eu desci para patinar. Fizeram uma longa pista de patinação em cima do canal congelado. Quero aprender a patinar agachado em cima de uma perna. Já sei dar voltas e andar de costas. Mas caí quatro vezes. Machuquei-me um pouquinho.

E estava tristonho quando fui dormir.

Tinha mais saudade ainda do que quando era adulto.

Saudade e solidão.

Saudade, solidão, e desejo de uma vida de aventuras.

É melhor nascer na África, onde há leões, canibais e tâmaras.

Por que as pessoas vivem amontoadas? Há tantos espaços vazios no mundo, e todos ficam se apertando na cidade.

Seria bom morar um pouco no meio dos esquimós, dos negros ou dos índios.

Como deve ser bonito a incêndio da mata virgem.

Também seria bom cada um ter um pequeno jardim na frente de sua casa. Para plantar canteiros de flores, regá-las, vê-las crescer.

Volto a pensar em Malhado.

“O que devo dizer a Roberto?”

Já não tenho tanta vontade de ficar com ele. Vai me dar dores de cabeça. Sou capaz de ficar irritado e bater nele. Depois vou me arrepender. E o zelador vai correr atrás dele, e a garotada do pátio também. É uma responsabilidade grande demais ficar tomando conta de uma criatura viva.

Se Roberto quiser, que fique com ele.

## AMOR

Finalmente, aconteceu a festa. Mamãe pôs o vestido que as traças haviam estragado. Mas titia o consertou muito bem, não se via nada. Era aniversário de alguém e vieram visitas. Houve dança. A festa começou à noite e não sei quando acabou, porque fui dormir no apartamento de Carlos.

Veio Mariazinha de Wilno. Dancei com ela. Dancei porque o tio Pedro mandou. Eu não queria. Mas tio Pedro disse:

— Que cavalheiro é você? Uma senhorita viajou de Wilno até aqui para vê-lo, e você não quer dançar com ela?

Fiquei envergonhado e fugi para a escada. Por que falar assim? Como se ela tivesse vindo só para me ver. Vai ver que ela ficou sem jeito. Mas o tio pegou-me e levantou-me no ar, procuro soltar-me, dou pontapés. Ele está bufando, mas não me larga. Fiquei com raiva, por sentir-me cada vez mais envergonhado. Afinal, colocou-me no chão e disse: “Vá dançar!” E meu pai o apoiou:

— Não seja mal-educado, vá dançar com a visita.

A visita de Wilno.

Fico ali parado, sem saber o que fazer, porque minha vontade é fugir, mas tenho medo que me peguem e comecem a me puxar outra vez. Disfarçadamente arrumo a minha roupa, verifico se nada desabotoou nem rasgou.

Mariazinha apenas olhou e disse:

— Não fique com vergonha, eu também não sei dançar bem.

Aproxima-se de mim. Pega-me pela mão. Tem uma fita azul, um grande laço que lhe prende os cabelos de um lado.

— Venha, vamos tentar.

Olho furioso para o tio, que está rindo. Todos se afastaram, eu e ela estamos sozinhos no meio da sala. Papai está por perto. Sei que se eu desobedecer, ele ficará irritado, é capaz de me expulsar da festa. É, não tem jeito.

Começamos a rodar. Ouço um zumbido na cabeça, porque já é tarde, e porque bebi cerveja. Digo então: “Bem, chega.” Mas todos exigem: “Mais! mais!” Sinto calor. Que belo espetáculo o pessoal resolveu encenar! Como Mariazinha não pára, continuamos; agora estou dançando mesmo, seguindo a música, o ritmo.

Não sei se durou muito ou pouco tempo. Durou até Mariazinha dizer:

— Bom, chega, estou vendo que você não quer.

Respondo:

— Não é problema de não querer, só que minha cabeça está girando.

E ela:

— Eu poderia dançar a noite inteira.

Depois os mais velhos começaram a dançar. Mariazinha e eu ficamos parados perto da porta.

— Varsóvia é uma cidade muito bonita.

Eu digo:

— Wilno também é.

Mariazinha pergunta:

— Você já esteve em Wilno?

— Não, mas a professora contou, na escola.

Ela me trata de “você”, e eu não sei como falar. Os adultos têm um critério: quando não se conhecem bem, dizem “o senhor”, “a senhora”, e pronto. Mas nós, crianças, nunca sabemos. Geralmente falamos “você”, mas quando se vê uma moça pela primeira vez, não seria mais correto dizer “a senhorita”? Realmente não sei. Isto nos causa embaraço, preocupação, aflição. Temos que nos virar, procurar uma solução que não nos comprometa.

Ela, Mariazinha, veio passar só alguns dias em Varsóvia, talvez uma semana, e depois volta para Wilno.

— Vai ficar muito tempo?

— Quem?

— A senhora... tia... sua mãe... e Mariazinha também.

— Uma semana, talvez.

A viagem é de trem noturno. Até hoje nunca viajei de trem durante a noite.

— Eu gostaria de morar sempre em Varsóvia, disse ela.

— E eu preferiria em Wilno.

Falei assim por falar, para mostrar que acho Wilno uma cidade bonita.

Ela começou a enumerar as ruas de lá, e eu as de Varsóvia. Depois os monumentos e lugares históricos.

— Venha nos visitar um dia, eu lhe mostrarei tudo.

Respondi tolamente:

— Irei, sim.

Como se dependesse da minha vontade.

Carlos aproximou-se e começamos a falar da escola. Como são as professoras aqui e lá, que livros são usados nas duas cidades. Foi uma conversa muito agradável. Mas tio Pedro nos viu parados ali, então me afastei logo, para que ele não voltasse a me provocar.

Depois pediram a Mariazinha que cantasse. Ela não ficou encabulada. Quando canta, olha para cima, como se estivesse contemplando o céu. E sorri.

Voltamos a conversar. Estêvão contou que no pátio deles tem três trenós. Um grande, em que cabem duas pessoas. Ele convida Mariazinha:

— Venha me ver, vou levá-la a passear.

E lá tem também uma boa pista de patinação. Tudo lá no pátio deles. Não gosto quando alguém conta muita vantagem.

Foi assim que terminou o meu baile.

Aquela senhora, a tia, chamou Mariazinha, e foram embora.

E mamãe disse para mim:

— Não acha que está na hora de ir dormir?

Não ofereço resistência, só pergunto:

— Onde?

Ela explica:

— Na casa dos Gorski.

São os pais de Carlos.

— Amanhã cedo tem escola.

Sei que se pedisse para ficar mais um pouco, ela deixaria; mas vou ficar fazendo o quê? Estou com sono e entediado.

Irene já havia ido para lá logo depois do jantar. E eu dormi na cama de Carlos.

Carlos pergunta:

— Por que lá em Wilno eles falam tão *arrastado*?

— Sei lá.

— Pensei em perguntar àquela Mariazinha, mas ela podia ficar sem jeito.

— Claro que ficaria.

— O cabelo dela parece de cigana.

— Que nada: as ciganas têm cabelo duro, e o dela é bem macio.  
 — Como sabe?  
 — A gente logo vê.  
 — Tio Pedro falou que ela tem cabelo de cigana.  
 Respondo irritado:  
 — Tio Pedro não sabe nada de nada.  
 Bocejou, ficou calado, depois disse:  
 — Nós aqui não temos nenhuma menina como ela.  
 Eu, nada.  
 — Bacaninha, ela.  
 Eu, nada.  
 — Canta bonito.  
 Fico torcendo para ele se virar logo de costas para mim, porque sendo ele o dono da casa, não fica bem eu não querer conversar com ele.  
 Por isso pergunto:  
 — Você fez os deveres para amanhã?  
 — Que deveres, que nada...  
 Bocejou e, finalmente, propôs:  
 — Bem, vamos dormir. Mas por que você aceitou logo sair da festa? É capaz de ter coisas divertidas.  
 — O que pode ter de divertido? Vão se embriagar mais um pouco, é só.  
 — E você bebeu vodka? Eu tomei dois copos.  
 Amanhã vai contar na escola seu feito de herói: tomou dois copos de vodka e não ficou com a cabeça girando.  
 Virou-se para a parede, cobriu-se, mas teve o cuidado de perguntar:  
 — Não está com frio? Tem cobertor bastante para você?  
 — Está tudo bem.  
 Quando estamos com sono, ficamos irritados por qualquer coisa. Fico constrangido por não gostar de Carlos, que me perguntou se não estava com frio. E por que disse que o pessoal na festa vai ficar bêbado? Não se deve julgar os adultos. Não há nada a fazer: eles são diferentes e têm divertimentos diferentes. Mas se não fosse tio Pedro, eu nem teria trocado duas palavras com Mariazinha. Pois nós temos sempre vergonha de tudo. Temos sempre receio de fazer ou dizer uma bobagem. Sempre em dúvida sobre se o que fazemos está bem feito. Sempre com medo de que os outros possam rir de nós.  
 E nem sei o que é pior, os outros riem de nós ou gritarem conosco.  
 Em casa, na escola, em todo lugar é a mesma coisa. Você faz uma pergunta, se confunde ou se engana, e logo vêm gargalhadas e ironias. Cada um quer ser o mais inteligente e espera a primeira oportunidade para ridicularizar e humilhar os outros.

Este receio de ser objeto de chacotas nos intimida, inibe, tolhe a tal ponto que vivemos inseguros; e quanto mais precauções tomamos, tanto mais fácil se torna algo inconveniente. É como quando patinamos no gelo: cai mais vezes aquele tem mais medo.

“Bem, amanhã vai ser preciso construir um trenó”, pensei; e adormeci.

Mal adormeci, já estou sendo acordado, dizem que está na hora de levantar. Dormi algumas horas, mas nem percebi.

Fico esfregando os olhos durante o café da manhã, estou sem apetite, e papai pergunta:

— Quem sabe você não vai à escola hoje?

Pensou que eu fosse ficar contente de poder não ir à escola. E depois acrescenta:

— Brincadeira é brincadeira, escola é escola.

Verifico atentamente minha pasta, para ver se não estou esquecendo nada — a caneta ou outra coisa qualquer. Porque quando estamos com sono precisamos redobrar nossos cuidados. Mas não: está tudo em ordem.

Vou andando. Nas minhas divagações, estou viajando para Wilno. Passo a noite toda viajando. Faíscas voam do lado de fora da janela — pequenos ziguezagues de fogo.

No caminho da escola e durante as aulas fiquei pensando naquela viagem. Na segunda aula fiquei com sono, esqueci por completo onde estava e me pus a cantarolar bem baixinho.

A professora ouviu:

— Quem está cantando?

Nem assim caí na realidade. Olho em volta de mim para descobrir quem está cantando. Mas Benedito me denuncia, e a professora pergunta:

— Você estava cantando?

— Não.

Realmente não tinha percebido. Outra vez me esqueci de tudo e recommencei a cantarolar. Provavelmente com mais força, porque a professora ficou furiosa. E Benedito:

— Não vai dizer agora que não é você?

Confesso:

— Fui eu.

Realmente foi só agora que me dei conta de tudo.

A professora olhou para mim com surpresa:

— Não sabia que você era capaz de me contrariar de propósito e ainda por cima mentir.

Será que ela não percebe que eu mesmo estou espantado e aborrecido? Porque gosto dela, e ela tem sido gentil comigo. Por que iria contrariá-la? Abaixo a cabeça, fico vermelho, e pronto. Não adianta

explicar, de qualquer maneira ela não vai acreditar. Agora sei que qualquer um é capaz de dar um grito ou assobiar de repente, como se estivesse dormindo. E todos logo dizem:

— Fez de propósito. É desaforado.

Nojenta palavra esta, “desaforado”. Pior do que moleque ou outra coisa qualquer. Tão humilhante. Como se nos expulsasse para fora. Não gosto também da palavra “rigor”. Na aula de Educação Física, por exemplo, o professor fala sempre em “rigor e disciplina”. Como se anunciasse que precisa ser rigoroso, castigar, dar surra com cinto.

— Fedelho desaforado.

“Fedelho”, outra palavra abominável. E mais uma detestável: “criançada”. A gente lembra imediatamente de cachorrada.

Existem palavras indelicadas que não deveriam ser empregadas na escola. Às vezes pode-se deixar de gostar de uma pessoa por causa de uma palavra desagradável freqüentemente repetida a seu respeito.

A professora mandou-me primeiro para o canto e a seguir para o quadro-negro. Mandou resolver um problema bem fácil. O resultado ocorreu-me imediatamente. Fiz as contas em voz baixa e disse:

— Quinze.

A professora finge que não ouviu.

— Repita tudo.

Digo irritado:

— É quinze. Ou não é?

E ela:

— Quando você refizer o raciocínio todo, saberá se é ou não é. Mostre para a turma toda acompanhar.

Começo a repetir a demonstração, a contragosto. Acabo me confundindo. Os garotos riem.

— Volte para o seu lugar. A nota é zero.

E Vítor pergunta:

— Ele deve voltar para o lugar dele no banco ou no canto?

Vou andando, e não consigo me controlar, porque Vítor barrou de propósito a passagem com o cotovelo, então dou-lhe um empurrão. E ele grita o mais alto que pode:

— Está empurrando a troco de quê?

Desgraçado. Chamando atenção, para ter certeza de que a professora percebeu. Ela percebeu, sim, mas hesitou entre continuar me atormentando ou punir Vítor.

O rebuliço instala-se na aula. Quando todos estão quietos, tudo corre bem, mas basta surgir um problema qualquer envolvendo um único aluno, e logo aparecem comentários, ironias, piadas, risadas e bate-papos. Aí fica difícil acalmar a turma. E a responsabilidade recai sobre o primeiro que começou.

— Deixe para lá, que façam o que bem entenderem.

Deito a cabeça em cima das mãos e faço de conta que estou chorando. Muitas vezes fazemos isso. É uma boa solução. Um jeito para nos deixarem em paz. Mas não choro; sofro muito, estou muito infeliz.

De repente pensei:

“Se Mariazinha fosse professora, seria bem diferente.”

Porque se me comportei mal, existem outros castigos em vez de dar nota zero. E o garoto que foi depois de mim para o quadro-negro e ficou gemendo e remoendo o mesmo problema também acabou chegando ao resultado de quinze.

“Mariazinha não o teria feito. Mas ela é pequena, e vai embora. Vai viajar de trem a noite inteira, para muito longe. Para Wilno. E não a verei mais. Talvez nunca mais. Nunca mais ela vai cantar. E Mariazinha sorri lindamente, e tem laço de fita azul. E tem cabelo macio, muito diferente do das ciganas.”

A professora deve ter ficado profundamente irritada, porque no intervalo veio falar comigo e disse:

— Se você voltar a ficar emburrado como fez hoje terei de falar com o diretor. E não o defenderei nunca mais.

E foi embora. Não deixou que eu me justificasse. E mesmo se permitisse, o que é que eu ia dizer?

Que amo Mariazinha?

Antes morrer do que confessar.

“Ficar emburrado...” Não fiquei emburrado de jeito nenhum. E ela me cobrou uma coisa que aconteceu tempos atrás. Não se deveria cobrar gentilezas passadas. Os adultos deveriam saber que isto magoa, irrita. Porque insinua que nós somos esquecidos, ingratos.

Ora, quem costuma esquecer são eles; nós lembramos sempre. Um ano, ou mais. Cada falta de tato, cada injustiça, cada demonstração de interesse, cada atitude bondosa. Ponderamos honestamente sobre tudo isto, e eles ganham um aliado ou um inimigo. E somos capazes de perdoar muita coisa, quando vemos que há bondade e sinceridade. Eu mesmo, depois que me acalmar, perderei a professora.

Mundinho se aproxima e começa a brincar comigo. Percebeu a minha tristeza e quer me consolar.

— Que é isso, você está com medo da Matemática? Vai ganhar cinco notas dez, aí o zero vai levar um susto e dar no pé. Sumirá do horizonte, nem correndo atrás você o pega. Claro, pois você não é o Rei da Matemática?

Pedi baixinho:

— Deixe-me em paz.

Saio para o pátio, mas não participo de nenhuma brincadeira. Correr por aí me parece tão tolo!...



“Como seria bom se todas as meninas fossem como ela. Mas quem sabe um dia a gente vai mesmo a Wilno? Papai arranja um trabalho por lá? Nada é impossível.”

Pego um livro na biblioteca. Contos históricos. Vou ler em casa.

Volto da escola sozinho. Mundinho não pôde esperar por mim. Enquanto ando, fico chutando um pedaço de gelo para a frente.

O macete é tentar chutar em linha reta, mas ele sempre se desvia para direita ou esquerda. E eu atrás dele, em ziguezague. Não se deve parar nunca, e sim continuar sempre para frente. O pior é quando ele bate em alguém, porque aí resvala completamente para o lado, ou então tenho de voltar para trás. Combinei comigo mesmo que tenho direito de voltar dez vezes.

Mas encontrei papai na rua, e ele brigou comigo, porque estava estragando o sapato, esfolando a ponta.

Entro no portão, e vejo que os meninos estão andando de trenó. Junto-me a eles. Mas acabou não sendo muito agradável. Quando se tem um aborrecimento, não adianta brincar, a toda hora lembramos do que nos preocupa. Como se alguém nos acompanhasse, buzinando-nos no ouvido:

“Esqueceu? Não lembra mais?”

Não se trata de remorsos, mas de um pensamento importuno. Remorso é outra coisa, mais ameaçadora: “É preciso temer a Deus.”

Um garoto diz que Deus não existe, é uma invenção dos homens. Diz que sabe com certeza. Quis até apostar — um bobalhão.

Empurrei os outros duas vezes no trenó, e eles me empurraram uma. Foi o suficiente.

Sentei-me perto da janela e fiquei olhando as ilustrações do livro. Não estou gostando muito. A primeira ilustração é toda heróica. Um guerreiro montado num cavalo. Um combate. Balas de canhão explodem em toda parte. E ele levantou o sabre, parece um boneco. Todo duro e empertigado.

Será por mera coincidência que tudo que é destinado às crianças costuma ser mais malfeito? O bom pintor vai pintar para os adultos, e um medíocre para as crianças. Os contos que são para nós, e os versos e as canções, parecem feitos assim por favor. Aquele que não encontra a audiência dos adultos vai procurar a meninada.

Ora, quem mais gosta de fábulas, imagens e canções somos nós.

Os colegas vieram me chamar, porque resolveram fazer um trenó novo, e queriam que eu desse as minhas duas tábuas, barbante e folha-de-flandres.

Torceram a cara, porque acharam que tinha pouca folha-de-flandres e pouco barbante.

Em compensação, o barbante era bem forte.

Uma tábua foi para fazer o assento, e a outra para reforçar o trenó por baixo. Se tivéssemos mais folha-de-flandres, poderíamos recobrir o trenó todo por baixo, e ele deslizaria melhor. Mas não faz mal, ficará recoberto só na parte fronteira Dei também os meus pregos; um deles bem grande, que havia achado na rua.

Cada um fica lembrando do que deu, porque os direitos que terá serão proporcionais à sua contribuição.

É agradável fabricar alguma coisa pessoalmente, e passar a ser dono dela. Não se depende de ninguém. Mas é tão raro a criança ser dono de alguma coisa, para valer.

Dizem que a roupa é minha, mas quem comprou foram os pais. Temos de dar satisfações pelos livros e pelos cadernos, em casa e na escola. Qualquer um se acha no direito de abri-los, olhar e dar palpites.

A professora pode muito bem dobrar um livro, mas experimente só você fazê-lo, para ver o que lhe acontece. Dirão logo que não respeitamos nada. Tudo que as crianças fazem tem de ser exemplar.

Possuir coisas em sociedade não é bom. Acabamos sempre brigando. Um leva fulano no trenó, e o outro quer levar sicrano. Um terceiro não sabe dirigir o trenó, e o faz capotar; não adianta dizer-lhe que assim vai quebrar. Contribuiu com algumas tábuas, então tem o mesmo direito.

Há também os que não querem empurrar o trenó, só querem ficar sentados nele, como se fossem aristocratas. É verdade, então, que brigamos com frequência; mas não esqueçam que somos, para tudo, deixados à nossa própria sorte.

Os adultos têm tantos tribunais diferentes. E nós só temos o recurso da queixa. Mas os adultos não gostam das nossas queixas. Dão a sentença displicentemente, ou beneficiando aquele de quem mais gostam, ou o mais novo, ou a menina, ou ainda consideram as duas partes culpadas, porque discutir é feio.

Pode ser que um dia todo mundo vá viver na harmonia e camaradagem, mas não é para já.

Tem também os garotos que ficam ofendidos por qualquer coisa e logo dizem:

“Se é assim, quero minhas tábuas e meus pregos de volta.”

Sabem que não vamos devolver. Devolver como? Só desmontando o trenó, e inutilizando o trabalho todo. E depois teríamos de procurar um outro parceiro e recomeçar tudo do início.

“As crianças gostam de fabricar coisas.”

Gostam, é claro; mas quando fazemos alguma coisa, queremos que dure.

Desenhei algo, e eis que fulano, numa brincadeira imbecil, rasga ou suja o meu desenho; é uma pena, um desperdício. Arranjei um pedaço

de pau, um barbante, fiz um chicote — então não quero que o quebrem. Se fizemos um trenó, que o trenó fique.

Às vezes até que é melhor estragar um objeto, porque o novo que faremos a seguir resultará mais bem-feito. Mas é preciso saber antecipadamente o que se quer, e por que se deve começar de novo. Seja porque temos ferramenta melhor, ou porque conseguimos mais material.

Pois, digam-me, como fazer um trenó sem martelo? Tivemos de pregar pregos com uma pedra. E se ao menos tivéssemos uma boa pedra à mão! Existe uma, mas está presa no calçamento. Pensamos até em escavá-la e depois recolocar no lugar. Mas se o zelador percebesse, seria uma catástrofe. Durante uma semana não poderíamos botar o pé no pátio.

Bato, portanto, os pregos com uma pedra redonda, incômoda, e machuco o dedo, onde aparece logo uma bolinha preta. Ainda por cima, o arame esfolou-me a pele entre os dedos; agora, quando dobro os dedos, sinto dor. Acontece que foi preciso amarrar a tábua com arame num determinado lugar, porque em vez de um prego grande usamos três pequenos, por isso a tábua rachou e teve de ser amarrada.

O tempo todo alguma coisa enguiça e precisa ser consertada.

Chegou José.

— Que maravilha, fizeram um trenó e não se pode andar nele.

— Faça um melhor, então.

— Claro, se quisesse, faria.

— Então está na hora de querer.

— Acontece que não estou com vontade.

— Chega de conversa fiada, vá embora. Se não está gostando, não precisa olhar.

E ele:

— Ué, não é permitido olhar?

— Não é permitido, não.

Um está cuidando do conserto, os outros dois empurram José para longe. Até que Frank diz:

— Soltem ele e segurem a tábua para mim, porque sozinho não dou conta.

— Mas ele vai ficar parado aí, dando palpites?

— E daí? Coitado, não tem trenó, fica com inveja.

— Imagine, vou ficar com inveja de quê? Desta porcaria?

Às vezes da discussão sai briga, mas outras vezes sai uma coisa útil. Agora, por exemplo:

— Sem martelo vocês não conseguirão nada.

Respondo:

— Se é tão sabido, arranje um martelo.

— Vou emprestar o meu martelo para vocês o quebrarem?

— Você tem mesmo um martelo?

— Claro que tenho.

Está contando vantagem ou dizendo a verdade?

O fato é que desapareceu e voltou com o martelo.

— É seu?

— E de quem mais?

— Você pegou o martelo do seu pai.

— E se for? Quem pegou fui eu, e não você.

Mas se ele pegou sem pedir licença e se depois estourar um escândalo, todos nós vamos levar as sobras.

Ele também tem pregos:

— Se me deixarem usar o trenó, empresto os pregos.

Não deveríamos ter aceito, porque é um sem-vergonha. Mas é preciso ganhar tempo, todos querem andar de trenó, um pouquinho que seja. Então aceitamos. Mas é uma pena. E um martelo de nada adianta, se a tábua estiver apodrecida. José é pesado, e anda de trenó de tal maneira como se quisesse quebrá-lo.

Todo esse trabalho para nada.

Começa uma outra discussão. Então resolvo ir para casa.

Tristeza, tristeza, tristeza.

Irene olha para mim e percebe que tenho um problema, então nem pede para brincar com ela. Pega um banquinho, senta perto de mim, apóia a mãozinha no meu joelho.

Eu não digo nada, fico só pensando:

“Se Mariazinha fosse minha irmã...”

Sei que é um pensamento pecaminoso, porque é como se eu desejasse a sua morte, para eu poder ter uma outra irmã.

Fechei os olhos e coloquei a mão na cabeça dela. Aí ela deitou a cabeça no meu joelho e adormeceu logo. E eu rezei uma oração que inventei, pedindo que Irene continuasse viva e tivesse muita saúde, e que Mariazinha fosse feliz.

Pois é: amo Mariazinha.

Como tem coisas acontecendo dentro das pessoas, tantas coisas diferentes. Basta abrir o olho para ver casas e gente e cavalos e automóveis. Mil ou um milhão de substantivos, vivos ou mortos. Nos pensamentos também existem os mesmos substantivos. Dentro de nós. Fecho os olhos e vejo do mesmo jeito: casas, gente, cavalos. É assim. E cada substantivo tem uma porção de adjetivos: casa grande, cavalo bonito, homem simpático. E do substantivo junto com o adjetivo vai depender se gostamos deles, se nos agradam.

E aí começa uma outra diferença. Gosto de Malhado de uma maneira, dos meus pais de outra, de Mundinho de outra ainda, e também de outra maneira gosto de Mariazinha de Wilno.

Bem, pode-se dizer simplesmente:

“Gosto, gosto muito, amo.”

E acabou.

Mas sinto que não é bem isso. É diferente.

E acima de tudo, como se fosse no topo de tudo, tem Deus.

É muito estranho.

Se eu não tivesse sido adulto antigamente, talvez não o soubesse. Mas agora bem sei que as crianças amam, só que não sabem que nome dar a isso. Ou talvez tenham vergonha de confessar. Não é que não queiram dizer, mas nos seus pensamentos sentem vergonha e no máximo chegam a dizer que gostam.

Têm até receio de dizer:

“E uma menina simpática. Gosto dela. É agradável.”

Porque os adultos sentem prazer em ridicularizar o amor. Por aí se vê como são indelicados.

Dirão, por exemplo:

“Belo casal de namorados.”

Ou:

“Um beijo, queremos um beijo.”

“O noivo e a noiva.”

Ou, pior ainda:

“Marido e mulher.”

Como se não fosse permitido gostar de alguém. Conversar, olhar, brincar junto com a outra pessoa, e depois despedir-se apertando-lhe a mão. Sem que ninguém faça perguntas. Sem que ninguém sequer repare.

É uma pena, mas não é permitido.

Basta eu perguntar, como se fosse sem querer:

“Mariazinha é um nome bonito?”

Ou basta eu dizer que ela tem uma linda fita azul no cabelo. Ou indagar por que quando ela ri aparecem covinhas no seu rosto.

Basta qualquer pergunta ou observação deste tipo, e logo começam as intrigas:

“Está gostando? E que tal você casar com ela?”

Piadas bobas e risadas sem graça. Conheço muito bem.

Existem garotos que têm mania de fazer palhaçadas. Querem puxar o saco dos adultos, agradá-los, então pegam a menina pelo braço e a apresentam:

“Minha esposa. Minha noiva.”

Os adultos nos exigem inteligência, não gostam das nossas palhaçadas, mas são eles que nos obrigam a fazê-las.

Não sabem quanto sofre uma criatura sensível por ter de se fazer de palhaça. Há crianças que nunca se recuperam; há outras que guardam

para sempre rancor e má vontade para com os adultos. Por serem tão fofos e por nos magoarem de propósito.

Fico sentado, pensando. Eu e milhares de crianças em milhares de quartos, pensando, ao anoitecer, nos milagres e nas tristezas da vida. Naquilo que acontece dentro e em volta de nós. Os adultos desconhecem estes nossos pensamentos. No máximo:

“O que é que você está aprontando aí? Por que não está brincando? Por que está tão calado?”

Acontece que a criança, depois de um pouco de bagunça, correria e descoberta de coisas novas, sente desejo de conversar em silêncio consigo mesma. Mas só uma, uma em cada mil, encontrará apoio num adulto. Ou num amigo.

Por exemplo, que coisa estranha é o sono. Irene está dormindo e não sabe de nada. Mas deve estar sonhando, porque suspira. É provável que ela também conheça criancinhas de quem gosta, lá no jardim de infância, e talvez não queira dizê-lo.

Comparo Irene comigo mesmo, relembro o meu passado, o tempo em que era adulto, e vejo que somos todos semelhantes, iguais. O homem adulto é infantil, a criança é amadurecida. Só que não aprendemos ainda a entender-nos uns com os outros.

E pronto.

Encontrei Mariazinha pela segunda vez.

Mariazinha voltou a visitar-nos. Nem chegou a tirar o casaco. Ela e a mãe dizem que estão com pressa, que só vieram para se despedir. Mal tive tempo de cumprimentá-la, e já está na hora da despedida.

Estou parado perto do vaso de flores onde semeei um grão de ervilha que deu broto. Já tem até quatro folhas. Duas de um lado e duas do outro. É tão gostoso plantar algo e depois ver como brota! É preciso regar. Da água e da semente resulta uma coisinha verde, minúscula. Onde não existia nada, agora existe.

Continuo parado. Tenho um cartão postal que comprei. No cartão tem um anjo, com asas e tudo, e duas crianças à beira de um precipício. Um precipício sem fundo. Elas abaixam-se sobre o abismo e colhem flores. Mas o anjo as vigia e impede que caiam na profundidade insondável.

Pois então, a tia desconhecida veio junto com Mariazinha. Nunca a vi na vida. É uma tia longe. E penso comigo mesmo:

“Se Mariazinha me dirige a palavra, dou-lhe o postal de lembrança. Se não, fico com ele.”

Comprei o postal para Mariazinha, porque sabia que ela viria, só tinha medo de que ela viesse quando eu estivesse na escola.

Agora, todos os dias volto voando da escola. Mundinho pergunta:

— Por que tanta pressa?

Mamãe fica admirada:

— As aulas estão terminando mais cedo?

E eu nada. Vou responder o quê?

Mariazinha tem um gorrinho de feltro branco, combinando com a gola. E o cabelo encaracolado.

A mãe dela está conversando com a minha; falam de uns conhecidos que moram em Wilno.

Ela não diz nada.

Beijei rapidamente a mão da tia de Wilno e voltei para perto da minha ervilha.

Mariazinha continua imóvel, encostada na sua mãe.

Tirei o postal de dentro do livro onde o havia guardado. Aquele postal do anjo.

E ela, Mariazinha, que ainda agora estava parada, bruscamente se aproxima de mim. Quase como se estivesse correndo. Reponho o postal dentro do livro, e imagino que devo estar vermelho, porque estou mais sem jeito do que nunca.

Parou e tapou o rosto com a bolsinha, também de feltro branco. Sorri para ela. Ela também. E virei o rosto, como se quisesse olhar para a ervilha.

Irene vem correndo e mostra sua boneca a Mariazinha. Diz:

— Olhe, ela tem sapatinhos.

Viro-me outra vez para ela. Mariazinha pega a boneca e pergunta:

— Ela fecha os olhos?

Respondo:

— Não. Bonecas pequenas não fecham os olhos.

Aí Mariazinha aproxima-se mais ainda e diz que bonecas pequenas também podem fechar os olhos. Só não podem se forem muito pequeninas mesmo. E depois acrescenta:

— Já estou indo embora.

Levei um susto pensando que ela estava indo embora já já, e puxei o cartão postal do anjo de dentro do livro, com receio de não ter tempo de entregá-lo.

Mostro-lhe o postal e pergunto:

— Acha bonito?

Ela disse baixinho:

— É bonito, sim.

Digo mais baixinho ainda:

— Quer para você?

Não queria que Irene visse. Porque crianças pequenas gostam de se intrometer. E ela era capaz de falar em voz alta.

Mas mamãe e a mãe de Mariazinha continuam conversando e não vêem nada.

Mariazinha diz:

— Escreva que é uma lembrança.

Pedi com muita insistência na voz e ficou olhando para ver se eu concordava. Tudo se arranjou bem. Escrevi rapidamente:

“Lembrança de Varsóvia.”

E sequei com o mata-borrão. Mas Mariazinha alerta:

— Cuidado para não borrar.

Respondo:

— Olhe, não borrou nada.

Falei “olhe”. Quer dizer que a chamei de “você”.

Mas o “L” de “lembrança” ficou um pouco borrado.

— Não faz mal, diz ela. E acrescenta:

— Você tem uma letra bonita.

E ainda:

— Escreva de quem é e para quem.

— Para que isso?

Mariazinha ficou pensativa, inclinou a cabeça para um lado e disse:

— É verdade...

Assim mesmo escrevi:

“Para Mariazinha de Wilno.”

E embrulhei em papel alumínio, desses de chocolate. Porque havia preparado tudo antecipadamente.

Mas vi que ficou brilhando demais, então arranquei uma folha do caderno e embrulhei outra vez.

Ela disse:

— Imagine, não precisava arrancar a folha.

Respondi:

— Não tem importância.

E eis que mamãe intervém:

— Por favor, tirem os casacos.

Mas a mãe dela responde:

— Não, já estamos de saída.

Mariazinha pegou o embrulhinho com o postal, colocou-o dentro da bolsinha e perguntou:

— Que letra você mais gosta de escrever?

Informo:

— O R maiúsculo.

— E eu o W maiúsculo. Me dê um pedaço de papel, vou escrever para você. A lápis. Veremos quem escreve mais bonito.

Ela escreveu, e eu também. Mas sem me esforçar muito. Talvez para deixar que a letra dela saísse mais bonita do que a minha?

Mariazinha pergunta:

— Bem, qual é a mais bonita?

Ri; vejo que tem dentes bem-feitos e branquinhos; e diz:  
 — No postal você escreveu mais bonito.  
 Fiquei vermelho e comentei:  
 — É, às vezes dá certo, outras vezes não.  
 Continuamos escrevendo: “Varsóvia”, “Wilno”, diversas palavras e depois algarismos.  
 — Detesto escrever o oito, diz ela. Sempre sai meio torto.  
 — É mesmo. O oito é difícil de acertar. E, depois, é incômodo escrever de sobretudo.  
 Olhou para a mãe dela e perguntou:  
 — Posso tirar o casaco?  
 Não, elas já estão de saída.  
 Mariazinha quis rasgar o papel no qual estava escrevendo, mas não deixei.  
 — Para que você quer guardar?  
 — Deixe ficar comigo.  
 — Mas para quê?  
 Falei baixinho:  
 — De lembrança.  
 — Que lembrança é esta? Espere, que lhe mando um bonito postal.  
 Mas deixou-me ficar com o papel.  
 Mostrei-lhe o vaso com a ervilha. Perguntei se queria levar. Mas como é que iria viajar com ele na mão?  
 Mariazinha alisou cada uma das quatro folhas com o dedo.  
 Mas a mãe dela está chamando:  
 — Agora vamos andando.  
 E levanta. Mariazinha fica parada ao lado dela.  
 Não conversamos mais. Eu continuei ao lado do vaso. E elas ficaram falando muito tempo em pé. Talvez não fosse muito tempo, só que eu estava torcendo para que fossem logo embora.  
 Tenho medo de despedidas.  
 Agora é para valer:  
 — Bem crianças, está na hora de se despedir.  
 Virei-me de costas.  
 — Como é, não vão dar até logo um ao outro? Será que já brigaram?  
 E o beijo de despedida?  
 Mariazinha declara:  
 — Eu não beijo os rapazes.  
 — Que gracinha, diz minha mãe. Não quer cantar uma canção de despedida?  
 — Posso cantar.  
 — Você canta da próxima vez. Agora já estamos atrasadas.

Mariazinha beijou mamãe e Irene, mas a mim só me deu a mão. E com tanto orgulho! Nem sequer sorriu. E nem tirou a luva.  
 Saíram. E mamãe reclama:  
 — Você é um urso. Mariazinha, sim, é uma menina bem-humorada. E você nem sabe conversar direito.  
 Sou grato a Irene. Abraço-a e dou-lhe um beijo na testa. Digo:  
 — Você se comportou muito bem, Irene.  
 E começo a fazer os meus deveres.  
 Sinto-me bem, sereno. Tudo deu tão certo com o postal. A imagem é bem bonita. Primeiro quis comprar um com flores, depois um outro, com uma paisagem mostrando uma floresta, uma casa junto à floresta, e um cavalo parado. Tinha ainda dois outros cartões bonitos, mas um deles levava a inscrição “Parabéns para você”. E o do anjo era o mais bonito de todos. Tinha montanha, abismo, flores e mais o anjo da guarda.  
 O nome não me agrada: Anjo da guarda. Deveria ser diferente: Anjo Defensor, por exemplo. Sei lá.  
 Quando tiver dinheiro, compro um igual para mim. Porque Mariazinha não vai me mandar cartão nenhum, lá da terra dela, de Wilno. Não vai lembrar de mandar.  
 Estou copiando um poema para amanhã. A meu lado, a boneca de Irene. Tudo começou com essa boneca. E com as quatro folhas da ervilha. A medida que a planta continuar crescendo para cima, aparecerão novas folhas, e as quatro primeiras ficarão embaixo das outras. É provável que sejam as primeiras a cair. Devo esperar que fiquem amarelas e caiam sozinhas, ou devo arrancá-las enquanto estão verdes e secá-las para guardar de lembrança? Por enquanto não sei.  
 Continuo copiando o poema. Caprichando na caligrafia. Num certo trecho aparece um W maiúsculo. Procuro escrevê-lo melhor que as outras letras. Já não sei se a letra mais bonita e mais gostosa de escrever é o R maiúscula ou o W maiúscula.  
 Fico contemplando o papel no qual Mariazinha e eu estávamos escrevendo letras.  
 O que é que vou fazer: amo-a, e nunca mais a verei. Só ficou um papel com letras e quatro folhas de ervilha. Mas quem sabe ela escreve mesmo para mim? Ou uma noite eu sonho com ela? Ou um dia encontro na rua uma menina parecida com ela? Não foi assim que encontrei o Malhado?  
 As meninas não são simpáticas. São orgulhosas, brigonas e careteiras. E fingidas. Fingem-se de adultas, e esnobam os meninos, como se todos fossem bagunceiros. E ficam afastadas de nós, mas quando querem se aproximar, é como se estivessem fazendo um favor.

E quando aparece uma que gosta de brincar conosco, é pior ainda do que os meninos: porque é levada como nós, mas ao mesmo tempo tem também uns defeitos característicos de menina

Paciência.

É verdade que existem algumas mais delicadinhas. Usam vestidos bonitos, lacinhos, colares, uma porção de penduricalhos. Fica bonito. Se fosse um menino, ficaria ridículo. Há meninos que usam cabelo comprido. Parecem bonecas. Será que não sentem vergonha?

As coisas são como são.

Mas por que devemos ceder diante delas? Não se pode bater numa menina, nem empurrá-la. Logo vem a recriminação:

— Ela é uma menina.

Isto cria mágoa e má vontade dentro de nós. Até mesmo inimizade. E não é para menos.

Na escola, se há meninos e meninas estudando juntos e se um menino faz queixa de uma menina, a professora diz logo:

— Você, um rapagão, não consegue dar um jeito numa menina?

Se é assim, da próxima vez darei um jeito. Aí virá aquela recriminação. Realmente, não se sabe como agir.

Se os adultos não estivessem sempre a nos lembrar que este é um garoto e esta é uma menina, é provável que a gente nem lembraria. Mas que esperança: eles não nos deixam esquecer. Dizem da boca para fora que não há diferença, mas na prática fazem exatamente o contrário.

Sinto muito estar pensando assim, mas o que fazer. Não posso mentir. É evidente que Mariazinha não tem culpa. E quem sabe esta situação só existe em Varsóvia?

Pois não é que ela escreveu para mim? Escreveu mesmo. Cumpriu a promessa. Mandou-me um postal com uma igreja histórica de Wilno. Tinha endereço, selo e tudo. Não teve vergonha de escrever para um garoto.

Menina valente.

Canta sem ficar inibida, e tomou a iniciativa de tirar-me para dançar.

Escreveu para mim, de verdade. Guardei o postal dela, junto com as folhas de ervilha e o papel. Uma das folhas quebrou.

Aconteceu uma excursão. Não de trem, mas atravessando a ponte para ir ao parque. Foi bem agradável.

Quisemos ir em formação de quatro pelo meio da rua, em vez de marchar em fila dupla, que costuma provocar empurrões. Mas a professora não deixou. E com razão. Porque a formação ficaria logo desfeita e haveria uma bagunça. Um começaria a dar pontapés por trás, outros ficariam se arrastando, uns para a direita, outros para a esquerda. Nem sabem andar direito aos pares, guardando a distância e firmando o passo.

Foi bem bom. Duas carroças e um automóvel pararam enquanto estávamos atravessando a rua. É agradável sentir que apesar de tudo temos alguma importância, porque os outros precisam parar para nós atravessarmos.

Mundinho é o meu par. É muito importante escolher bem o parceiro e saber também quem está na minha frente e atrás de mim.

O melhor de tudo foi a travessia da ponte, porque o rio estava congelado.

— Existem uns sujeitos que tomam banho na água gelada.

— E você não teria medo?

— Medo de quê?

— Do frio, ora.

— O que é que tem o frio?

É agradável a gente se testar e mostrar que não tem medo.

— A água pode se transformar em gelo ou em vapor.

— Não é estranho?

— Mais estranho é a mosca que anda pela parede, e o peixe que respira dentro d'água.

— E o sapo? Como nasce o sapo? Na água ou na terra?

Ficamos todos pensativos. Quem foi capaz de fabricar tudo isso? E se Deus não existe, então quem?

Mundinho e eu conversamos, inventando uma viagem de barco até Gdansk. Temos muitas provisões: pão, queijo, maçãs. Estamos navegando pelos afluentes de Vístula, avistando planícies e morros, passando perto de cidades históricas.

É uma conversa de brincadeira, mas é também como se fosse uma aula, uma prova.

A escola é útil. Nos capacita a pensar longamente sobre diversas coisas. Na aula de geografia recebo uma determinada informação, na de ciências naturais outra, mais outra na de história — e é surpreendente como depois isto é aproveitado no nosso pensamento.

— Vamos para Gdansk ou para Cracóvia?

— Bem, contra a corrente é difícil.

— Com um barco a motor não tem problema.

Cada escola bem que poderia ter uma embarcação. Ficaria ancorada no porto, e os alunos montariam guarda. Diariamente haveria quatro garotos se revezando, dia e noite. E assim que o rio descongelasse, içaríamos as velas, e a caminho!

Uma turma ficaria navegando uma semana, depois outra turma também uma semana. E mudando também de posição: na cabine, no manejo das velas, no leme.

Só que não sabemos se o melhor seria um veleiro, um vapor, uma lancha a motor, ou mesmo uma jangada.

O sol brilha bonito, refletido na neve. O parque está todo branquinho.

Começamos a apostar corrida. Alguns querem tirar os casacos. A professora não deixa. Ora, quando a gente corre, sente calor. No pátio ficamos brincando sempre sem casaco.

Não insistimos muito, porque não queremos que a professora fique aborrecida. Não há coisa pior do que irritação num momento que deveria ser agradável.

A professora vai reclamar com um, e todos ficarão chateados. Brincadeira de adulto raramente acaba em confusão. Nas nossas é o que mais acontece. Sempre aparece um para começar.

Hoje é Milton. A professora mandou que formasse par com Rodolfo. Ele não queria, porque não se dão bem. E durante todo o trajeto o outro ficou-o empurrando. A professora ficou furiosa, disse que parecemos um bando de vagabundos, que nunca mais vai passear conosco, porque as pessoas na rua ficam olhando e ela fica envergonhada. Milton, só para contrariar, se mete na frente dos carros, e a professora tem medo de ele ser atropelado. Mas se todos os dias ele vai à escola e volta sozinho, sem ninguém para tomar conta... Então, que o deixassem andar sozinho, hoje também. Mas sei que não é possível, porque se deixarem um, os outros vão logo espalhar-se pela rua toda.

Também no parque foi difícil reunir todo mundo para voltar para casa: a professora precisou sair catando alguns. Já que havíamos feito um caminho tão longo, queríamos ficar mais tempo. Tudo estava tão bonito que não dava vontade de ir embora. Como sempre, tem alguns, os obedientes, que respondem logo à chamada. Mas cada um deles, quando vê que o parceiro não está presente, acaba achando chato ficar parado, sozinho. Aí sai em busca do parceiro. E, enquanto sente que seus pés estão ficando congelados, vê que os outros continuam brincando. Então se impacienta:

— Vamos embora logo.

Arrependem-se de terem sido tão zelosos e comparecido logo à chamada. Os colegas continuam correndo por aí, enquanto eles são obrigados a presenciar as demonstrações de irritação da professora.

Depois de alguma espera, escapam por sua vez. Aí os outros, aqueles que estão brincando, vêem que há pouca gente reunida na fila, e não se apressam. Cada um quer chegar por último, para não ter que esperar.

Se eu estivesse no lugar da professora, não ficaria esbravejando. Bastaria começar a andar, mesmo que fosse com apenas três pares de alunos, para os outros seguirem correndo, e assim todos acabariam se reunindo aos poucos. No máximo um ou outro diria:

“Deixem o pessoal ir embora. Sou capaz de achar o caminho de casa sozinho.”

É bem provável que daqui a pouco teria medo de ficar para trás, por causa da ameaça de castigo, e se juntaria correndo ao grupo. E mesmo que não o fizesse, seria apenas um caso isolado. Não é justo ficar brigando com todos por causa disso.

Seríamos capazes de dar uma porção de bons conselhos, se apenas os adultos nos perguntassem. É evidente que nós sabemos melhor o que nos aflige, que temos mais tempo para estudar os nossos problemas e refletir sobre eles, que nos conhecemos melhor a nós mesmos, que estamos mais frequentemente reunidos com nossos semelhantes. Uma criança pode não saber grande coisa, mas no seu grupo aparecerá sempre alguém que sabe mais do que ela.

Nós somos os especialistas em matéria de nossa vida e de nossos problemas. Só ficamos calados porque não sabemos o que é permitido dizer e o que não é. Temos medo não só dos adultos mas também, e sobretudo, dos colegas, daqueles que não querem o entendimento nem a ordem, que preferem pescar nas águas turvas da disputa e insatisfação os peixes dos seus interesses pessoais. Se eu fosse adulto, diria:

“Anarquia e demagogia.”

Onde, digam-me, está a solidariedade? Cada um tem alguém de quem gosta muito, tem algumas pessoas com as quais simpatiza, algumas outras com as quais não simpatiza ou que lhe são indiferentes, e um ou outro inimigo.

Pode até acontecer o caso excepcional de alguém de quem todos gostam todos gostam, ou que gosta de todo mundo. Mas de um modo geral o que todos mais sentem é medo. O sujeito forte pode mandar em todos e fazer o que bem entende. Também o sujeito de quem o professor ou a professora gostam especialmente.

No caminho de volta do passeio contei a Mundinho sobre Mariazinha de Wilno.

— Sabe, Mundinho, recebi um postal de Wilno. Com flores. Miosótis. É um postal lindo.

E depois:

— Quem me mandou o postal foi uma menina.

Disse o nome dela e em que ano está na escola.

— Mas não esqueça que é um segredo.

Contei que dancei com ela na festa de aniversário e que ela canta lindamente.

E também que tem cabelo escuro.

— Está vendo, Mundinho? Você ficou aborrecido naquele dia porque falei primeiro com Roberto sobre o Malhado. Fui obrigado, porque ele não queria emprestar-me o dinheiro. E naquele tempo ainda não te conhecia bem.

Pegamo-nos pelas mãos e continuamos andando. Foi aí que ele contou que está também interessado numa menina.

— É porque ela está sempre triste.

— Já minha Mariazinha deve estar sempre alegre.

Ao atravessar a ponte não falamos nada. Depois continuamos:

— Você não está mais zangado por causa do que falei do seu pai naquele dia?

Pensei que ele não tinha ouvido, porque justamente um caminhão estava passando por nós. Era um caminhão do exército, bem pesado. Tinha umas correntes que faziam barulho. Três soldados estavam sentados em cima, e o motorista estava à paisana. Não sei por quê. Um dos soldados segurava um cachorro. O cachorro apoiou as patas na grade, e a cabeça dele ficou balançando. Tinha uma cara muito assustada.

Mas Mundinho ouviu o que falei.

— Não estou zangado, disse ele, mas não fale assim de novo. Porque chateia. Fica parecendo que o pai da gente é não sei o quê. Cada um sabe o pai que tem. Mas é desagradável ouvir os outros falarem nisso.

— Eu não quis magoar você, digo. A coisa me escapou, sem querer.

— Eu sei, diz Mundinho.

Bem, agora somos amigos, Mundinho e eu. Vou trazer o postal para a escola e mostrar a ele.

Desculpamo-nos pelo incidente de outro dia, e contei-lhe um segredo, para ele não pensar que só quero saber tudo a seu respeito. E sou capaz de convidá-lo a ir visitar-me lá em casa.

É engraçada a maneira que os adultos têm de mandar-nos pedir desculpas. Você faz qualquer coisa à toa, e lá vem logo:

“Vá pedir desculpas!”

Não tenham receio. Sei quando não tenho razão, e vou desculpar-me, só que mais tarde. Caso contrário tudo sairá mentiroso e falso.

Mariazinha escreveu uma coisa bem engraçada:

“Querido Primo,

Estou em Wilno e não estou indo à escola. Viajei a noite toda, peguei um resfriado e tive febre. Mando-lhe um milhão de beijos. Daquela que te ama — Maria.”

Tenho vergonha de mostrar este postal a Mundinho.

A professora mandou descrever a excursão ao parque. O relato devia ter quatro partes: o caminho até o parque, a estada no parque, o regresso e a conclusão.

A professora elogiou-me, disse que o meu trabalho era bom.

O que escrevi foi:

“Naquele dia o tempo estava bonito e a professora levou a nossa turma para um passeio. Atravessamos diversas ruas. Dos dois lados da

rua erguem-se altos edifícios, e no meio corre o tráfego. Os bondes andam nos trilhos, e fora dos trilhos trafegam os táxis, os carros puxados por cavalos, os automóveis e outros similares. Os pedestres passam devagar e nas esquinas há guardas.

No parque jogamos diversos jogos. O parque estava coberto de neve. As árvores estão nuas, porque as folhas caíram. Suas copas alcançam grandes alturas. O parque não possui monumentos históricos, mas no verão cresce grama. Os arbustos ficam cobertos de verdejantes folhas.

No caminho de volta atravessamos de novo a ponte de ferro. Ficamos olhando para o rio gelado. E o tempo todo andamos em pares.

A excursão para o parque foi muito agradável, porque o sol brilhou o tempo todo e no parque pudemos jogar diversos jogos.”

É desagradável escrever redações, porque nunca escrevemos a verdade; só escrevemos porque a escola mandou.

Mariazinha pegou um resfriado e estava doente. Podia até estar gravemente enferma, e eu não saberia de nada. Podia mesmo ter morrido, porque crianças morrem também. Por um lado estou contente, porque recebi o postal, mas no fundo estou preocupado.

Por que ela veio até aqui?

Antes eu só sabia vagamente que tinha uma tia em Wilno posso ter ouvido alguém mencionar que ela tinha filhos, ou até que tinha uma filha de nome Mariazinha. Mas aí vi Mariazinha de repente.

E para quê? O que é que eu tenho a ver com ela, pensando bem?

É apenas uma prima qualquer, uma prima longe.

Não fosse o tio eu nem teria conversado com ela; e se eu estivesse na escola quando ela veio se despedir, não a teria visto nunca mais.

Não é melhor rasgar o postal e acabar com tudo?

Para que atormentar-se? Para que pensar? Para que preocupar-se com a sua saúde, ter medo de que algo de ruim possa ter acontecido?

De qualquer modo não vou responder, porque não tenho dinheiro para o selo.

Mas eis que ganhei dinheiro, justamente.

— Pegue isto, malandro, disse papai.

E deu-me uma nota de um *zlotg*.

— Compre alguma coisa de que está precisando, ou vá ao cinema.

Mamãe protesta:

— Não fique dando dinheiro para o garoto, vai acostamá-lo mal.

Apanhei a nota abobalhado, sem jeito. Aconteceu tão de surpresa.

Papai estava contando dinheiro: deu um total de trinta e um ou quarenta e um; enfim, estava sobrando essa nota para fazer uma conta redonda. Coincidiu eu estar por perto. Por isso ele deu para mim. Uma surpresa.



Depois que peguei o dinheiro, fiquei com pena do meu pai. Pois sei que ele não tem muito dinheiro, e que os filhos custam muito. Em vez de comprar algo para ele, tem de comprar para nós: casaco, sapato, comida, colégio, e tudo. E ainda por cima tem aborrecimentos e desgostos quando me comporto mal.

Quando eu desejava voltar a ser criança, esquecia por completo que não ia ganhar o meu sustento, ia ser um encargo para os outros.

Não, as crianças não são parasitas. A escola é o nosso trabalho. É verdade que temos longas férias, mas o professor também descansa. Nós damos mais duro do que o professor. Porque para nós tudo é novo e difícil.

E dizem que as crianças não fazem nada, que comem de graça.

Quando quis ser criança, não me lembrava como é duro não ter dinheiro próprio, que escravidão isto representa.

Por exemplo, tenho uma régua que não presta mais. Alguém a estragou. Deixei-a na sala, e quando voltei do recreio, havia sumido. Fiquei procurando até achá-la numa carteira bem longe da minha. Mas toda rachada, cheia de dentes. Não se pode fazer uma boa linha reta com uma régua dessas: o lápis fica preso. Existem régua com proteção de metal, mas são muito caras. As nossas, como de propósito são feitas de uma madeira muito pouco resistente. Você se distrai, bate com a régua na carteira, logo aparece uma rachadura.

Quantas perdas, quantos prejuízos sofremos, e ficamos calados. Pois se nos queixarmos, a professora dirá: "Tome cuidado com o seu material."

Acontece que não é permitido ficar na sala durante o intervalo; e, por outro lado, como seria possível vigiar o material o tempo todo, sem parar?

Muito bem, sou proprietário de um *zloty*. Parece que foi vontade divina.

Comprarei um cartão postal para Mariazinha. Devolverei dez centavos a Roberto, darei por encerrado o caso de Malhado. Comprarei uma régua, para ter uma de reserva. Quem sabe um par de cordões de sapato? Assim, se os cordões velhos rasgarem, não terei de engolir recriminações de mamãe. Talvez Mundinho esteja precisando de alguma coisa, posso oferecer-lhe um empréstimo.

Seria bom, também, ir ao cinema, mas como? Ir sozinho e não dizer nada a Mundinho? E se contar, ele ficará com inveja.

Pode parecer que um *zloty* é muito dinheiro. Mas se começarmos a fazer as contas, veremos que não dá para muita coisa.

Os adultos pensam que as crianças são levianas. Bem, existe levianidade no nosso meio e entre os adultos. Por que o pai de Mundinho gasta dinheiro com bebida? Existe todo tipo de gente. Aqueles, por

exemplo, que roubam dinheiro do pai e gastam com bobagens. Dizem que precisam de um caderno novo e compram uma barra de chocolate. Há também os que pedem emprestado e não devolvem. Os que perdem as moedas porque têm bolsos furados, ou jogam fora sem perceber ao puxar o lenço. Mas há também os que só gastam o necessário. Ficam juntando centavo por centavo, para poder comprar um presente para o pai, ou algum objeto mais caro.

Fui, junto com Mundinho, procurar um bonito postal. Aquele do anjo ela já tem, os miosótis foi ela quem me mandou. Havia um postal com um menino e uma menina, mas tenho vergonha, porque pareceria que somos nós dois, eu e ela.

Se pudesse entrar na loja, a escolha seria mais fácil. Mas é desagradável. Porque ficam nos vigiando, vendo se não estamos pegando alguma coisa, ou amarrotando, ou sujando. Nos apressam, não gostam que fiquemos escolhendo com calma. Dizem:

"Vamos, rápido."

Percebe-se que querem nos ver logo pelas costas.

Porque as crianças só costumam ter poucos centavos, então o lucro que se pode conseguir com elas é pequeno.

Também o adulto nem sempre compra muita coisa de uma só vez. Mas ele pode ver tranquilamente todos os álbuns. Porque se hoje compra apenas um postal, poderá voltar amanhã para mais.

Devolvi logo o que devia a Roberto. Enquanto não tinha dinheiro, não ousava sequer perguntar pelo cachorrinho.

— Aqui estão os dez centavos que você emprestou para o leite.

— Não disse que era de presente?

— Não quero. E Malhado, o que anda fazendo?

— O que você quer que ele faça?

Isto não é uma resposta. Talvez os pais não o deixaram ficar com o cachorro? Quem sabe Roberto o expulsou?

— Ele continua na sua casa?

— E onde estaria, já que você o abandonou?

— Não abandonei, dei para você.

— E se eu não quisesse ficar com ele?

— Teria procurado outra pessoa.

— E você acha que é fácil conseguir permissão para levar um cachorro para casa?

Estou irritado, porque ele está botando banca. Digo:

— Quem é que não permitiria?

— Os teus pais não permitiram.

— Eu nem pedi.

Fico chateado: para ele tudo é tão fácil, enquanto eu continuo levando uma vida solitária. E o cachorro é amigo do homem.

Sei que a inveja é um mau sentimento. Mas como não ter inveja vendo alguém para quem tudo dá certo, e ele não sabe apreciar a sorte que tem?

Sou curioso de saber se Malhado me reconheceria. Escondo, portanto, a minha mágoa e digo:

— Posso ver ele um dia?

— Bem... quando você for lá em casa, te mostro.

— E deixa levá-lo para minha casa por um dia?

— Aí você já está querendo muita coisa. Se é meu, é meu. E depois, você acha que ele vai querer ir com você?

— Por que não? É capaz de querer.

— É que agora já está acostumado comigo.

— Então fique com ele.

— Claro que vou ficar.

Vou-me embora. Para que continuar a conversa? De qualquer maneira ele não vai entender.

As pessoas conversam, mas cada uma sente de um modo diferente. Por isso não conseguem entender-se.

Agora só me resta Mundinho.

Estamos juntos o tempo todo. Encontramo-nos de manhã e vamos juntos para a escola. Passamos juntos o intervalo. E voltamos juntos. Só ele me resta.

Talvez seja pecado pensar assim? Porque tenho também meu pai, minha mãe, Irene.

Esqueci de contar que durante aquela visita de despedida ficamos soprando em cima de uma rodelinha que estava na mesa. Uma pequena rodelinha de relógio ou sei lá de quê. Mariazinha falou:

— Vamos ver quem sopra mais forte?

E ela ficou soprando para um lado, e eu para outro.

Deixamos também que Irene soprasse algumas vezes.

## DIAS CINZENTOS

Pela segunda vez sumiu o boné de um aluno.

Foi um escândalo.

Sobretudo na turma do segundo ano. Vivem sumindo livros e cadernos. Falou-se que ia haver uma investigação. Os professores dizem que é uma vergonha para a escola toda. Cada aluno enumerava os seus pertences que tinham sumido, e as professoras iam anotando.

De mim não roubaram nada. Tinha uma borracha, um restinho de borracha, talvez daria para uma semana, e que sumiu. Mas não sei: posso ter perdido na escola, na rua, em casa. Mas quando alguns garotos começaram a ditar a lista dos objetos roubados, parecia que na escola inteira só tinha ladrões. O sujeito perdeu qualquer coisa em algum lugar, ou esqueceu onde deixou, e pronto: ditava para a professora, que mal tinha tempo de ir anotando tudo. Alguns deviam estar mentindo. Pois, como dizia Pedro:

— Por que você não mandou anotar que roubaram a sua borracha? É capaz a escola comprar tudo para nós.

É um roubo ainda pior querer receber algo que não se extraviou. Uma falta de vergonha.

Existem aqueles que perdem muitas coisas. Mas tampouco têm cabeça. Largam seus pertences em qualquer lugar e não sabem onde foi. Emprestam e esquecem. É por causa deles que se diz que as crianças são desmioladas. O pior é que querem alguma coisa, e já dizem: egoísta, avarento, mesquinho.

Às vezes dá raiva: o sujeito mal viu uma coisa, e já grita:

— Me empresta!

Ainda por cima ameaça:

— Vai se arrepender, fique certo! Não perde por esperar, um dia você vai me pedir alguma coisa, e aí vai ver.

Nós dependemos mais de empréstimos do que os adultos. Porque exigem que tenhamos tantas coisas, mas se não as ganhamos em casa, o que fazer?

A culpa, muitas vezes, é dos pais, e quem sofre é a criança. O pior é que não acreditam em nós. Entre os adultos, qualquer pessoa honesta é merecedora de confiança, mas a mais honrada criança é sempre suspeita.

— Preciso de dinheiro para comprar cartolina.

— Cartolina outra vez? Você comprou outro dia.

Uma observação como esta machuca. Acham que eu comi a cartolina?

O adulto tem seu dinheiro próprio, pode comprar aquilo de que precisa. Já a criança vive de favor. Tem que esperar um momento de bom humor dos pais, caso contrário arrisca-se a ouvir o que não quer.

Toda criança deveria receber uma mesada, para saber o que tem, para aprender como gastar e não ficar sem nada. Mas geralmente ou não temos um tostão, ou de repente ganhamos muito de uma só vez. Isto leva à mendicância e à falsidade. Muitos se fazem de simpáticos, só para ganhar algo.

É verdade: nós perdemos e esquecemos nossas coisas. Mas eles têm grandes bolsos, têm gavetas das quais ninguém se aproxima. Andam devagar, mexem-se pouco. E mesmo assim também lhes acontece perder ou esquecer algo.

Quando você se esforça, sabe, lembra de tudo, ninguém diz nada, ninguém percebe o nosso empenho, ninguém entende o esforço. Mas basta alguma coisa não dar certo, lá vem o escândalo.

Nos teatros há vestiários onde a nossa roupa é entregue contra fichas numeradas. Assim, é claro que nada se perde. Na escola cada um pendura o seu casaco sozinho e depois o apanha sozinho. E sempre na maior pressa. Para cada trezentos alunos que penduram sua roupa com cuidado, haverá alguns que a jogam de qualquer maneira. Só que não se fala nos trezentos cuidadosos, mas se acusa as crianças em bloco. E acaba parecendo que onde tem crianças, tudo vai sempre mal. Se fôssemos adultos, as coisas seriam diferentes.

Para um elogio, mil reprimendas; para um agradecimento, cem reclamações e ameaças. Não sabemos vigiar as nossas coisas, não sabemos cuidar delas.

E quando você vê como eles distribuem as humilhações, os menosprezos, as suspeitas, os insultos e castigos, ou deixa de ter vontade

de se esforçar, porque sabe que de qualquer modo não vai satisfazê-los, ou fica fazendo pirraça:

— Que gritem à vontade, que mal faz isso?

Você apenas procura evitá-los, guardar distância, ter o mínimo de contatos. Só quando indispensável.

Claro, quando estamos com alguma dor forte, precisamos deles. Se for coisa à toa — um cisco no olho — é melhor pedir ajuda a um colega. Porque eles, os adultos, ficam logo exultantes:

“Por que foi fazer isto, por que foi fazer aquilo?”

Como se eu soubesse.

Chato é também quando temos de dar queixa de alguém. Os que gostam de denunciar são raros, em geral só o fazemos em último caso. E sempre com receio de que nossa denúncia seja rechaçada com uma palavra rude.

Pensem só: os delinquentes do mundo adulto mofam na cadeia, mas os nossos circulam livremente entre nós.

Pois é: vivemos perto uns dos outros, mas não convivemos.

E quando uma criança se aproxima de um adulto, porque gosta dele, todos suspeitam que se trata de um puxa-saco, que age por interesse.

E não sabemos o que nos é permitido, o que nos é devido, não conhecemos os nossos direitos nem deveres. De um lado e do outro, o arbítrio.

Quis ser criança de novo, livrar-me das cinzentas preocupações e tristezas de adulto; agora tenho outras, infantis, que doem mais.

Não se iludam com o nosso riso.

Olhem para dentro de nós, dos nossos pensamentos, quando tranquilamente vamos para a escola ou voltamos para casa, quando assistimos às aulas em silêncio, quando conversamos à meia voz ou murmurando, ou quando à noite ficamos deitados na cama.

Temos outras preocupações, mas que não são menores; são mais profundamente sentidas; e temos uma grande, uma enorme saudade.

Vocês já são temperados pelo sofrimento, pela resignação, mas nós nos rebelamos ainda.

Quando era adulto, vivia tendo medo dos ladrões. Agora, dói-me o fato de eles estarem roubando.

“Por que é que uma pessoa tira propriedades da outra? Como é que pode?”

É triste que as coisas não possam correr bem.

— Bem, paciência — dizia eu quando era adulto.

Mas agora não quero. Não quero que tudo continue como está.

E não confio que a escola dê um jeito. Aparentemente os adultos vivem nos corrigindo, mas sem resultado. Eles só ficam cada vez mais exasperados.

O boné não foi encontrado. Todos precisam cotizar-se para pagar. Portanto, é preciso contar lá em casa. E em casa fica falando mal da escola:

“Escola de ladrões.”

Ou:

“O que fazem os professores, por que não tomam conta?”

Também não é justo, pois que culpa tem a escola? É evidente que as professoras não podem ficar tomando conta de tudo.

O mais triste é que basta um aluno para causar a todos tantos desgostos e angústias.

Mundinho está me esperando, e não consigo encontrar o meu casaco. Estamos procurando. Mas logo vem o contínuo:

— O que é que vocês estão xeretando por aqui?

Digo:

— Não estamos xeretando nada, só que não estou achando o meu casaco, devem tê-lo mudado de lugar.

— O que você não deixou aqui, não está aqui, sentencia o contínuo.

— E como é que eu teria vindo sem casaco?

— Sabe-se lá.

E conclui:

— Achou? Então, está vendo: o casaco está lá onde você o deixou pendurado.

Eu digo:

— O senhor não viu, então não sabe de nada.

E ele:

— Não se faça de sabido, senão ganha um cascudo.

Quanto tempo vai se passar ainda até os grandes deixarem não só de bater nas crianças, mas também de ameaçarem-nas com surras? Hoje em dia parece que alguns nos fazem um grande favor não nos dando cascudos.

No caminho Mundinho voltou a falar do seu pai.

— Você deve estar achando que meu pai é um beerrão desses que fazem escândalo. No nosso prédio temos um vizinho assim. Apronta cada uma! Até a polícia veio um dia. Quando chega em casa, bate na mulher e nos filhos. Ouve-se o barulho das bofetadas, e depois gritos. Aí ele pega o primeiro objeto que lhe cai nas mãos e joga no chão, tanto faz que seja ou não de vidro. E começa a lengalenga: “Tudo aqui é meu, ganho com meu sangue e o suor da minha fronte; se quiser, quebro, destruo e queimo tudo.” E as crianças berrando: “Papai! Papai!” Se meu pai fizesse isso, não sei como eu reagiria. Mas papai só tem pouca resistência à bebida: toma alguns goles, e pronto.

— Mas então por que bebe?

— Sei lá. Deve ter acostumado. Mas eu não vou beber nunca, nem fumar. Para que encher-se de veneno? O álcool chega a queimar a boca, o sangue e o estômago. Experimentei fumar um dia. Mas um colega me fez botar o lenço na frente da boca e soprar a fumaça do cigarro através ao lenço apareceu uma mancha amarela, malcheirosa. Se eu fosse rei ou tivesse um poder qualquer, mandaria fechar todos os bares e botequins. Sem eles, o pessoal seria obrigado a deixar de beber.

Caminhamos um pouco em silêncio.

— No sangue existem umas bolinhas onde o ar penetra. É curioso como o homem é construído. Nenhuma máquina é como ele. Veja só: se você não dá corda no relógio, ele pára. Mas o homem funciona dez e até cem anos sem corda nenhuma. No jornal saiu outro dia que um sujeito chegou aos cento e quarenta.

Começamos a falar de velhinhos conhecidos nossos. Depois, dos veteranos de guerra; alguns lembram de batalhas do século passado.

— Você gostaria de ser um veterano?

Mundinho respondeu rapidamente:

— Não. Mas gostaria de ter quinze ou vinte anos.

— Mas aí talvez os seus pais já não estivessem vivos.

Ele refletiu um pouco e concluiu com tristeza:

— Bem, então deixe ficar como está.

Despedimo-nos com um aperto de mão e olhando um para outro. As meninas vivem se beijando, mesmo quando não gostam uma da outra. Nós, garotos, somos mais autênticos. Mas talvez seja só uma questão de hábito?

Bem, vejamos o que mais aconteceu.

Nada de importante. Aulas e mais aulas.

Na aula de educação física o professor mostrou-nos um novo jogo. Há duas equipes que ficam separadas por uma linha traçada no chão, chamada fronteira. Trata-se de arrastar os adversários para o outro lado, onde eles ficam presos. Quem arrastar mais gente para o seu lado ganha. No início havia alguns garotos atrapalhando, deixando-se arrastar de propósito, porque preferiam ficar com os amigos da outra equipe. Ou então soltando-se depois de arrastados, e argumentando que isto era permitido. Mas a seguir tudo correu bem. Foi uma brincadeira bem alegre.

Pedimos que o jogo continuasse até o fim da aula, até a campainha, mas o professor não deixou. Por que será?

No meu entender, o melhor seria escolher alguns jogos de que todo mundo gosta e continuar com eles. Se há tantos anos as pessoas vêm jogando basquete ou futebol, por que iríamos achar monótono? Mas não: em cada aula tem que ter uma atividade nova. Isto aborrece, porque acabamos não aprendendo nada direito. Dá para saber de que se

trata, mas qualquer jogo teria de ser jogado semanas a fio para poder conhecê-lo a fundo, com todas as suas dificuldades e todos os seus jeitinhos honestos ou desonestos.

Os adultos pensam que as crianças gostam de novidades a toda hora. E mesma coisa com os contos.

Sem dúvida, existem os que logo torcem a cara:

— Isto eu já conheço, já sei.

Mas, pensando bem, sempre há alguém que torce a cara, qualquer que seja o assunto; acha que não interessa e prefere outra coisa.

Mas podemos muito bem ouvir várias vezes um bonito conto de fadas ou uma história interessante. Tanto quanto os adultos, que vão ao teatro ver a mesma peça várias vezes, ou até mais. Porque as crianças o fazem mais raramente para se exhibir, e sim para conhecer as coisas a fundo.

O tempo na escola corre rápido demais, como se tivesse por trás alguém com um chicote, apressando.

A brincadeira foi bem agradável.

Na aula de aritmética tivemos a presença do inspetor.

Dizem que devemos esforçar-nos sempre, mesmo quando ninguém está vendo. Que mesmo quando não há ninguém vigiando devemos comportar-nos bem. Mas eles próprios nem sempre o fazem.

Quando o inspetor está presente, todo mundo se empenha mais. Até o diretor. E toda a escola parece em festa. Não se sabe de que têm medo, porque o inspetor é um bom sujeito, muito agradável, nada diferente de um homem comum.

Mandou-nos calcular o volume de uma caixinha. Mas Domingos estava tão nervoso que não ouviu bem e perguntou:

— O volume de uma coxinha?

Pensamos que ele ficaria furioso e que a professora reclamaria conosco depois. Mas ele está se acabando de rir:

— Se você só pensa em coxinha de galinha, deve ser um bom garfo!

Todos começaram a rir, mas a seguir deram respostas corretas. A professora acabou nos elogiando. E a aula foi bem agradável.

Outro dia a professora estava fazendo anos. Era um dia de muito frio, e combinamos que iríamos colocar um pinheirinho enfeitado na sala. Mas não arranjam os pinheirinhos. Quisemos, então, escrever um belo cartão de parabéns, mas começaram as discussões, e também não deu em nada. Devia ser um trabalho coletivo: um escreveria o texto e todos assinariam embaixo. Primeiro deliberaram que cada um teria de dar cinco centavos. Mas quem vai comprar o cartão, e o que se deve escrever? Não se chegou a um acordo. Portanto, não aconteceu nada. Só alguns alunos fizeram uns desenhos e deixaram na mesa; e no quadro negro escrevemos:

“Melhores votos de aniversário.”

Alguns queriam acrescentar:

“Muita saúde e felicidade.”

E outros propunham até:

“Um marido bonito.”

E ficaram inventando uma porção de bobagens, mas nós não deixamos. E estávamos com pressa, para terminar antes do fim do recreio.

A professora olhou e apenas sorriu. Mas deve ter pressentido alguma coisa, porque não tivemos aula, só leitura. A professora trouxe um livrinho, “Nosso garoto”, e leu durante a aula toda.

Um belo livro. Triste.

Só acho desagradável quando interrompem a leitura para acrescentar ou esclarecer alguma coisa. Quem ouve atentamente deve entender tudo, e mesmo se alguma coisa lhe escapar, será capaz de deduzir o sentido depois.

Alguns gostam de fazer perguntas, e outros reclamam que as perguntas estão atrapalhando. Mas raramente perguntam porque querem mesmo saber, e sim para aparecer, mostrar como são cuidadosos.

Se o livro não for muito interessante, não faz mal que haja interrupções e explicações; o tempo passa mais rápido. Mas quando o texto é bom, ficamos com receio de que a professora não terá tempo de terminar. E mesmo se ficamos sem entender alguma coisa, o resultado parece mais misterioso.

Deu tempo para a professora ler o livro todo, e antes da campanha agradeceu-nos pelas felicitações.

Já sei por que o fez. No início da aula tinha medo de que a turma começasse a gritar e ela não conseguisse ler. Os professores têm medo de qualquer festa na sala de aula, de qualquer alegria, qualquer explosão de contentamento. É chato, mas parece que tem que ser assim.

Aconteceram também diversas brincadeiras, e a semana passou em meio à alegria. Mas houve também várias tristezas, pequenas e maiores. Algumas de ordem pessoal, outras por solidariedade.

Nós, crianças, sofremos muito por compaixão, quando vemos que alguém está em dificuldades.

O professor rasgou um caderno, quase novo, de Henrique. Ele tinha feito um trabalho com displicência; não propriamente com displicência, mas estava com muita pressa, porque a mãe dele estava doente e ele tinha muita coisa para fazer em casa. Nem pretendia fazer o trabalho, mas ficou com medo do professor. E a emenda resultou pior que o soneto. Porque o professor estava de mau humor e disse:

— Um aluno que não tem vergonha de mostrar ao professor uma semelhante borração...

E rasgou o caderno, quase novo.

Não gosto muito de Henrique. Ele fica sentado longe de mim, vejo-o pouco, e quase não converso com ele. Nos jogos e nas brincadeiras ele é meio selvagem, e parece ser muito pobre.

Mas fiquei espantado, porque pela primeira vez o vi chorar. Lágrimas lhes escorriam pelo rosto, de verdade. Depois ficou sentado, acabrunhado.

Olho para ele uma, duas vezes, e no intervalo aproximo-me dele.

Quando eu era professor, ficava admirado vendo que cada vez que eu castigava alguém, quer justa ou apressadamente, logo um grupo reunia-se em torno dele, conversando, consolando. Mesmo o pior elemento encontrava sempre aliados entre os melhores. Aliados contra mim.

Eu dizia: "Não brinquem com ele, não lhe dêem a mão."

E eles faziam tudo ao contrário.

Mas agora entendo.

O professor só faz acusar, então alguém precisa defender. Pois sabe-se que o acusado, embora não diga nada, poderia alegar alguma coisa em sua defesa. No mundo adulto até o pior criminoso tem um advogado.

Muito bem, ele escreveu displicentemente no caderno. Não é normal: mesmo o sujeito mais preguiçoso e descuidado costuma esmerar-se quando começa um caderno novo.

Bem, e daí?

A mãe está doente. Se a letra dele sempre foi ruim, quanto mais agora! E existem aqueles que por mais que queiram escrever bonito, não o conseguem. O papel de um caderno barato é de má qualidade, a pena, deve estar gasta, a tinta aguada, o mata-borrão só faz borrar.

Por coincidência tenho um caderno novo, então dou a Henrique. Ficou contente, disse que justamente agora não podia pedir ao pai, porque a família estava sem dinheiro por causa da tal doença.

Ele me havia provocado algumas vezes, mas sei que não o fará mais. Podemos guardar distância, mas quando ele está com problema, precisa ser ajudado.

O segundo desgosto por compaixão foi o seguinte:

A nova funcionária encarregada da higiene achou um piolho na camisa de Alberto. Logo começou a implicar com ele. Com ele e com todo mundo. Diz que os garotos não se lavam direito, têm garras enormes e não engraxam os sapatos.

(Claro: as crianças têm garras, quem tem unhas são os adultos.)

Por que ela não diz que um de nós tem piolhos, por que mete a turma toda no meio? E por que envergonhar o garoto até as lágrimas? Ter piolho é coisa que pode acontecer a qualquer um. Não se sabe de onde vêm. Nem sempre lidamos só com pessoas limpas. Sentamos perto

de outros garotos, deixamos o casaco pendurado junto a outros casacos. Algumas famílias alugam quartos, e o inquilino, quem sabe, pode ser sujo. E tem tanta criança pequena zanzando sempre pelo pátio...

Mas logo vêm ironias e piadas. Até as nossas mães acabam envolvidas na conversa, coisa que a mulher da higiene não tinha positivamente o direito de fazer.

E os puxa-sacos, só para se fazerem de interessantes, intervêm na conversa, com piadinhas que espezinham. E com risadas. O riso às custas de alguém que sofre é abominável.

Engraxar os sapatos? Muito bem, desde que tenhamos uma escova para passar graxa, uma latinha de graxa e outra escova para dar brilho. Mas o que fazer se a sua escova perdeu todos os pêlos e já está na madeira? E se uma lata de graxa, tamanho médio, custa vinte centavos? Passar cuspe pode dar certo algumas vezes, mas depois fica pior do que nunca, e nem a graxa adiantará muito.

Como se nós dependêssemos de nós mesmos...

O pior caso é o de Mundinho, que tem sapato apertado. Machucou o pé e está mancando cada vez mais. Eu tenho problemas com o meu casaco, grande demais; mas o problema dele é pior ainda.

Ele tem medo de contar em casa, porque os pais vão reclamar: eles queriam comprar um número acima. Mas ocorre que na época mesmo o sapato que agora aperta era grande demais.

— Não sei o que aconteceu. Parece que a pessoa cresce desigual. O último par gastou todo, e continuava muito grande. Na época, meu pé não crescia de jeito nenhum, mas de uns seis meses para cá fiquei com umas patas que nem sei de onde e como surgiram. Tudo ficou pequeno para mim. Não posso fazer ginástica, porque tenho medo de que tudo rasgue, estoure. Pelos barulhos que a roupa está fazendo, parece que falta pouco. O professor fica zangado, porque não me esforço, não coloco as mãos direito no chão, fico marchando fora do ritmo; mas não lhe ocorre olhar como estou vestido.

— E o que vai fazer?

— Sei lá... Quando não conseguir mais andar de jeito nenhum, eles acabarão percebendo. Então, valha-me Deus. Vão gritar comigo, são até capazes de me bater. Ora, não é minha culpa se estou crescendo. Um dia este crescimento acaba.

A seguir comentamos que quando se dá aguardente a um filhote de cachorro, dizem que ele pára de crescer. Será que os pôneis ficam pequenos porque alguém lhes deu bebida alcoólica? No ano passado vi um pônei lindo, carregando o cartaz de um circo.

— Você viu mesmo?

— Então, como é que não vi?

— No centro?

— Não, no meu bairro.

Os adultos ficam espantados quando nos vêem brigando; e, no entanto, somos solidários entre nós. Pois é, existem dois grandes times: os adultos e as crianças. E depois, um grupinho contra outro grupinho, e cada um contra cada um. Só Mundinho é meu amigo de verdade — e ainda assim, não sei por quanto tempo.

Meu maior aborrecimento pessoal é que tenho dificuldade na escola. Estou esquecendo aquilo que sabia quando era adulto. Agora não posso mais deixar de prestar atenção nas aulas, preciso tomar cuidado e fazer bem os deveres.

Acho difícil responder quando me interrogam. Não tenho certeza se estou sabendo. Tenho medo de que não vai dar certo.

Quando o professor ou a professora olham para a turma querendo escolher um aluno para interrogá-lo, meu coração começa a bater num ritmo diferente. Talvez não seja medo, mas mal-estar. Como se fosse uma investigação policial; não basta não ter culpa, nunca se sabe, em que vai dar.

E não dependo só de mim mesmo, mas da turma. Uma coisa é responder quando a turma sabe e entende; já quando os colegas não sabem, tudo é diferente, e a professora acaba se impacientando.

Se alguém falou bobagem antes de mim, é difícil responder corretamente logo a seguir.

Por isso existem dias quando todos, mesmo os piores alunos, sabem tudo; e os dias fatais em que a turma toda parece abobalhada. A não ser que o aluno seja indiferente ao clima coletivo e começa a responder por conta própria. Mas então sentimos que todos estão torcendo contra e ficam à espera do seu fracasso. Tem alguma coisa no ar, como se todos estivessem pensando:

“Você vai errar, você vai errar!”

Paciência: não sei, não entendi, não consigo. Por que seria obrigado a entender? E, se não entendi, isto quer dizer necessariamente que não prestei atenção? As crianças menos talentosas não têm, por acaso, direito a um lugarzinho ao sol?

A professora chamou-me para o quadro-negro. Um teste de recuperação. Minha cabeça está dando voltas. O que me espera só pode ser:

“Mais um zero para você.”

Alguns sabem fingir segurança, pigarreiam, assumem uma expressão de orgulho; outros tornam-se humildes, dignos de compaixão; e há também os que sabem aproveitar instantaneamente qualquer idéia que alguém lhes sobre. Parece que o sujeito está tentando resolver o problema sozinho, mas no fundo está esperando uma palavra da professora. E quem sabe no último momento acontecerá algo inesperado que lhe trará a salvação?

Cada um tem seu jeito próprio para tentar sair-se do apuro. Eu também tenho. Mas a professora já está de marcação comigo. Não diria que está me perseguindo, mas fica me vigiando.

Os colegas fazem sinais com os dedos mostrando que falta pouco para a campanha. Mas isto não é consolo. Ou ela me mandará ficar depois da campanha, o que é a pior solução, ou então não me dará nota, mas lembrará o meu desempenho:

— Péssimo.

Eu sei que não fui nada bem, e só fico esperando para ver se ela resolve brigar comigo ou fazer piadinhas.

Mas o que ocorre é coisa pior ainda. Ela faz um discurso de recriação.

— O que foi que aconteceu com você? Ficou tão displicente! Não presta atenção na aula, escreve sem cuidado, desinteressou-se de tudo. E eis os resultados. Ontem fizemos um problema muito parecido. Se tivesse prestado atenção...

Tudo perdido.

Pois é, alguma coisa estragou dentro de mim. Ficamos enguiçados e nos corrigimos sucessivamente. Não é nunca sem motivo. Quem não sabe o que se passa na minha cabeça e o que meu coração sente, pensa que é fácil julgar-me.

Tudo perdido.

A professora não gosta mais de mim. E está irritada por ter se enganado. O melhor é ser desde o início um aluno como outro qualquer, insignificante, anônimo. É mais seguro, mais fácil; há mais liberdade. Cobram-lhe menos, não precisa esforçar-se tanto.

Abaixei a cabeça e só arrisco um olhar com o canto do olho, porque não sei se a professora está com pena, se deixará de gostar de mim.

O professor nunca diz que gosta de um aluno, mas é uma coisa que a gente sente. A voz fica diferente, o olhar também. Às vezes, de repente, nos repele, e sentimos uma onda fria nos penetrando por dentro.

Sofremos muito, e não há nada que se possa fazer. Às vezes, surge um sentimento de revolta dentro da gente. Pois, que culpa temos?

Que culpa tenho se Basílio inventou uma brincadeira imbecil e fez espirrar umas gotas espremidas da casca de laranja para dentro do meu olho? Ardeu como o diabo. Não falei nada, só esfreguei a vista.

E a professora:

— O que é que você está aprontando? Em vez de prestar atenção...

É claro que não vou contar. E coisas como esta não acontecem só de vez em quando.

Alguém te beliscou, você deu um grito e um pulo. A culpa é sua.

Os professores não têm idéia do medo que temos daqueles que são chamados de “bonzinhos”.

Um sujeito deste tipo faz o que quer e nada lhe acontece. É uma infelicidade tê-lo ao nosso lado ou atrás de nós. Nunca sabemos o que acontecerá dentro de um minuto ou dentro de uma hora.

Num outro incidente eu tive também um pouco de culpa.

Estou tranqüilamente sentado na aula, e de repente vejo que Serginho, na minha frente, tem cinco impressões digitais marcadas com giz nas costas da camisa. No recreio alguém deve ter passado giz na mão e dado um tapa nas costas dele. Ele não sabe de nada, mas tem uma mancha de giz em forma de mão na camisa.

Deu-me vontade de verificar se era mão direita ou esquerda. Pretendia fazê-lo de longe, mas sem querer toquei nele. Virou a cabeça. O professor reclama que ele não sabe ficar quieto. E lá vem Vítor:

— Olhem só, a mãozona na camisa dele!

O professor volta-se logo contra mim.

Não adianta mostrar que minha mão está limpa. O professor ordena:

— Fiquem de pé, os dois!

Não ficamos de pé muito tempo. Mas não é disso que se trata. O que magoa é que todos os nossos assuntos são liquidados às pressas e de qualquer maneira, como se para os adultos a nossa vida, as nossas preocupações e insucessos não passassem de acréscimos aos problemas verdadeiros que eles têm.

É como se existissem duas vidas: a deles, séria e digna de respeito; e a nossa, que é como se fosse de brincadeira. Somos menores e mais fracos; daí, tudo que nos diz respeito parece um jogo. Por isso o pouco caso.

As crianças são os homens do futuro. Quer dizer que eles existirão um dia, mas por enquanto é como se ainda não existissem. Ora, nós existimos: estamos vivos, sentimos, sofremos.

Nossos anos de infância são anos de uma vida verdadeira.

Por que nos mandam aguardar, e o quê?

E eles, os adultos, será que se preparam para a velhice? Não desperdiçam levianamente as suas forças? Gostam, acaso, de ouvir as advertências de velhos ranzinzas?

Na cinzenta monotonia da minha vida de adulto lembrei-me das vivas cores dos anos da infância. Voltei atrás, deixei iludir-me pelas reminiscências. E eis que ingressei na cinzenta monotonia dos dias e das semanas de criança. Nada lucrei, mas perdi o tempero da resignação.

Estou triste. Sinto-me mal.

Estou terminando o meu estranho relato.

Os acontecimentos se precipitam.

Levo o postal de Mariazinha para a escola, para mostrar a Mundinho.

Vítor arranca-o da minha mão.

— Devolva!

Ele está fugindo.

— Devolva já, ouviu!

Ele agita a mão com o postal e grita o mais alto que pode:

— Tríplica! Uma carta da noiva!

Arranco-lhe o cartão. Amasso-o e rasgo em pedacinhos.

Nem reparo que um pedaço caiu no chão.

Estou enlouquecido de dor e de raiva.

Mas Vítor continua:

— Olhem só, pessoal! Ela o beija cem milhões de vezes!

Aproximo-me e dou-lhe um tapa na cara.

O diretor agarra-me pela mão.

Pois é. Ficou estragado. Costumava fazer desenhos bonitos. E escrevia bem. Agora não presta atenção. É agitado. Faz os deveres de qualquer maneira.

Mandam buscar minha mãe.

— Espere só o seu pai voltar do trabalho. Nunca mais ele te dá dinheiro para o cinema.

Estou acossado de todos os lados.

De todos os lados, palavras más, olhares maus, e anúncios de algo pior ainda.

Mundinho quer me consolar. Bem sei, mas não agüento mais. Empurro-o brutalmente. Lanço uma acusação irrefletida:

— É tudo por sua causa.

Mundinho olha para mim, espantado.

Por quê? A troco de crê?

Tudo por causa daquele postal.

Odeio Mariazinha. Uma boba. Uma leviana. Capaz de dançar a noite inteira. Revira os olhos fazendo-se de sedutora.

Pena que ela esteja tão longe. Faria tudo para contrariá-la. Daria uns safanões. Jogaria o laço de fita na sarjeta.

Arranco o broto de ervilha do vaso. Jogo-o pela janela. Irene tem lágrimas nos olhos. Sente que algo terrível aconteceu.

Não ter nada, não ter ninguém.

Malhado, onde está você?

Não. Para que quero esse cachorro? Deixem Roberto ficar com ele, como juro pelo dinheiro que emprestou. Comprou-o por dez centavos. Deixem Malhado lambe as mãos dele.

Destruí todas as lembranças, rompi com o mundo inteiro.

Fiquei só.

Minha mãe?

Pois ela não disse que me renega? Que só quer saber de Irene? E nada de mim?



Sou indigno, marginal, maldito, brigado com a vida.  
 Tudo e todos me abandonaram. Só vejo traição em toda parte.  
 — É agitado. Faz os deveres de qualquer maneira.  
 A professora, Malhado, minha mãe.  
 Subi correndo para o sótão e sentei-me no degrau em frente à porta.  
 Há vazio dentro de mim e vazio em volta.  
 Agora não penso mais em nada.  
 Suspirei fundo.  
 Por uma rachadura na porta do sótão surge o homenzinho balançando a lanterna.  
 — Ah, é você!  
 Ele alisa a barba branca. Não diz nada.  
 Fica esperando.  
 Num murmúrio sem esperanças, atravessando as lágrimas, digo:  
 — Quero ser grande. Agora desejo ser adulto.  
 A lanterna do anãozinho piscou na frente dos meus olhos.

\* \* \*

Estou sentado atrás da escrivaninha.  
 Uma pilha de cadernos para serem corrigidos.  
 Na frente da cama, um tapetinho desbotado.  
 Vidraças empoeiradas nas janelas.  
 Estendo a mão e pego o primeiro caderno.  
 Um erro.  
 A palavra “mesa” escrita com “z”. O “z” está riscado e por cima está escrito um “s”. Mas depois o “s” está por sua vez riscado e mais em cima aparece de novo o “z”.  
 Pego um lápis azul e escrevo num papelzinho:  
 “Meza” — “meza”...  
 É uma pena. Mas não quero voltar atrás.

## SOBRE O AUTOR

Janusz Korczak é o nome com que se tornou internacionalmente conhecido Henryk Goldszmit, nascido em Varsóvia em 1878. De família judia, sua infância transcorreu sem problemas, o que lhe permitiu assentar as bases de sua formação intelectual, que mais tarde se revelaria em seus muitos escritos. Aos dezessete anos, um acontecimento trágico alterou sua vida: seu pai morreu, num hospital psiquiátrico. Daí para a frente, Korczak passou a se preocupar muito com a medicina, que estudou com o fruto de suas aulas particulares. Foi o período em que se tornou amigo dos jovens e das crianças das ruas dos bairros pobres de Varsóvia. Nada mais natural, portanto, que optasse pela pediatria, ao concluir seu curso. Paralelamente, começou a organizar colônias de férias para crianças de famílias operárias e órfãs.

Seus primeiros escritos de ficção, temas pedagógicos e literatura infantil datam da década de 1910, proclamando “a libertação da criança, sem a qual a da humanidade não teria qualquer sentido”. Entre seus livros se contam: *Pedagogia Divertida*, *A Glória*, *Rei Matias I*, *Jojo, o Feiticeiro*, e esta pequena obra-prima, *Quando eu Voltar a Ser Criança*. Publicou também jornais, como *Maly Przeglad*. Os escritos revelam que Korczak “conseguiu fundir e exprimir sua experiência e suas idéias teóricas numa forma poética”.

De uma fidelidade total à causa da criança, Korczak recusou-se a salvar sua vida e, em 1942, acompanhou um grupo de duzentos órfãos retirados do gueto de Varsóvia até sua jornada final a um campo de concentração, onde foi morto.

## NOVAS BUSCAS EM EDUCAÇÃO

### VOLUMES PUBLICADOS

1. *Linguagem Total* — Francisco Gutiérrez.
2. *O Jogo Dramático Infantil* — Peter Slade.
3. *Problemas da Literatura Infantil* — Cecília Meireles.
4. *Diário de um Educastrador* — Jules Celma.
5. *Comunicação Não-Verbal* — Flora Davis.
6. *Mentiras que Parecem Verdades* — Umberto Eco e Marisa Bonazzi.
7. *O Imaginário no Poder* — Jacqueline Held.
8. *Piaget para Principiantes* — Lauro de Oliveira Lima.
9. *Quando Eu Voltar a Ser Criança* — Janusz Korczak.
10. *O Sadismo de Nossa Infância* — Org. Fanny Abramovich.
11. *Gramática da Fantasia* — Gianni Rodari.
12. *Educação Artística* — luxo ou necessidade — Louis Porches.
13. *O Estranho Mundo que se Mostra às Crianças* — Fanny Abramovich.
14. *Os Teledependentes* — M. Alfonso Erausquin, Luiz Matilla e Miguel Vásquez.
15. *Dança, Experiência de Vida* — Maria Fux.
16. *O Mito da Infância Feliz* — Org. Fanny Abramovich.
17. *Reflexões: A Criança — O Brinquedo — A Educação* — Walter Benjamim.
18. *A Construção do Homem Segundo Piaget* — Uma teoria da Educação — Lauro de Oliveira Lima.
19. *A Música e a Criança* — Walter Howard.
20. *Gestaltpedagogia* — Olaf-Axel Burow e Karlheinz Scherpp.
21. *A Deseducação Sexual* — Marcello Bernardi.
22. *Quem Educa Quem?* — Fanny Abramovich.
23. *A Afetividade do Educador* — Max Marchand.
24. *Ritos de Passagem de nossa Infância e Adolescência* — Org. Fanny Abramovich.
25. *A Redenção do Robô* — Herbert R'ad.
26. *O Professor que não Ensina* — Guido de Almeida.
27. *Educação de Adultos em Cuba* — Raúl Ferrer Pérez.
28. *O Direito da Criança ao Respeito* — Dalmo de Abreu Dallari e Janusz Korczak.
29. *O Jogo e a Criança* — Jean Chateau.
30. *Expressão Corporal na Pré-Escola* — Patricia Stokoe e Ruth Harf.
31. *Estudos de Psicopedagogia Musical* — Violeta Hemsy de Gainza.
32. *O Desenvolvimento do Raciocínio na Era da Eletrônica* — Os Efeitos da TV, Computadores e "Videogames" — Patrícia Marks Greenfield.
33. *A Educação pela Dança* — Paulina Ossona.
34. *Educação como Práxis Política* — Francisco Gutiérrez.
35. *A Violência na Escola* — Claire Colombier e outros.
36. *Linguagem do Silêncio* — Expressão Corporal — Claude Pujade-Renand.
37. *O Professor não Duvida! Duvida!* — Fanny Abramovich.
38. *Confinamento Cultural, Infância e Leitura* — Edmir Perrotti.
39. *A Filosofia Vai à Escola* — Matthew Lipman.
40. *De Corpo e Alma* — o discurso da motricidade — João Batista Freire.
41. *A Causa dos Alunos* — Marguerite Gentzbittel.
42. *Confrontos na Sala de Aula* — uma leitura institucional da relação professor-aluno — Julio Groppa Aquino.